

**UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE- UNIVILLE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PRPPG
MESTRADO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE-MPSC**

**A EXPERIÊNCIA DE TEMPO E ESPAÇO DA VELHICE NO LAR DO IDOSO
BETÂNIA DE JOINVILLE**

**MESTRANDA: MARA FALCÃO PALHARES BARBOSA
ORIENTADORA: PROF^a DRA. TAIZA MARA RAUEN MORAES**

JOINVILLE-SC

2016

MARA FALCÃO PALHARES BARBOSA

**A EXPERIÊNCIA DE TEMPO E ESPAÇO DA VELHICE NO LAR DO IDOSO
BETÂNIA DE JOINVILLE**

Dissertação de mestrado apresentada ao curso de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade – Turma VII, da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Taiza Mara Rauen Moraes.

JOINVILLE - SC

2016

Catálogo na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

B238e Barbosa, Mara Falcão Palhares
A experiência de tempo e espaço da velhice no Lar do Idoso Betânia de Joinville/ Mara Falcão Palhares Barbosa; orientadora Dra. Taiza Mara Rauen Moraes. – Joinville: UNIVILLE, 2016.

122 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade
– Universidade da Região de Joinville)

1. Velhice. 2. Envelhecimento. 3. Lar do Idoso Betânia. 4. Asilo para idosos.
5. Patrimônio cultural. I. Moraes, Taiza Mara Rauen (orient.). II. Título.

CDD 305.26

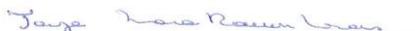
Termo de Aprovação

“A Experiência de Tempo e Espaço da Velhice no Lar do Idoso Betânia em Joinville”

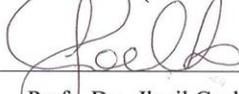
por

Mara Falcão Palhares Barbosa

Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, área de concentração Patrimônio Cultural, Identidade e Cidadania e aprovada em sua forma final pelo Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade.



Profa. Dra. Taiza Mara Rauen Moraes
Orientadora (UNIVILLE)



Profa. Dra. Ilanil Coelho
Coordenadora do Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade

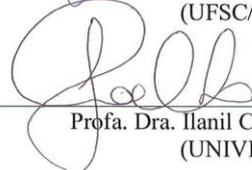
Banca Examinadora:



Profa. Dra. Taiza Mara Rauen Moraes
Orientadora (UNIVILLE)



Prof. Dr. Pedro Albeirice da Rocha
(UFSC/UFT)



Profa. Dra. Ilanil Coelho
(UNIVILLE)



Profa. Dra. Raquel Alvarenga Sena Venera
(UNIVILLE)

Joinville, 30 de novembro de 2016.

À mamãe – presente Divino!

À Linda – eternamente linda!

MINHA GRATIDÃO

*“Dai-me a alegria
Do poema de cada dia
E que ao longo do caminho
Às almas eu distribua
Minha porção de poesia.”*

(QUINTANA, 1997, p. 125)

Primeiramente, a Deus – meu refúgio e fortaleza nas tantas e tantas horas difíceis!

Aos meus preciosos filhos – Fael, Larissa e Tatá – pois, por existirem e por amá-los, encontrei motivos. Continuei. Também, por me permitirem tantas ausências! Perdão!

À querida e amada mamãe – de quem sempre pude sugar forças para minhas travessias. Em quem posso inspirar-me, pelo amor e consagração à família, dignidade, honra e trabalho. Meu orgulho!

Ao saudoso – sempre presente – papai (*in memorian*), pelo otimismo, perseverança e garra ao trabalho; sobretudo, pela dedicação aos filhos, estimulando-nos aos estudos.

Às pequenas estrelas – Júlia e Pedro –, meus amados netos! Seu brilho em minha vida iluminou mais este percurso.

Aos meus tão amados avós maternos (*in memorian*), por terem suscitado em mim – eu ainda criança – o amor à leitura e o prazer em ouvir histórias.

À minha querida e sempre elegante avó paterna (*in memorian*), simplesmente por ter-me amado.

Aos meus queridos irmãos e irmãs, pelo apoio e carinho e por ainda hoje – apesar de geograficamente distantes – acalentarem em mim o aconchego de uma família.

À estimada Liliane, por me achar capaz, apoiar-me e incentivar-me nessa jornada!

À Dani, sempre tão querida e pronta a ajudar! Importantíssimas suas contribuições, amiga!

Aos colegas do Mestrado da turma VII – todos solícitos e acolhedores –, pelas trocas de ideias, experiências e conhecimentos enriquecedores. Foram tardes e noites que me fomentaram a vontade de estudar mais e mais!

À turma do Grupo de Pesquisa Imbricamentos da Linguagem, coordenado pela professora Taiza. Que finais de tardes gostosos e calorosos aqueles! Todos regados por muitas discussões teóricas, enriquecidos por múltiplos olhares, norteados por renomados pensadores. Ao mesmo tempo, quantas trocas de experiências do cotidiano! Como valeram a pena esses momentos!

Aos meus queridos e admirados professores do curso de Mestrado. A vocês, doutores, minha reverência! Creiam, todos superaram minhas expectativas! Fizeram-me seguir o que Nietzsche proferiu: “fazer do conhecimento a mais potente das paixões”!

À minha orientadora, Dra. Taiza Rauen Moraes – de quem pude aprender lições de amor e empenho à educação; fonte de sabedoria e conhecimento, de humanidade, humildade – que acreditou em mim, valorizou-me e ajudou-me a enxergar os caminhos a trilhar. Seu apoio, compreensão e direcionamento foram vitais nesse percurso!

À querida e competente secretária do departamento de MPCs – Rosemeri – sempre de prontidão a nos auxiliar.

À eficientíssima Cássia, secretária do Comitê de Ética da UNIVILLE.

À minha estimada ex-diretora Brígida Erhardt, por depositar fé em meu trabalho quando eu ainda engatinhava no magistério – seu gesto me impulsionou a seguir, encorajou-me. Sua imparcialidade e senso de justiça na gestão, seu altruísmo em prol da educação fizeram-me acreditar que é possível construir um mundo melhor. Você sempre será uma fonte de inspiração e referencial para minha vida!

Ao Té, pelo apoio final.

Aos amigos e colegas de trabalho, sempre me apoiando.

Aos queridos idosos do Lar Betânia que tão calorosamente me receberam! Quão preciosas suas contribuições! E que deleite ser uma ouvidora de suas histórias! Também à direção e aos funcionários desse Lar que, da mesma forma que os internos, foram verdadeiros anfitriões, deixando-me totalmente à vontade para a pesquisa.

À CAPES, pela bolsa oferecida – grande suporte para o sustento de minha pesquisa; portanto, uma contribuição à sociedade e à realização de mais um sonho pessoal.

“Escrever é fazer-se eco do que não pode parar de falar – e, por causa disso, para vir a ser o seu eco, devo de uma certa maneira impor-lhe silêncio. Proporciono a essa fala incessante a decisão, a autoridade do meu próprio silêncio. Torno sensível, pela minha mediação silenciosa, a afirmação ininterrupta, o murmúrio gigante sobre o qual a linguagem, ao abrir-se, converte-se em imagem, torna-se imaginária, profundidade falante, indistinta plenitude que está vazia.”

(BLANCHOT, 1987)

“Reinauguração

[...]

Nossa idade – velho ou moço – pouco importa.

Importa é nos sentirmos vivos

E alvoroçados mais uma vez, e revestidos de beleza,

A exata beleza que vem dos gestos espontâneos

E do profundo instinto de subsistir

Enquanto as coisas em redor se derretem e somem

Como nuvens errantes no universo estável.

Prosseguimos. Reinauguramos. Abrimos os olhos gulosos

A um sol diferente que nos acorda para os Descobrimentos.

Esta é a magia do tempo.”

(ANDRADE, 2004)

RESUMO

Esta dissertação, vinculada ao Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE – linha de pesquisa Patrimônio e Memória Social, nasce do desejo de refletir sobre narrativas ouvidas de experiências de oito idosos internos do Lar do Idoso Betânia de Joinville que versam sobre suas relações e vivências no tempo e no espaço. Com esse objetivo, a investigação é dirigida para percepções de velhice e sobre a condição do velho na sociedade contemporânea, tomando-se como base, principalmente, os subsídios teóricos dos pensadores Ana Amélia Camarano (2004, 2011), Ecléa Bosi (2004), Joel Birman (2001), Jorge Forbes (2011, 2012), Luc Ferry (2010), Michel Maffesoli (1998, 2007, 2012), Norbert Elias (2001), Norberto Bobbio (1997), Simone de Beauvoir (1976) e Zigmunt Bauman (1998). Entendendo, ainda, o poético como um gênero que possibilita outras compreensões da realidade abordada, por construir uma ideia abarcada pelos acontecimentos de fato e pelos verossímeis – criados pela imaginação – faz-se uma incursão em alguns escritos poéticos contemporâneos de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e Mário Quintana sobre essa última fase da vida. Parte-se, então, para o ponto alto da pesquisa: ouvir e registrar as narrativas de oito internos do Lar do Idoso Betânia de Joinville. Histórias de vida – captadas por meio de entrevistas semiestruturadas – com as quais procurou-se perscrutar suas sensibilidades, seus possíveis anseios, angústias, desejos, alegrias, prazeres, tristezas e carências nessa etapa da existência. Também refletir sobre suas memórias, tendo como suporte os pensamentos de Ecléa Bosi (2004), Gaston Bachelard (1978) e Norberto Bobbio (1997).

Palavras-Chave: Patrimônio cultural. Narrativas de vida. Velhice.

ABSTRACT

This master thesis, linked to the Master's Degree in Cultural Heritage and Society from the University of Joinville - UNIVILLE - , on the Heritage and Social Memory research line, arises from the desire to reflect on narratives heard from the experiences of eight elderly inmates of a nursing home called "Lar do Idoso Betânia", in the city of Joinville, who relate to their relationships and experiences in time and space. With this goal, the research is directed to perceptions of old age people and the condition of the old in contemporary society, taking as a basis, mainly, the theoretical subsidies of the thinkers Ana Amélia Camarano (2004, 2011), Ecléa Bosi (2004), Joel Birman (2001) Jorge Forbes (2011, 2012), Luc Ferry (2010), Michel Maffesoli (1998, 2007, 2012), Norbert Elias (2001), Norberto Bobbio (1997), Simone de Beauvoir (1976) e Zigmunt Bauman (1998). In this work, understanding the poetic as a genre that makes possible other understandings of the reality approached, in order to construct an idea encompassed by the events of fact and by the probable ones - created by the imagination - an incursion is made in some contemporary poetic writings of Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles and Mário Quintana about this last phase of life. Then, we're headed to the high point of the research: the listening and recording of the narratives of eight inmates of the Lar do Idoso Betânia in Joinville . Life stories - captured through semi-structured interviews - with which it was sought to examine their sensibilities, their possible yearnings, anxieties, desires, joys, pleasures, sorrows and disabilities in this stage of existence. Another aim is to reflect on these old people's memories, having as support the thoughts of Ecléa Bosi (2004), Gaston Bachelard (1978), Norberto Bobbio (1997).

Keywords: Cultural heritage. Life narratives. Old age.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 A VELHICE NA CONTEMPORANEIDADE	33
1.1 A CONDIÇÃO CONTEMPORÂNEA.....	33
1.2 A VELHICE FRENTE À NOVA EXPECTATIVA DE VIDA NA CONTEMPORANEIDADE	52
1.3 ENVELHECER.....	58
1.4 VELHICE E MORTE.....	61
2 OLHARES POÉTICOS CONTEMPORÂNEOS SOBRE A VELHICE	65
2.1 PERCEPÇÕES SOBRE A VELHICE	66
2.2 A VELHICE EM VERSOS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, CECÍLIA MEIRELES E MARIO QUINTANA.....	67
3 A CASA – VIVÊNCIAS DE TEMPO E ESPAÇO: HISTÓRIAS REGISTRADAS ...	79
3.1 OITO ENTREVISTADOS – OITO VIDAS, VÁRIAS NARRATIVAS: SUAS PERCEPÇÕES E SENSIBILIDADES.....	84
3.1.1. Dona Helena.....	84
3.1.2 Senhor Norberto	87
3.1.3 Dona Hadwiga.....	88
3.1.4 Dona Adélia.....	92
3.1.5 Senhor Pedro	96
3.1.6 Dona Alice	98
3.1.7 Dona Sigrid	101
3.1.8 Dona Percides	106
CONSIDERAÇÕES	110
REFERÊNCIAS	113
APÊNDICES	119

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – (TCLE)	119
APÊNDICE B - AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ	120
APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO	121
APÊNDICE D - DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO CO-PARTICIPANTE	123
ANEXOS	124
ANEXO A - LAR BETÂNIA	124

INTRODUÇÃO

“Então vem o poeta e divisa na massa amorfa que passa pela rua uma figura humana, mulher, homem, velho, jovem, criança; em um relance, o que era sombra errante vira gente. O que era opaco transparece varado pela luz da percepção amorosa ou perplexa, mas sempre atenta. Aquele vulto que parecia vazio de sentido começa a ter voz, até mais de uma voz, vozes. Irrompe o fenômeno da expressão. Quem tem ouvidos ouça!”

(BOSI, A., 2010, p. 260)

Este estudo tem seu início com as aulas ministradas por mim no decorrer de 2006. Nelas, tive a grata satisfação, em trabalhando com os estudantes do 9º ano – último ano do Ensino Fundamental –, de ter um contato maior com os velhos. Estudávamos, na ocasião, o gênero memórias literárias. Para que alcançássemos, então, sucesso nessa aprendizagem e pudéssemos conhecer melhor o lugar onde vivemos, vários idosos foram ouvidos. Aqueles velhos contadores, ou contadores velhos descortinaram paisagens, levando-nos a caminhos e tempos desconhecidos. Com eles, percorremos estradas, desbravamos lugares. Cada palavra pronunciada evocava sensações múltiplas, sinestésicas. Muitos fatos revividos, ressignificados. Muitas histórias contadas e, pelos estudantes, encantadoramente, recontadas em textos escritos. Tinham, estes, não somente ouvido o conteúdo, como também – principalmente – se sensibilizado com as narrativas de vida daqueles. Essa tarefa, no mínimo, provocou uma mudança de atitude naquelas turmas e me incitou a trabalhar novamente o gênero com as que vieram a partir daquele ano. Entusiasmava-me ao ler as redações produzidas e, mais ainda, em saber pelos adolescentes com que solicitude e alegria os idosos participavam das entrevistas.

Era uma prática comum minha selecionar alguns textos, ligar para mamãe – nessa época ela residia em São Paulo – e lê-los, um a um, expressivamente (como faço a meus alunos). A emoção dela era perceptível; com a voz embargada, declarava que várias daquelas narrativas faziam-na entrar em um túnel do tempo e reviver momentos da própria vida. Da mesma forma a tia Linda – hoje acamada e inconsciente – sensibilizava-se e viajava pelo tempo com aquelas histórias de vida. As palavras do poeta (ALVES, 2014, p. 72) ilustram essas cenas: “Minha máquina do tempo é feita com memória e palavras. Entrando na memória, eu voo para o passado. Escrevendo as minhas memórias, eu levo outros a voar comigo.” Mamãe e

tia Linda foram passageiras nesses voos e, quem sabe, tantas outras pessoas pegaram carona!

Mais recentemente, cercada por queridos e amados velhos – minha mãe, alguns tios e tias – nasceu-me uma inquietude: compreender melhor esse universo, desnudá-lo. No entanto, incontáveis vezes – confesso – errei ao tratá-los, ao julgá-los. Por ignorância, fui intolerante, impaciente com sua morosidade. Com o objetivo primeiro de a eles eu moldar minhas atitudes de maneira que estas preenchessem seus anseios e carências, percebi que apenas o amor não seria suficiente. Assim, fazia-se necessária uma pesquisa científica.

Foi então que recebi o convite – aliás, uma verdadeira intimação – da querida amiga e colega de profissão Liliane: cursar mestrado na UNIVILLE, em Patrimônio Cultural e Sociedade, juntamente com ela e outra, também querida amiga e colega de escola, Franciele. Tantos foram os argumentos que não pude resistir, resolvi lançar-me ao desafio. Apesar de já ser um sonho antigo, que fui postergando por conta de alguns empecilhos e de uma rotina toda tomada – três filhos (aos quais procuro dedicar-me bastante e com quem me preocupo muito), casa para cuidar e mais 40 aulas como professora de Língua Portuguesa, além das dificuldades financeiras normais na minha profissão – de antemão, sabia que diversas barreiras viriam pela frente. Bem, mas como para mim as conquistas foram sempre suadas, essa não fugiria à regra certamente. Portanto, daquele momento em diante, era tomar como conselho as palavras do filósofo Nietzsche (2004, p. 225) e seguir em frente: “O conhecimento, em nós, transformou-se em paixão que não vacila ante nenhum sacrifício e nada teme, no fundo, senão a sua própria extinção; [...]” Isso mesmo, fazer do conhecimento uma paixão! Lembrei-me da declaração de um aluno que, provavelmente, na época, nem sonhasse quem fosse o famoso filósofo alemão: “A senhora plantou em mim a paixão pelo conhecimento”. Estas, novamente, emocionaram-me e impulsionaram-me com a mesma intensidade que as palavras do filósofo.

Logo, vulnerável que já me encontro, vasculhando esse tema tão sensível, chegam-me as palavras de Bobbio (1997, p. 53):

Não foi do meu trabalho que obtive as alegrias mais duradouras de minha vida, não obstante as honras, os prêmios, os reconhecimentos públicos recebidos, que aceitei de bom grado, mas não ambicionei e tampouco exigi. Obtive-as dos meus relacionamentos, dos mestres que me educaram, das pessoas que amei e que me amaram, de todos aqueles que sempre

estiveram ao meu lado e agora me acompanham no último trecho de minha estrada.

“Último trecho de minha estrada”! Palavras que mexem com minha sensibilidade; fazem-me refletir sobre nossas atitudes para com os velhos e a emergência de dedicarmos-nos mais a eles. O tempo não espera. Embora os contextos sejam diferentes, os versos de Geraldo Vandré (1979) ecoam-me retumbantes: “Vem, vamos embora, que esperar não é saber, / Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.”

Abro parênteses aqui, antes de dar continuidade ao meu relato de pesquisa, para explicar por que motivo muitas vezes usarei a palavra velho em meu texto. Nunca a achei depreciativa como também jamais a usei de tal forma. Uso-a com a naturalidade que lhe é devida. Tentar camuflar a expressão ou valer-se de eufemismos, como declara Zimerman (2000, p. X), no prefácio de seu livro *Velhice – aspectos biopsicossociais*, é “como se ser velho fosse um defeito que devesse ser escondido”.

Começo, então, a trajetória. Caminho marcado por tantas e tantas paradas! A memória, sempre ela, fazendo o caminho inverso do tempo. “Para evocar o passado em forma de imagem, é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso saber dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar [...]” (BERGSON, 1999, p. 90). A casa de minha avó materna... Sua cadeira, seu cantinho preferido, onde, todas as noites, lia o jornal, cujas notícias pacientemente tentava a mim – curiosa que era – explicar. As idas à casa da vovó, sempre recheadas com muitas histórias. Depois, com sua permissão, eu começava a vasculhar suas gavetas – da cômoda, da penteadeira – e para cada objeto encontrado, documento ou fotografia, já esmaecidos pelo tempo, ela desenterrava uma história, transportando-me a um novo mundo e a uma época desconhecida. Descortinavam-se, nesses momentos de encantamentos, mundos fantásticos. Era como se ali, juntas, presentificássemos aqueles fatos pretéritos por ela vivenciados. Verdadeiras aulas de história! Lembro-me – era ainda menina – das muitas vezes em que lá dormi para fazer-lhe companhia. Que horas gostosas e de bem-estar passávamos juntas! E que casa aconchegante, agasalhadora! Cada cantinho dali traduzia seu cuidado, seu carinho.

Interessante o percurso da memória! Lembranças das tardes nos finais de semana aquarelam meus pensamentos. Vejo-me, eu e meus irmãos trepados nas mangueiras, goiabeiras e nas várias outras árvores frutíferas que coloriam e

sombreavam o imenso quintal da vovó – experiências ricas que poucas crianças das novas gerações, provavelmente, terão o privilégio de vivenciar, de rememorar. Depois de tantas algazarras e tripulias, com os pés descalços, porém calçados pelo frescor daquela terra vermelha, recebíamos o tão esperado convite: “Crianças, o lanche está pronto!” Afoitos, corríamos diante da mesa já posta – antes, contudo, uma rápida higiene imposta por vovó. Pão quentinho, bolinhos de chuva, bolo de fubá e bolachinhas de nata – estas nunca faltavam à mesa, pois, naquela época, o leite, ainda entregue em carroça pelo leiteiro que vinha direto da fazenda, era gordo, no qual, após fervido, acumulava-se uma camada espessa de nata, sempre aproveitada para as guloseimas caseiras. Delícias da vovó! Ah, como dizia o poeta: Que tardes fagueiras aquelas! ¹

O toque do celular interrompe meus devaneios. De volta ao meu quarto – lugar constante de minhas leituras –, as palavras de Ecléa Bosi (2004, p. 74) ratificam minhas lembranças: “O que é um ambiente acolhedor? Será ele construído por um gosto refinado na decoração ou será uma reminiscência das regiões de nossa casa ou de nossa infância banhadas por uma luz de outro tempo?” E, novamente, o passado torna-se presente. Minha alma é acarinhada pelas luzes de um tempo longínquo, de espaços concretos, vivenciados. Lugares em que sons, cores e sabores se aglutinam, se misturam, se orquestram. Esses espaços pretéritos são revisitados. Sonhados. Sentidos. Contudo, impossível descrevê-los fielmente. Pois, como diz Bachelard (1978, p. 205), “As verdadeiras casas da lembrança, as casas aonde os nossos sonhos nos levam, as casas ricas de onirismo fiel, são avessas a qualquer descrição.” E, deliciosamente, meus pensamentos navegam no aconchego de antigas moradas que construíram minha história. O filósofo já anunciara: “Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos” (BACHELARD, 1978, p. 201). Ainda mareada pela viagem, minha cabeça fervilha: quantas histórias os idosos que entrevistarei têm para contar! Quantas casas visitaremos! Sim, nós! Pois eu, avidamente, os acompanharei. Quantos tesouros!

Essa possibilidade transporta-me a um tempo mais remoto ainda. Aos dias em que vovô ainda vivia. Ele se fora bem antes de vovó – já um octogenário –, tinha mais de vinte anos que ela. Momentos inesquecíveis passamos eu, meus irmãos e

¹ Verso do poema “Meus oito anos”. ABREU, Casimiro. **Meus oito anos**. São Paulo: Global Editora, 2003.

primos com aquele velho sábio. Seu tempo de velhice se resumia em estar com os netos, brincando conosco, contando causos, passando-nos um pouco de sua imensa sabedoria. Costumávamos, de mãos dadas, caminhar pelas ruas da pequena cidade, pelas estradinhas que nos levavam até os riachos do município, quando a manhã ainda bocejava. À medida que caminhávamos, eu ia relatando-lhe meus problemas, meus conflitos existenciais de criança, quase sempre ligados à escola e aos pais, e ele, pacientemente, passava-me seus sábios conselhos – os quais, ainda hoje, aplico em muitas situações de minha vida cotidiana. Walter Benjamin (1980, p. 59), em *O Narrador*, sedimenta a importância do conselho que “entretido na matéria da vida vivida, é sabedoria”.

Durante o percurso, dedicava-se a ensinar-me coisas que nenhum livro foi capaz de mostrar-me. Ensinou-me, por exemplo, “a escutar o silêncio das pedras”, “a saborear o hálito das matas”, “a traduzir o palrar das aves que orquestravam e encantavam nosso trajeto”, “a reverenciar a natureza”... As longas caminhadas punham-nos exaustos! Então, uma pausa para repormos nossas energias. Com que carinho e saudade me recordo desses momentos! Vovô se sentava em uma pedra ou em algum tronco, colocava-me no colo e iniciava uma coletânea de histórias. A minha imaginação de menina fervilhava! Aprendi muito do mundo sentada no colo desse amado velho!

Pois é, Rubem Alves! Concordo com você (2014, p. 26): “A alma anda para trás, navega ao sabor do suave sopro da saudade. Quer voltar ao seu passado”.

Diante desse retorno ao tempo, aos espaços, dessas lembranças de vovô e suas histórias, começo a refletir... A indagação da socióloga Ecléa Bosi, suscitada pelas ideias proferidas por Benjamin em seu texto *O Narrador* (1980), levam-me a buscar explicações, supor porquês. Ecléa (BOSI, E., 2004, p. 84) instiga: “Por que decaiu a arte de contar histórias? Talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências. A experiência que passa de boca em boca e que o mundo da técnica desorienta”. Da mesma forma, interpele, suponho. Terá sido isso? Ou, quem sabe, seja também porque o importante “suporte” olhos-nos-olhos tenha sido afastado pelo mundo da técnica?

Descerrou as cortinas daquele ano – 2006 – em que eu e meus alunos ouvimos as narrativas de vários idosos. Naqueles momentos, não somente as vozes orquestravam as histórias; mas também eram mãos que gesticulavam, olhares que ora se avivavam, ora se perdiam... Instantes de euforia, de silêncio. A alma do

narrador embarcava nos fatos por ele vividos para depois apresentarmos-los, compondo uma narrativa pincelada por um tom ora saudoso, ora nostálgico, ora melancólico, ora alegre... Mas sempre embebecida por arte e poesia. Eis que o que a modernidade teria extinguido – o narrador – apresentava-se ali, diante de nós, compartilhando-nos suas experiências de vida, suas sensibilidades, seus conhecimentos. Narrar a velhice e ouvi-la; ouvi-la e narrá-la. Ações que se converteram em aprendizagem. Agora melhor compreendo a denúncia de Benjamin (1980) sobre o desaparecimento da arte de narrar. Momentos como aqueles são raros, mas é preciso criá-los, suscitá-los. A escola pode ser um espaço.

Material para essa discussão – do qual também Ecléa se valeu, como anunciado acima – encontrar-se-á no já citado texto *O Narrador*, de Walter Benjamin (1980). Nele, o autor denuncia o distanciamento contínuo dentro de nós da valência daquele que conta histórias. Aponta esse afastamento como fator determinante para o fim da arte de narrar. A esse declínio, responsabiliza ainda o advento do romance no início da Era Moderna. No entanto, declara ser mais ameaçador o surgimento da imprensa e, com esta, a informação – que se destaca por ser “inteligível por si mesma” e requerer uma imediata verificabilidade. Benjamin (1980, pp. 200-201) também alerta: “A arte de narrar tende para o fim porque o lado épico da verdade, a sabedoria, está agonizando”.

Rodeada de livros, volto à minha rotina. Eles são, agora, mais do que antes, companheiros de todas as horas. Continuo minha jornada, buscando capturar tudo que envolve o universo da velhice. Cada pensamento trazido, cada autor escutado, cada verso entoado, tudo me leva a uma associação com aquele universo. Mas é preciso ir além da linguagem registrada, é preciso registrar linguagens. Escutar os que querem falar, escutar, também, os que se calam. Porque também, como Portelli (1991, p. 59), acredito que “[...] contar uma história faz o narrador escapar do esquecimento; a história constrói a identidade do narrador e a herança que ele ou ela quer deixar para o futuro”.

Assim, transformo-me numa espectadora do cotidiano. Pois, como disserta Maffesoli (2012), para que o pesquisador capte as especificidades da vida comum, necessita desenvolver uma razão sensível e, para isso, tem que se envolver no cotidiano, estar junto, participar de suas ações. Meu olhar entremeia-se pelas massas heterogêneas da cidade, procurando entender suas atitudes, suas singularidades. Tentando flagrar cada ação do idoso e para com o idoso. Busco as

cenar nas ruas, nas calçadas, no comércio, nos ônibus constantemente lotados, nas praças da cidade... Nas festas, presença quase sempre ausente dos mais idosos. Circunscrevo-me nesse tablado da vida. Quero sentir seu pulsar, quero pulsar junto.

Ouçoo as falas de diversos autores, com diferentes visões sobre a sociedade e as vidas que nela atuam. Essas vozes, às vezes com concepções díspares, fazem-me derrubar pré-conceitos, construir conceitos; instigam-me a investigar mais e mais. Várias áreas do conhecimento abrem-me caminhos para a reflexão. Meus pensamentos são acariciados pela filosofia e pela poesia. Entendo sua importância. Mas estas, de acordo com Maffesoli (1998, p. 93), “não devem ser compreendidas como simples suplementos mentais, úteis unicamente às ocupações do intelecto. São elementos estruturantes de toda vida social”. E é com esta fala do autor que acredito ganhar mais pertinência a inclusão dessas duas áreas do conhecimento em minha dissertação.

Dessa forma, a pesquisa começa a emergir, ganhar vida. Falo da vida, imergindo na vida. No entanto, a vida também se inscreve em outros lugares, em cantos reclusos; às vezes, esquecidos. Lá nos ancianatos, onde a vida também pulsa. Lá onde muitas vozes, quem sabe, desejam ser ouvidas. Tantas lembranças que podem ser evocadas pela memória quando suscitadas por outros! Lá onde as cenas acontecem, por vezes, sem “espectadores”; onde tantas histórias – verdadeiros patrimônios culturais – sucumbem sem “ouvidores”. Candidato-me, então, a ser um destes e regozijo-me ante a possibilidade de assistir à arte de narrar – em extinção, conforme declara Benjamin.

Navegar por “mares nunca dantes navegados”² – pelo menos por mim – e voltar àqueles já percorridos; agora, com espírito pesquisador, descobridor. Mergulhar no grande oceano, sensível e mutante, místico e incerto: a contemporaneidade. No entanto, assim como Michel Maffesoli (1998, p. 169), creio que “talvez seja preciso deixar que o eu e, naturalmente, o eu crítico, se dissolva, para melhor ouvir a sutil música nascente, para melhor dar conta da profunda mudança que se opera sob nossos olhos.” E mais, segundo ele (1998, p. 90), para que esse mundo que aí está – com suas novas formas sociais – seja compreendido, “é necessário estar atento à forma interior, ao subsolo da vida, aos bastidores dessa vasta teatralidade que é a ação social.”

² Verso do poema “Os Lusíadas”. CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. In: **Luís de Camões, Obra Completa**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 2005.

Portanto, a dissertação surge da percepção, através de leituras a respeito de patrimônio, memória e identidade, aspectos sociais da atualidade, velhice e envelhecimento, como também da observação ao tratamento que recebem os idosos em nossa sociedade contemporânea, bem como suas percepções e sensibilidades nesse momento de tantas mudanças sociais. Esse olhar estende-se àqueles ora internados no ancianato ao qual me propus visitar, ouvir e refletir seus relatos de vida à luz de estudiosos sobre a velhice.

Desenho, então, minha dissertação em três capítulos. O leitor, ao percorrer suas páginas, poderá observar – talvez estranhe – modos diferentes de conduzir a escrita. Poderá ter a sensação de que vários “eus” vestiram-se da palavra para poder significá-la num todo – no texto. Encontrará, por exemplo, na introdução e no segundo capítulo, trechos de pura poesia. No primeiro, um tom mais acadêmico, científico, em que as falas de pensadores se constituem alicerces do trecho. Por fim, no terceiro, é a voz da vida cotidiana que floresce. Portanto, é por meio dessas vozes dos idosos asilados que as narrativas são registradas.

No primeiro capítulo, procuro trazer aspectos da contemporaneidade, observados e fortalecidos, principalmente, pelos olhares de Zigmunt Bauman (1998; 2001; 2004; 2008), Luc Ferry (2010; 2011) e Michel Maffesoli (1998; 2004; 2007; 2009; 2010). Bauman pontua as profundas transformações ocorridas na passagem da modernidade “sólida” para a modernidade “líquida” – termos por ele cunhados. Para o autor, o momento atual estaria passando por um “interregno”, ou seja, um período desgovernado, em que o sujeito não tem parâmetros para agir; tem liberdade para decidir o que quer para sua vida, no entanto, perde-se ante a multiplicidade de escolhas. Aponta, também, como marca da atualidade, a fluidez dos relacionamentos, dos laços sociais. Já com Luc Ferry (2010) e Michel Maffesoli (1998, 2007, 2012), nossa época ganha um olhar de esperança. Os dois caminham na contracorrente do pessimismo que norteia discursos de pensadores como Bauman. Maffesoli concentra-se nos fenômenos contemporâneos; propõe-nos pensar a atual sociedade de uma forma mais leve, mudar as nossas maneiras de avaliar os reagrupamentos sociais, aceitando seus novos modos de pensar e de estar-junto, entendendo que na atualidade ocorre uma sinergia do arcaico com a tecnologia. E mais, ao contrário da Modernidade, segundo ele, vive-se o “reencantamento do mundo”. Ferry (2010) ressalta a grande marca, para ele, do período atual: o amor à família. Declara vivermos hoje um movimento de

sacralização do humano – ou seja, é pelo ser humano que o ser humano se sujeita a assumir riscos. Leandro Karnal (2015) descreve a sociedade atual como um cenário do consumo e do descartável. Joel Birman (2001) e Jorge Forbes (2012; 2011) entram com a psicanálise para tentar entender a condição contemporânea do ser humano, em especial a dos idosos; pensar as angústias que os assolam. A população idosa que notadamente cresce no mundo, como também a alta da expectativa de vida e suas implicações na sociedade brasileira são discutidas e ponderadas. Nesse contexto de uma população longeva, considerando ainda os novos formatos das famílias e a crise econômica, como ficam os vínculos de sociabilidade? E de que forma acontecem as relações intergeracionais? Também serão feitas alusões aos direitos dos idosos no contexto político-jurídico brasileiro, tendo em vista as considerações de Ana Amélia Camarano (2004, 2011), Alexandre Kalache (2014), Guita Grin Debert (2012), Guite I. Zimmerman (2000), Maria Cecília de Souza Minayo & Carlos E. A. Coimbra Jr (2002). A busca da eterna juventude ou o medo do envelhecimento, levando o indivíduo a uma obsessão pela estética perfeita e busca por fórmulas que prolonguem a existência humana são considerados neste estudo por Joel Birman (2001), Alexandre Kalache (2014) e Jorge Forbes (2011, 2012) como um aspecto marcante nesse cenário contemporâneo. A morte, apontada como um dos medos do indivíduo contemporâneo – vista hoje de forma diferente de períodos anteriores – é analisada por Zygmunt Bauman (1998), Norbert Elias (2001), Luc Ferry (2010, 2011) e Scarlett Marton (2009). Recorro a Ecléa Bosi (2004), Norberto Bobbio (1997), Guite I. Zimmerman (2000) e Simone de Beauvoir (1976) para refletir sobre a velhice e o tratamento que recebem os idosos na atualidade.

Mas, para adentrar nesse universo, é preciso que se leve em conta as especificidades da época atual. Assim, inicio meu primeiro capítulo pontuando aspectos identificadores da contemporaneidade, ancorada em múltiplos olhares que a têm estudado, percebendo-a sob várias nuances. Recorro a estudiosos da área das Ciências Humanas e literatos que escreveram sobre a velhice e a contemporaneidade. Essas áreas, calçadas por pensadores renomados e já destacados como Ecléa Bosi, Jorge Forbes, Simone de Beauvoir, Michel Maffesoli, Norberto Bobbio, Norbert Elias, Guita Debert, Gaston Bachelard, Sigmund Bauman, Ana Amélia Camarano, Alexandre Kalache, dentre outros, dão-nos subsídios para desvendarmos aspectos dessa última fase da existência humana.

Pensar ou falar a respeito do idoso nos dias atuais é uma tarefa de interpretação, tradução e transformação. Tarefa complexa, levando-se em conta as palavras de Simone de Beauvoir (1976, p. 10): “Antes de desabar sobre nós, a velhice é coisa que só diz respeito aos outros”. Ou seja, não nos vemos como velhos e nem nos projetamos neles. Sendo assim, a velhice não é traduzida pelos próprios velhos, mas sempre descrita por outros. Estes que, muitas vezes, norteiam-se apenas por referenciais externos, sem que as falas dos sujeitos em questão sobre a própria experiência do envelhecimento sejam consideradas. Fato que pode ser observado, de acordo com as autoras Brandão e Mercadante (2009), em pesquisas gerontológicas.

Diante disso, ressalta-se a necessidade de ouvir os velhos. Ouvi-los e perscrutar os sentidos da velhice na fala dos próprios velhos.

Nessa era, o tempo estende-se ao seu limite para a produção de consumo. Segundo Bauman (1998) e Birman (2001), o consumo de objetos, o culto ao corpo, em busca da estética perfeita, bem como a importância dada à moda vestimentária ilustram nossa atual sociedade. Nesse contexto, juventude é sinônimo de beleza, estilo de vida. De estágio de vida, transforma-se em valor. Essas mesmas marcas também são observadas por Maffesoli (2012), ainda acrescentando o que chama de onda da “cosmetização”. Contudo, ele as sinaliza simplesmente por estarem aí, emoldurando nosso mundo atual, sem atribuir-lhes nenhum sinal negativo. Este pensador concebe essas marcas como um jeito novo de ser e de viver do sujeito contemporâneo que está em constantes mutações, fragmentações, moldando-se a cada uma das tribos com as quais se envolve; um sujeito que se ornamenta e cuida do corpo, pois sabe que este hoje pode ser belo, mas logo perecerá.

Consoante a esse cenário de cosmetização, Birman (2001) observa que é no corpo onde há o registro antropológico mais imediato em que se expressa o mal-estar na atualidade; para o sujeito contemporâneo sempre há algo que não está bem com o corpo, este nunca está de acordo com o que desejamos, sempre há mais que possamos fazer para melhorar diante das infinitudes de ofertas no mercado para o cuidado do corpo.

Há um hipnotismo pela mídia que leva as pessoas, muitas vezes, a conceberem essas ações como leis do bem-viver. Bastam cinco minutos em frente à telinha da tevê para constatar-se quem são os protagonistas das publicidades e propagandas: pessoas bem vestidas, com corpos esculturais e bem-sucedidas, em

geral celebridades. As pessoas são convidadas a controlar seu corpo, a render-se aos apelos da indústria da estética, do belo: da perfeição. À vida moderna incorporaram-se práticas e hábitos de cuidados físicos que passaram a ser cotidianos. A aparência impõe-se sob as coerções e disciplinas estabelecidas (BIRMAN, 2001). Logo, fica subentendido que são indesejáveis os cabelos brancos, a flacidez, as gordurinhas, as rugas. Características que se opõem à figura do belo concebida pelo mundo contemporâneo. Dentro dessa concepção, essa cultura de cosmetização e de consumismo é excludente e marginalizadora.

Na visão de Bauman (1998, p. 55), “A sedução do mercado é, simultaneamente, a grande igualadora e a grande divisora”. Igualadora, uma vez que seus impulsos e sua transmissão devem ser dirigidos a todos; e divisora, pois somente uma parcela da população consegue possuir e consumir aquilo que lhes chega através das mídias sociais. Aos consumidores, isso aparece-lhes quase como uma condição de sobrevivência nessa atual sociedade. De acordo, ainda, com o autor:

O consumo abundante é-lhes dito e mostrado, é a marca do sucesso e a estrada que conduz diretamente ao aplauso público e à fama. Eles também aprendem que possuir e consumir determinados objetos e adotar certos estilos de vida é a condição para a felicidade, talvez até para a dignidade humana. (BAUMAN, 1998, p. 56).

Entre os aspectos que marcam a atualidade, o crescente processo de envelhecimento da população mundial é um que tem merecido atenção especial de antropólogos, geriatras, gerontólogos, governantes e da sociedade em geral. Há, contudo, nesse processo, um dado preocupante: ao mesmo tempo em que cresce a taxa de envelhecimento, tem-se a diminuição das taxas de natalidade (CAMARANO, 2014; DEBERT, 2012). Realidade que também abarca o Brasil. Para Debert, isso deve ser pensado como um fato que pode trazer implicações para a perpetuação da vida humana.

Camarano (informação verbal)³ declara que ter uma vida longa não é uma novidade, no entanto, a democratização da longevidade é que se configura como um fato novo na contemporaneidade – até então um privilégio de poucos. Hoje, esse benefício estende-se a um número expressivo da população. Declaração ratificada

³ Informação fornecida por Camarano no Café Filosófico *Vivendo mais ficamos por mais tempo velhos ou jovens*, no dia 21 de março de 2014.

pelas palavras de Minayo & Coimbra Jr. (2002, p. 11): “Nessa estrada que acolhe os caminhantes grisalhos e sulcados pela vida, o trânsito vai aos poucos ficando congestionado, a ponto de já serem mais de 31 mil os brasileiros remanescentes do século XIX”. Esses autores (2002, p. 20) também esclarecem o termo muito usado atualmente: “terceira idade”, que se destina a pessoas de 60 a 75 anos – na Europa. Segundo eles, essa é uma ideia contemporânea, “uma nova construção social acrescentada às etapas da vida, referida entre a vida adulta e a velhice propriamente dita” (MINAYO; COIMBRA JR, 2002, p. 20) Segundo ainda os autores, foi uma invenção que se espalhou pelo mundo. De fato, não se pode discordar disso, pois hoje esse termo é visto e ouvido com bastante frequência em qualquer veículo de comunicação: “Jantar da Terceira Idade”, “Baile da Terceira Idade”, “Passeio para a Terceira Idade”, “Curso para a Terceira Idade”... Com tal constância, aparece nas rodas de conversas. Basta olharmos ao nosso redor. Nos supermercados, nos shoppings, nos bancos, nos transportes públicos ou dirigindo o próprio automóvel, nas calçadas, nas mesas de restaurantes, cinemas, enfim, os idosos, em um número cada vez maior, são atores sociais do espetáculo urbano. São, também, reivindicadores de direitos. Logo, se grande parte hoje de nosso cenário é tomada por esses cidadãos da Terceira Idade, faz-se necessária uma reflexão: como estão os vínculos de sociabilidade entre as diferentes gerações na contemporaneidade?

Outro fato marcante, apontado por Camarano, Kanso & Mello (2004) como uma das maiores conquistas da sociedade brasileira na segunda metade do século XX, é o aumento da esperança de vida ao nascer que, de acordo com o Instituto de Estudos de Saúde Suplementar (IESS, 2013), chega a 73,4 anos. Com esse avanço, somado às políticas públicas que oferecem aos idosos direitos sociais, o Brasil destaca-se como um dos poucos países da América Latina que apresentam esses direitos (CAMARANO, 2011). No entanto, pela demanda atual, ainda falta muito para nosso país ter e criar condições de atender satisfatoriamente a toda população idosa necessitada.

Nesse panorama de mutações nas sociedades contemporâneas, um aspecto que precisa ser colocado em pauta são as mudanças significativas pelas quais têm passado as famílias: remodeladas por novos arranjos, novos costumes e valores, uma nova forma de estar-junto em que são aflorados os laços afetivos.

Entretanto, Bauman (2004) não somente atenta para essa transformação como também chama a atenção para a falta de compromisso nos relacionamentos atuais. De acordo com o sociólogo, os laços são fluidos, assim, tornam-se vulneráveis e efêmeros. O que, em nossa dinâmica sociedade, é logo solucionado por novos relacionamentos.

Assim sendo, novamente, faz-se necessária a reflexão: diante dessa mudança estrutural nas famílias, como ficam os arranjos entre as gerações? Debert (2012), Camarano, Kanso & Mello (2004), Minayo & Coimbra Jr (2002) e Zimmerman (2000) abordam a questão.

Numa perspectiva bastante otimista, no prefácio de Minayo & Coimbra Jr (2002, p. 10), Renato Veras – Diretor da Universidade Aberta da Terceira Idade/Uerj – declara que “nos dias atuais, o relógio biológico da espécie humana atinge entre 90 e 95 anos; estes valores são aceitos por vários estudiosos, mas nas próximas décadas é possível que o relógio biológico se amplie, alcançando entre 120 a 130 anos.” Realmente, trata-se de algo fabuloso. Mas a sociedade estará preparada, equipada para tamanha revolução? Algumas informações da antropologia, gerontologia, geriatria, psicanálise e sociologia alicerçam essa análise no primeiro capítulo.

Sabe-se também que a busca obsessiva da eterna juventude é uma das marcas da sociedade contemporânea (FORBES, 2012). A morte, apesar de ser um fato inexorável da existência humana, segundo Ferry (2010), traduz-se como um de seus grandes medos. No entanto, empresta as palavras do poeta e argui:

É preciso, antes de tudo, expulsar e destruir esse medo do Aqueronte [o rio dos infernos] que, penetrando até o fundo de nosso ser, envenena a vida humana, colore todas as coisas do negror da morte e não deixa subsistir nenhum prazer límpido e puro⁴. (FERRY, 2010, p. 20)

Elias (2001) observa uma tendência nas sociedades contemporâneas ocidentais de as pessoas afugentarem a ideia de morte, rejeitando-a, encobrindo-a, afastando-se dela tanto quanto possível ou acreditando piamente na própria imortalidade.

Indiscutivelmente, a morte é um assunto que se soma às minhas preocupações diárias, por ter, como já declarei, bem próximos, queridos e amados

⁴ Lucrécio. Poema intitulado Sobre a Natureza das Coisas. (FERRY, 2010)

velhos, alguns já octogenários. À medida que o tempo roubava energia física e mental de meus queridos velhos, sulcava-lhes a face, e ainda lhes negava cada vez mais a memória, tornando-os repetitivos e ausentes, fui assimilando essa associação: velhice e morte. Muito embora saiba que, na atualidade, de acordo com Forbes (informação verbal)⁵, essa é uma ideia que deve ficar cada dia mais distante, tendo em vista também a possibilidade de as pessoas poderem ter uma vida bem mais longa. Mesmo assim, o medo da perda não deixou de angustiar-me. Sou uma contemporânea ocidental. Contudo, esse sentimento de finitude, segundo Ferry (2012), toma-nos constantemente, pois diariamente vamos vivendo pequenos lutos.

Recordo-me da primeira vez em que estive num velório. Meus pais não achavam saudável crianças participarem desses momentos fúnebres – queriam, por certo, poupar-nos do sofrimento. Segundo Elias (2001, p. 26), “Os adultos que evitam falar a seus filhos sobre a morte sentem, talvez não sem razão, que podem transmitir a eles suas próprias angústias”. Estar diante daquele corpo – de uma amiga, vizinha e colega de escola – foi uma cena chocante demais para uma criança como eu que pouco sabia da vida. Assim, também não sabia da morte, uma vez que ter conhecimento da vida é reconhecer-se como mortal. O inconformismo e o sofrimento pela perda acompanharam-me por longo tempo.

Atesto esse meu pesar com o pensamento de Sigmund Freud. De acordo com o psicanalista (FREUD, 1991, p. 77), o sentimento que nos toma quando perdemos alguém próximo, que amamos, é de colapso total. Em suas palavras, “Nossas esperanças, desejos e prazeres jazem na tumba com ele, não nos consolaremos, não preencheremos o lugar daquele que perdemos.”

Esse meu sentimento, provavelmente, também pode ser explicado pelas observações de Elias (2001) e Marton (2009). De acordo com eles, hoje, o espetáculo da morte não é mais algo público nem corriqueiro; logo, afastamo-nos dela. Contudo, quando ocorre de presenciarmos tal espetáculo, de alguém querido, próximo, o efeito pode ser traumático. Nas palavras de Elias (2001, p. 103), “nas sociedades mais desenvolvidas [...] o processo de morrer está isolado da vida social normal numa medida maior que antigamente.” Hoje, a agonia da morte é afastada do olhar dos vivos. Por isso, as pessoas acabam morrendo mais num leito de hospital, sob os cuidados médicos, do que próximas de familiares.

⁵ Informação de Jorge Forbes no Café Filosófico *Velhice, pra que te quero?*, em 2012.

Nossa vida, nossa história é construída com a presença do outro, ou melhor, de outros. Alguns nos acompanham desde a tenra idade, ensinam-nos os passos, apontam-nos os diversos caminhos da vida... Fazem-nos enxergar o amor e propagá-lo. Mostram-nos que a justiça e a solidariedade devem ser nossas ações diárias. Ensinam-nos o valor do respeito e – parafraseando o poeta – a dar também “respeito às coisas desimportantes”!⁶ Estamos enlaçados pelo amor, tempo e espaço que compartilhamos. Difícil conceber a existência sem eles.

Dessa forma, uma vez percebida a associação existente entre velhice e morte, procuro falas que expliquem ou discordem de tal ligação. Pensamentos da filosofia, sociologia e psicanálise fundamentam a reflexão.

Segundo Bosi (2004), a velhice é tomada por um momento de declínio, no qual o velho sente-se diminuído, incapaz e fragilizado. É um indivíduo “que luta para continuar sendo um homem” (BOSI, E., 2004, p. 79). Ponderando as palavras da autora, pode-se inferir então que os velhos de uma maneira geral se sentem assim? Há, inegavelmente, como tantas pesquisas mostram – e apresentarei mais adiante algumas delas –, uma grande parcela da população de velhos que se insere na situação descrita pela autora. Todavia, há também outra parcela que consegue lidar melhor com as prováveis limitações e transformações físicas advindas da velhice, cuidando-se mais, tentando usufruir da vida o que esta tem a lhe oferecer. Encontram sempre motivos para sorrir. Assim, estes velhos continuam colhendo respeito e admiração. Certamente não aceitam a ideia de “velhice como antessala da morte”. Pois, afinal, quando iremos morrer? Criança, jovem ou velho: todos podemos morrer a qualquer momento.

Considerando a vida como um processo finito, ou seja, que nosso vigor corporal acaba, pode-se entender que nossas limitações nessa fase vão aumentando, uma vez que nossas capacidades vão diminuindo. Assim sendo, a essa situação, poderiam, ainda, ser somados o estado de dependência e a limitação da liberdade, pois, como observa Bosi (2004, p. 79), “O coeficiente de adversidades das coisas cresce: as escadas ficam mais duras de subir, as distâncias mais longas a percorrer, as ruas mais perigosas a atravessar, os pacotes mais pesados de carregar”. As palavras de Bobbio (1997, p. 46), nesse contexto, falando da própria experiência como velho, reforçam essa ideia: “A vida do velho desenvolve-se em

⁶ Verso do poema “O apanhador de desperdícios”. BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

marcha lenta”. Todavia, essa lentidão, num mundo que tem pressa, que corre contra o tempo, num mundo cravado pela rapidez das transformações – devidas ao progresso científico e tecnológico – é aceita pela sociedade? Mesmo diante dessas observações, é preciso, contudo, ponderar que a velhice chega e acontece de forma diferenciada, singular para cada indivíduo. E, como afirma o próprio Bobbio, o que ele relata é aquilo que ele vivencia, portanto não se pode generalizar.

Um fato novo que aparece na atualidade como um grande ganho para a terceira idade são os avanços da medicina, pois o número de idosos que se beneficiaram e continuam se beneficiando deles é relevante. Esses avanços surgem como uma forma de postergar ou amenizar os incômodos e sofrimentos decorrentes da velhice. Não somente isso; vêm, para muitos, prolongar a juventude. Consoante a isso, Bauman (1998, p. 198) pondera: “Mas a própria natureza dessa tecnologia – acima de tudo, embora não unicamente o seu custo exorbitante – obsta a sua aplicação universal. O acesso à vida mais longa já está tecnologicamente estratificado”.

Diante desse quadro contemporâneo, deixo aqui para reflexão duas perguntas formuladas por Minayo & Coimbra Jr (2002, p. 13):

Será que, por influência da época, estaremos sendo vítimas da ideologia-mito da eterna juventude, esse vírus que corrói a humanização do envelhecimento e da morte? Ou será, ao contrário, que os próprios limites do ciclo e do curso da vida estão se desfazendo, por causa do fenômeno irrefutável do aumento da esperança de vida a partir da segunda metade do século XX, aqui e em todo o mundo?

Declarar que os velhos, em sua maioria, são respeitados e bem tratados nessa atual sociedade seria infirmar o que nossos olhos e ouvidos captam no dia a dia. Declarar o contrário, infirmar da mesma forma. Porém, é preciso tirar o véu que nos impede de enxergar a outra margem. Se nos dermos essa chance, seremos capazes de atitudes mais pensadas, embasadas; atitudes mais proativas, humanizadas e ponderadas.

Apaixonada pela Literatura, não poderia deixar de dela abstrair conteúdos poéticos que pudessem enriquecer a pesquisa, pois, como declara Aristóteles (2011), o poético é investigado como um gênero que nos possibilita uma compreensão mais abrangente da realidade abordada, por construir uma ideia

abarcada pelos acontecimentos de fato e pelos verossímeis – criados pela imaginação.

Assim, imagens dessa fase da existência ou de velhos concebidas pela sociedade, compiladas por Beauvoir (1976), Bobbio (1997), Bosi (2004), e pelos poetas contemporâneos Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e Mário Quintana serão mais um aporte para este estudo. Da literatura, essas imagens – condensadas no segundo capítulo – são evocadas e trazidas aqui para a reflexão. Como versou certa vez o poeta (ALVES, 2014, p. 18): “Se alguém lendo o que escrevo, sente um movimento na alma, é porque somos iguais. A poesia revela a comunhão”.

No terceiro capítulo, o espaço – o ancianato – é porto de parada. De lá é que ressoarão as vozes. Deixemo-nos, pois, esvaziar e escutemo-las, para que elas por si falem.

Já declarava Bosi (2004, p. 77), há mais de 30 anos: “Além de ser um destino do indivíduo, a velhice é uma categoria social”. E concluía: “A sociedade industrial é maléfica para a velhice”. Por esta perspectiva, a autora aponta a velhice como uma categoria socialmente marginalizada, pela sua “inutilidade” diante da “improdutividade” em nossa sociedade capitalista. Essa nocividade, assim entendida, estende-se até os dias atuais; pois, quando, numa sociedade, o produto é mais valorizado do que aquele que o produz, há um desrespeito ao trabalhador a partir do momento em que ele apresenta um rendimento menor. Nesse contexto, os velhos, tendo em vista suas prováveis limitações físicas, ou seja, podem produzir menos, seriam vítimas nesse processo. Consoante a essa assertiva, Bakker Filho (2000, p. 33) acrescenta: “Enquanto categoria social, os idosos não têm o poder de mando ou decisão, restando-lhes cumprir o que os adultos decidem por eles”.

Diante dessas barreiras que a sociedade constrói aos idosos, muitos acabam socialmente marginalizados; por fim, descartados. E, por vezes, encaminhados a alguma instituição de “repouso” para “pessoas de mais idade” – eis dois constantes eufemismos usados nos meios sociais na atualidade – sob a alegação de falta de tempo, de falta de espaço, de falta de alguém que esteja com eles para destes cuidarem ou até de que lá estes estariam melhor assistidos. Levando em conta os novos arranjos familiares e o momento contemporâneo em que as pessoas vivem numa corrida maluca, sem tempo para nada, essa é uma questão que merece ser bem pensada. Há, contudo, também de se levar em consideração que essa ida seja

voluntária, uma decisão do próprio idoso, decisão envolta por motivos pessoais. Lá, provavelmente, seria um lugar para escapar da solidão e onde pudesse ter a garantia de uma velhice assistida, com cuidados médicos; ou até mesmo um espaço em que fosse possível exercer sua independência, sem filhos ou netos para lhe ditarem regras. Assunto que procuro abordar no terceiro capítulo. Pois é neste que trago depoimentos de oito idosos asilados e suas memórias – narrativas de vida. Reflito, por meio de seus relatos, como se circunscreve em suas vidas o espaço onde ora vivem – o ancianato – como sinônimo de casa, de lugar de aconchego e acolhimento. É a partir desses depoimentos, dessas conversas que começam a aflorar suas sensibilidades, como se sentem e qual é o significado de estar velho hoje.

Ainda nesse mesmo capítulo, para uma melhor compreensão de como essa instituição asilar de alguma forma pode exercer influência na vida de seus internos, faço um relato de seu funcionamento, descrevo e apresento imagens do local: Lar do Idoso Betânia. Objetivando, ainda, obter resposta ou respostas sobre o papel dessa casa no estabelecimento ou não de seu bem-estar e de sua identidade, torna-se importante, pois, conhecer de perto a rotina dessa instituição, bem como a forma que seus internos se inserem ou se moldam a ela; também que expectativas têm em relação a esse espaço. Proponho uma análise fundamentada em teóricos como Bakker Filho (2000), Zimmerman (2000), Debert (2012), Bachelard (1978), Bobbio (1997), Bosi (2004), Beauvoir (1976), entre outros, e narrativas desses idosos – obtidas através de entrevistas –, do papel da memória e sua relevância nesse espaço; ali, onde para a maioria será certamente sua derradeira morada. Nessa casa, onde cada idoso “nos longos momentos de inação, poderia perder-se nas imagens-lembrança” (BOSI, 2004, p. 49). Pois, de acordo com a autora, nesses momentos é quando a memória mais trabalha. Assim, esse espaço pode ser propício para que imagens do passado venham constantemente à tona. Bergson (1999) irá mostrar-nos de que forma essas imagens ocorrem, apontando a existência de dois tipos de memória: uma que imagina e outra que repete.

A memória que sempre é capaz de trazer-lhes, por instantes fugazes, as cores, os sons, os aromas, o brilho e o sorriso de outrora. Assim, “a lembrança pura, quando se atualiza na *imagem-lembrança*, traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida” (BOSI, 2004, p. 49).

Uma vez que esses idosos se encontram, agora, desapropriados – ou seja, não são mais senhores da própria casa; pois esta em que no momento habitam é de todos – eles passam, portanto, a submeter-se às regras locais. Horários, alimentação, disciplinas... Essa mudança que ocorre na vida desses novos internos realmente pode ser significativa para alguns. Todavia, cada um irá reagir de uma forma diferente.

Nesse panorama, faz-se necessária uma investigação sobre a relevância da casa para o ser humano. Casa esta que, como alude Bachelard (1978, p. 227), “é um instrumento para enfrentarmos o cosmos”. Levando em conta as ideias do mesmo autor, e suas abordagens sobre a casa, pode-se inferir a importância da antiga morada para esses idosos. Segundo Bachelard (1997, p. 197):

Não apenas as nossas lembranças, mas também os nossos esquecimentos estão aí “alojados”. Nosso inconsciente está “alojado”. Nossa alma é uma morada. E quando nos lembramos das “casas”, dos “apostos”, aprendemos a “morar” em nós mesmos. Vemos logo que as imagens da casa seguem nos dois sentidos: estão em nós assim como nós estamos nelas.

Nas palavras de Ecléa Bosi (2004, p. 80): “Durante a velhice deveríamos estar ainda engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos”.

Todavia, é preciso que se alarguem as estradas para a travessia dos velhos. É necessário atenuar-lhes as dificuldades e abrir-lhes novos caminhos. A velhice pede passagem!

O tratamento e valor dados aos velhos foram e são de acordo com cada cultura, seus valores, hábitos, credos. Nesse contexto, as palavras de Zimmerman (2000, p. 14) corroboram essa assertiva:

Na civilização ocidental, quase sempre existe tendência a valorizar-se mais o jovem, pois é aquele que mais “produz”. Já nos continentes africano e oriental, a sociedade é mais tradicional e define a velhice como a fase da sabedoria e da experiência, dando ocupação ao velho. Ele tem funções importantes nos campos jurídico, religioso, médico, educativo e econômico. A coabitação de gerações se mantém vigente e os velhos ocupam papéis importantes na família.

A sociedade ocidental muitas vezes rejeita os saberes dos velhos, aquilo que somaram durante toda uma vida. Essas experiências ouvidas, contudo, descortinam

o passado e explicam o presente. Assim, deveríamos dar ouvidos aos medievais no tratamento e consideração aos nossos velhos, pois, segundo Lee Goff (2003, p. 444) “A Idade Média venerava os velhos, sobretudo porque via neles homens-memória, prestigiosos e úteis”.

Estabelecendo o vínculo entre memória e velhice, Ecléa Bosi (2004) contribui com suas ponderações e suas reflexões de memórias de velhos colhidas pela própria autora, tendo em vista a realidade social.

Dessa forma, este estudo – por meio de entrevistas semiestruturadas, em que entrevistados e entrevistador podem sentir-se mais à vontade – objetiva ouvir os velhos e com eles aprender. Procura investigar a velhice nesse internato a partir de narrativas de memória, buscando sondar as sensibilidades, os sentidos e as condições expressas em seus discursos. Isso não significa apenas escutar suas respostas ao questionário proposto. Quero que eles se sintam tão à vontade, a ponto de suas falas deflagrem seus receios, angústias e medos, seus anseios e expectativas, suas carências e frustrações, suas alegrias e tristezas, suas esperanças, seus sonhos... Creio que essas entrevistas – visitas – propiciarão a eles e a mim longas “viagens”. Encorajados a vasculharem a memória, as lembranças vão fluindo e as histórias ressurgindo... Relatos de vida! Experiências compartilhadas! Penso que para muitos desses idosos serão momentos prazerosos, momentos de reviver e compartilhar fatos importantes de suas vidas. Escutá-los e registrar. Com esta dissertação, espalhar suas vozes e com elas aprender. Eis a proposta mais valiosa da pesquisa. Obviamente, depois de refleti-las à luz de pensadores. Diante disso, almejo que surjam olhares mais atentos, humanos e empáticos a essa camada da sociedade, compreendendo suas sensibilidades e expectativas. enxergando os velhos, não em sua pluralidade, como uma massa humana homogênea, uniformizada, mas percebendo cada um como ser único que é.

1 A VELHICE NA CONTEMPORANEIDADE

1.1 A CONDIÇÃO CONTEMPORÂNEA

“Só podemos entender bem uma época sentindo seus odores. Os humores sociais e instintivos são mais eloquentes a seu respeito do que muitos tratados eruditos. Neles exprimem-se os afetos, as paixões, as crenças que as permeiam. É assim que se manifestam os sonhos mais desvairados com que ela joga ou dos quais vem a ser juguete. É assim que podemos entender que a “parte destruidora”, a do excesso ou da efervescência, é exatamente o que sempre antecipa uma nova harmonia.”

(MAFFESOLI, 2004, p. 17)

Pós-modernidade, mundo da modernidade avançada, modernidade líquida, mundo globalizado, capitalismo tardio. Denominações que recebe nosso espaço contemporâneo. Sob óticas diferentes, teóricos têm refletido sobre esta época que vem sendo chamada de pós-modernidade e configurada como a consciência de um fracasso: o da Modernidade.

Maffesoli (2007, p. 50) propõe uma definição para esse novo tempo: “uma sinergia do arcaico com o desenvolvimento tecnológico”. Eis aí um paradoxo apontado pelo pensador (2012): as “tribos pós-modernas” florescem à medida que há uma expansão da tecnologia e das redes sociais – *internet*, suscitando o retorno dos afetos. Pois foi a própria técnica o regente racionalizador de toda uma estrutura da vida social do período anterior, ou seja, do século XIX e boa parte do século XX. Essa mesma técnica que refutava qualquer manifestação afetiva ou de ordem emocional. Destaca, também, o imediato e o *carpe diem* como caracterizadores dessa época. Não se pensa mais em buscar, poupar para o amanhã, construir felicidade para o futuro. Vive-se o aqui e o agora. Nessa medida, o que mais importa é o espaço. Para ele,

Nossa época é apaixonante por não poucos motivos, mas mais particularmente por dar testemunho de singular ardor e inegável desapego. Desapego, naturalmente, em relação a todos os pensamentos e instituições estabelecidos, e ardor na direção das experiências e anomias de todas as naturezas. (MAFFESOLI, 2007, p. 50)

Diante do exposto, pensemos na situação dos idosos, mais precisamente na daqueles que têm 80 anos ou mais. Estes nasceram, cresceram, estudaram, profissionalizaram-se e constituíram família sob a égide da razão, da estrutura, da durabilidade do casamento e do emprego, da certeza, do progresso, da construção de um futuro; enfim, valores opostos aos que o mundo contemporâneo se apoia – ou não se apoia; pois, como alude Bauman (1998), não há mais tábua de valores. Eis uma questão que se apresenta: Como gerir todas essas mudanças?

De acordo com Zimerman (2000), um clima depressivo envolve um número bastante expressivo dessas pessoas mais idosas. A partir deste dado, não seria possível inferir, portanto, que as transformações contemporâneas estariam contribuindo para cimentar o clima depressivo nesses velhos? Levando-os a um estado de afastamento, de solidão, justamente por terem perdido a “solidez” na qual se amparavam e pela qual se norteavam? Da mesma forma, a inadequação aos novos tempos não estaria abrindo brechas para um conflito intergeracional?

Pondé (informação verbal)⁷, em alusão à obra de Bauman, diz que a “consciência pós-moderna é o despertar maldito de um sonho colorido”. Mas, ao mesmo tempo, estamos num momento de esperança. As ações humanas atuais mostram haver cada vez mais pessoas preocupadas com o próximo, dispendo-se a ajudá-lo. Pessoas dispostas a lutarem para salvar pessoas (FERRY, 2010). A todo instante, veem-se pelas mídias sociais ações solidárias, pedidos de ajuda em prol do outro. Na ocorrência de catástrofes, a urgência é a tônica das ações. Mãos que se estendem àqueles que nem mesmo conhecem, porém, nesse momento somos todos irmãos. São reflexos do amor ao próximo. Motivo de esperança.

Estamos vivendo – de acordo com alguns olhares que procuram captar mais o lado bom da vida, acreditando ainda no ser humano, gestor capaz que é da própria existência, e em suas possibilidades criativas –, numa era envolvente, era que deixou a razão estrutural da anterior para mergulhar na emoção do instante, usufruindo daquilo que a vida de melhor pode oferecer. O aspecto qualitativo sobrepõe-se ao quantitativo e busca-se o que Nietzsche (*apud* MAFFESOLI, 2007) chamou de “as cores da vida”.

Um mundo novo emerge! Tira-nos de nosso “mundinho” privado, lançando-nos ao mundo público das redes sociais. E é esta nova sociedade florescente que

⁷ Informação de Luiz Felipe Pondé no vídeo *A pós-modernidade (Zygmunt Bauman)*, em 2006.

nos chama para a festa. A música, a dança, a alegria, os adornos, os cosméticos e o vestuário convidam-nos a participar desse espetáculo que aí está. De acordo com Maffesoli (2009, p. 12), somos protagonistas de uma “época, enfim, que considera que o desenvolvimento do festivo e do lúdico não mais é apenas um lado frívolo da existência, mas seu elemento essencial”. O mundo que era pautado apenas pelo trabalho, pela ordem, pela austeridade e disciplina exagerada ficou para trás. As pessoas contemporâneas começaram a entender que procurar a felicidade não é pecado. Hoje, aceita-se que o importante é viver, e isso significa vivenciar cada momento. O hedonismo é o biotômico do cotidiano. Eis a nova ordem: eleger alguns prazeres e buscá-los. *Carpe diem!* Porém, sem culpa.

Esse novo período embrenhou-se na história com propostas de mudanças. Figura-se pelas recusas às imposições, pelas transgressões às regras, mas também pela busca do prazer total, pelo consumismo exacerbado, pelo culto ao corpo pautado numa estética perfeita, pela corrida tecnológica e científica. Período carimbado pela globalização e pela fragmentação da identidade. Nada é estável, as certezas se esmaecem, os conceitos se diluem, as regras se quebram, se flexibilizam ou simplesmente deixam de existir; os relacionamentos são fluidos (contudo, intensos), desfazem-se facilmente. É uma época que tem pressa, que vive o momento, o presenteísmo absoluto. Nesse mundo mutante, fugaz, contagiante e, para alguns, apaixonante que é a sociedade contemporânea, os versos do poeta (MORAES, 1960) parecem bem ilustrar o período: “Que não seja imortal, posto que é chama/ Mas que seja infinito enquanto dure”.

Tendo como palco esse cenário de urgência e fugacidade, Oliveira (2002, p. 46) abstrai: “um aspecto marcante é o da ansiedade e impaciência, características da sociedade atual. Diante dessa neurose da velocidade, torna-se incompatível e até perda de tempo aceitar um ritmo lento por parte dos idosos”. Nesse contexto, muitos deles acabam sendo discriminados, marginalizados por não conseguirem acompanhar o ritmo acelerado imposto pela sociedade contemporânea. Bobbio (1997, pp. 81-82), sendo já um octogenário ao escrever “O Tempo da Memória”, revela como é participar dessa sociedade que se metamorfoseia constante e velozmente:

Torna-se cada vez mais difícil atualizar-se, acompanhar as transformações cada vez mais aceleradas das ideias, as novidades que nos agredem por todos os lados, em especial num período como o nosso, em que as

correntes de pensamento se alternam com velocidade vertiginosa e são comparáveis às modas, e tão efêmeras como estas. (BOBBIO, 1997, pp. 81-82)

No entanto, com relação à velocidade imprimida nessa atual sociedade, Forbes (informação verbal)⁸ esclarece que ela é percebida dessa forma por estarmos ligados por uma compreensão do período anterior. Uma época que atribuía valor ao pensamento e à reflexão. Via-se, pensava-se, refletia-se – com longo tempo – e somente depois se agia. Antes, o pensamento preparava nossas ações. Era o mundo da lógica, da razão. Hoje, segundo este pensador, “nós passamos de um mundo do raciocinar para um mundo do ressoar”.

Nas considerações do psicanalista Joel Birman (2001), a contemporaneidade delinea-se pela ausência de unificação e pelo simbolismo. Salienta também a falta de mediadores, as intensidades sem controle pela “despossessão” de nós mesmos e pelas depressões. Ainda de acordo com ele, tem-se, em nossa cultura contemporânea, uma nova cartografia da subjetividade, em que o corpo, a ação e o sentimento ganharam destaque e são valorizados. Cartografia da subjetividade voltada para a exterioridade, sendo que o que ganha relevância é a dimensão estética vista pelo outro. Em contrapartida, aparecem negativados o pensamento e a linguagem.

Com relação ao pensamento e à linguagem, Karnal (informação verbal)⁹ faz uma analogia: na Modernidade, escrevia-se à pena ou à caneta, atitude que leva a um rascunho e, posteriormente, a uma reflexão de cada palavra, cada pensamento. Hoje, com a tecnologia, acabaram-se os rascunhos. Tudo é muito rápido, instantâneo. Houve, segundo o historiador, uma mudança técnica estrutural do pensamento.

Voltando a acatar as ponderações de Birman, poder-se-ia inferir que, nesse contexto atual, as redes sociais – o *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, etc. – e aplicativos da internet (exemplo: *WhatsApp*) são os veículos potencializadores desse quadro. À medida que as pessoas postam suas ações cotidianas, suas *selfies*, fica clara sua necessidade de visibilidade. Precisam da apreciação e aprovação do outro. Parece que existe uma indispensabilidade de mostrarem que estão felizes. Para Flávio

⁸ Informação fornecida por Forbes no Café Filosófico *Velhice, pra que te quero?*, em 12 de agosto de 2012.

⁹ Informação fornecida por Leandro Karnal na aula inaugural do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, em 13 de maio de 2015.

Gikovate & Renato Janine Ribeiro (informação verbal)¹⁰, essas são manifestações de vaidade.

Maffesoli (2012) acrescenta como marca contemporânea, o culto ao corpo. Para ele, as pessoas estão se “cosmetizando” (MAFFESOLI, 2012, p. 61), cuidando cada vez mais do corpo, seja através de cosméticos, de adornos, de roupas, fazendo dietas; cuidados que seriam em função de um antienvelhecimento. E esse novo jeito de ser e de se cuidar, para o autor (2012, p. 62), seria para dar “existência à mais bela forma”.

Apesar do valor depositado no corpo, Birman (2001) diz ser este um dos grandes cenários da atualidade onde nosso mal-estar se expressa. É no corpo que se delinea o mapa do mal-estar e consequente sofrimento contemporâneo. Que se entenda corpo aqui, não apenas como a parte física, estética. O pânico, a violência, as compulsões, a distímia e a depressão são formas de sofrimento na atualidade. Ressalta a depressão como a segunda maior doença do mundo, de acordo com a OMS (Organização Mundial da Saúde).

A depressão – que se ouve em todo canto como a doença da moda ou como o mal do século – pode acontecer a qualquer idade; ocorre desde a uma criança, a um adolescente, a um jovem, a um adulto ou a um idoso. Os sintomas são popularmente conhecidos. Quando se ouve alguém reclamando de desânimo, tristeza, falta ou excesso de sono, falta de motivação, entre outros sintomas, lá vem o diagnóstico popular: depressão. O que ocorre é que em nosso meio social são tantas as pessoas que padecem desse mal ou parecem padecer que se tornou algo corriqueiro. Logo, acabamos não dando a devida importância. Com relação aos idosos, a depressão deve ser vista com mais rigor, pois, de acordo com Carvalho & Fernandez (2002, p. 160), nesta fase a propensão aumenta. Os autores alertam para as consequências mais sérias: “[...] risco inerente de morbidade e cronicidade. Além disso, pode ser considerada uma doença potencialmente fatal, desde que há possibilidade de suicídio em 15% dos casos”.

Birman (2001) também relaciona às marcas do mundo atual o surgimento de novas práticas sociais, como os assédios moral e sexual, as práticas de favor – visivelmente corriqueiras na política – e o acentuado aparecimento de queixas. Na educação, professores reclamando da indisciplina, displicência, desrespeito,

¹⁰ Informação fornecida por Flávio Gikovate e Renato Janine Ribeiro no Café Filosófico *Nossa sorte, nosso norte*, em 30 de novembro de 2012.

desinteresse por parte de seus alunos. Somados a isso, o baixo salário e a falta de condições de trabalho. Nas famílias, pais queixam-se da desobediência e consumismo dos filhos; estes, da intolerância e ausência daqueles – mas há de se considerar a falta de tempo dos pais contemporâneos, tendo em vista, principalmente, o número expressivo de mulheres no mercado de trabalho e a corrida que este mundo globalizado impõe às pessoas. Insatisfações com o cônjuge. Com o emprego, com o chefe, com os baixos salários. Com o sistema de saúde. Com o trânsito que não flui. Queixas com o próprio corpo. Corpo este que, segundo o psicanalista Jorge Forbes (informação verbal)¹¹, é objeto de estranhamento do ser humano em qualquer fase da vida em que esteja, quer na infância quer na adolescência quer na idade adulta ou na velhice. Pois nós não estabelecemos com nosso corpo uma integração total.

A compulsividade, seja às drogas, às compras, às comidas, entre outras, soma-se aos sintomas da atualidade. Configura--se como uma prática viciante. O indivíduo, dia a dia, vai aumentando a dose desse consumo. E, temos visto, através da imprensa, das redes sociais, de programas televisivos, como isso vem-se tornando habitual em nossos dias. Consumir tornou-se uma obsessão. Esse fenômeno social pode ser também uma forma de mal-estar (BIRMAN, 2001).

As mudanças pelas quais as sociedades atuais passam são tamanhas, de tal forma que, segundo Zygmunt Bauman (2001), é muito difícil acompanhá-las. Acompanhá-las seria aprendê-las, compreendê-las e conformar-se a elas. Difícil para todos, pois se não quisermos ser atropelados pela velocidade das transformações de nossa época, temos que correr, ser ágeis; temos que estar em constante busca de atualizações. Nesse contexto, é compreensível existir uma dificuldade maior àquelas pessoas que ultrapassaram a casa dos 80 anos de idade. Estas que foram protagonistas de um mundo em que se acordava, ia-se trabalhar e voltava-se para casa; e assim sabiam que no dia seguinte seria tudo igual novamente. Viviam a época da certeza e da estabilidade. Provavelmente, as mudanças na contemporaneidade estão sendo abruptas demais para elas.

Como versa Rubem Alves (2014, p. 27): “A alma tem nostalgia das origens. Nas novidades ela se sente estranha, exilada.” Concernente a isso, o grande intelectual Norberto Bobbio (1997, p. 11) que escreve a própria biografia reflete:

¹¹ Informação fornecida por Forbes no Café Filosófico *Velhice, pra que te quero?*, em 12 de agosto de 2012.

“Ficamos cada vez mais apegados às velhas ideias e, ao mesmo tempo, cada vez mais desconfiados das novas”. Nesse desabafo, o autor traduz todo desconforto e possível angústia de um idoso viver neste mundo contemporâneo, viver num tempo fora de seu tempo, que não lhe pertence. E, metaforicamente, acrescenta: “Uma pessoa da minha idade, por mais que procure ficar na ponta dos pés, consegue ver apenas as primeiras sombras destes novos tempos” (BOBBIO, 1997, p. 11). Ele que viveu numa época em que o tempo era experimentado de uma maneira mais lenta e mais tranquila. A paisagem do cotidiano era sempre a mesma. Atualmente, todos os dias um fato extraordinário vem transformar o cenário de nossa sociedade.

Essa percepção de mudanças está hoje difundida na sociedade. As pessoas contemporâneas, de acordo com Bauman (2001), perdem-se frente aos inúmeros caminhos. As possibilidades de escolha são enormes. A todo instante são-nos apresentados novos produtos, novas marcas; surgem novas profissões, novos cursos e diferentes formas de fazê-los; novos tipos de relacionamentos.

Não se pode ignorar o quanto todas essas transformações têm afetado a vida dos velhos. Eles que nasceram, cresceram, estudaram, constituíram família em um mundo em que as relações de trabalho e consumo eram sólidas e praticamente não sofriam mudanças.

Na atualidade, os conceitos, as ideias diluem-se. Nada é durável, não há mais verdades, ninguém é detentor da verdade. Não há mais certezas. Jean Lyotard (1986) argumenta que a contemporaneidade pode ser entendida como a ideia de que a verdade construída pelos pensadores modernos falhou. O que era verdade tornou-se incerteza, apenas hipótese.

A cada momento, algo novo faz com que o curso da narrativa seja alterado. Conceitos são desconstruídos. Paradigmas quebrados. Incertezas plantadas. O futuro? Uma incógnita. Nossos planos e sonhos esvaem-se, diante da obscuridade do amanhã. Precisamos inventar o futuro. O mundo metamorfoseia-se constantemente. Corremos atrás de compreendê-lo. Submetemo-nos às mutações. Desconhecemo-nos. Angustiamo-nos.

Vive-se num mundo, segundo Baudrillard (1991), dos simulacros. A contemporaneidade veste-se de sinais, códigos, objetos e experiências sem significações que se apresentam mais reais que a própria realidade. Ele considera que isso já está tão incutido nas pessoas e acontece de tal forma no panorama atual que se instaura a impossibilidade de distinguir-se o real do irreal. São atitudes,

formas, linguagens mascaradas, simuladas. A imagem seduz. Vence o simulacro. Esse fenômeno contemporâneo pode ser perfeitamente entendido no mundo do consumo:

Compra-se a marca e não o produto. Prefere-se a imagem ao objeto. A cópia ao real. Porque o simulacro não é pura representação, embeleza o próprio real, o faz mais brilhante, mais próximo daquilo que desejamos como real (BARROS FILHO; LOPES; CARRASCOZA, 2006, p. 108).

É possível entender essa simulação ou traduzi-la como forma de que a sociedade se apropria para esconder seus medos e inquietações.

O que se ouve e se vê pelos veículos de comunicação é que vivemos na Sociedade do Medo. A todo momento, ouvimos muitas vozes vindas de várias direções. Somos bombardeados diariamente por um fluxo intenso de informações que nem sabemos se são de fato verdadeiras. Mas, muitas vezes, espalham um grande temor na população.

No que concerne ao medo, Ferry (2010) elenca três tipos de medo que estão bastante aflorados na atualidade. O primeiro seriam os medos sociais – a timidez; medo de ser desmascarado, humilhado, rejeitado, por exemplo –; o segundo, as fobias – medo de altura, de entrar nas águas de um rio ou mar, de velocidade, de trovão, de pequenos animais, do escuro –; e o terceiro, o medo da morte.

Ferry (2010, p. 18) traz à tona a associação que fazemos da morte, não apenas com o fim da vida, mas também com “o que não voltará mais, o que pertence irreversivelmente ao passado, e que nunca mais poderemos reencontrar”. Essa ideia do “nunca mais” é assim explicada por ele:

Podem ser as férias da infância, passadas em lugares e com amigos de quem nos afastamos sem possibilidade de volta, o divórcio dos pais, as casas ou as escolas que uma mudança nos obriga a abandonar, e mil outras coisas: mesmo que não se trate sempre do desaparecimento de um ser querido, tudo o que é da ordem do “nunca mais” pertence ao registro da morte. (FERRY, 2010, p. 18)

Assim sendo, as pessoas podem ser tomadas por um sentimento de perda – proveniente, muitas vezes, de nossas escolhas. Pois sabemos que, uma vez feitas nossas opções, deixamos para trás outras – as quais, provavelmente, jamais poderemos reaver. Dessa forma, vivemos diariamente pequenos lutos. Conscientes disso, dessa irreversibilidade, angustiamos-nos. E, na marcha de nossos pensamentos, somos constantemente remoídos pelo ‘se’: ‘se eu tivesse’...

Atormentados por esse sentimento de que não poderemos trazer de volta as coisas, os momentos, os fatos, muitas de nossas ações e as pessoas que já se foram, somos levados, invariavelmente, ao passado. Contudo, Ferry (2010, p. 21), seguindo o pensamento dos filósofos da Antiguidade, alerta que é nessa dimensão do tempo “onde se instalam os grandes corruptores da felicidade que são a nostalgia e a culpa, o arrependimento e o remorso”.

Ainda no que diz respeito ao medo, Bauman (2008) chama a atenção para dois tipos de medo: um é aquele que nos aponta para um perigo real, em que por conhecer o inimigo nós nos preparamos para enfrentá-lo; e o outro, mais assustador – segundo o autor –, que nos aponta para a obscuridade, a incerteza. Este último é um medo, esclarece, sem razão ou motivo claros, que não encontra justificativa, mas vive nos assombrando, pois ele pode estar em qualquer lugar e aparecer a qualquer momento, contudo não sabemos onde nem quando, muito menos conhecemos a cara desse nosso adversário. Com isso, sentimo-nos – nesse momento contemporâneo em que a segurança deixou de ser um porto seguro – vulneráveis e em constante sobressalto, tomados por esse sentimento flutuando, nublando nosso cotidiano. É como se a cada manhã, ao sairmos de casa, algo novo possa acontecer, mas algo negativo que venha mudar significativamente o rumo de nossa vida.

Esclarecendo esses medos, Bauman (2008) nomeia-os como: “medo secundário” e “medo derivado”. O primeiro é adquirido conforme nosso convívio social, cultural; portanto, não é estático, ele se transforma e se recicla, à medida que também nossa sociedade vai se modificando. Além disso, nossas experiências passadas podem ter-nos deixado algumas marcas e os perigos e ameaças enfrentados podem formular nossos medos e conduzir nosso comportamento. Não raro, ouvimos pessoas explicando seus medos atuais como consequências de fatos vividos que as marcaram significativamente.

O segundo, o derivado, pode ser explicado como um sentimento que leva as pessoas a terem uma sensação de insegurança, levando-as a um estado de alerta constante. Sentem-se incapazes, frágeis e vulneráveis ao perigo iminente.

Apesar desse medo que paira e da consciência que as pessoas têm, segundo o sociólogo (BAUMAN, 2008b), de que vivemos num mundo assustador, isso não significa que somos tomados por esse sentimento as 24 horas do dia. Pois existem, nesse mundo globalizado, infinitas artimanhas perspicazes que o mercado de

consumo coloca à nossa disposição a fim de nos proteger desses perigos, artimanhas que podem até nos distrair.

Afinal, viver num mundo líquido-moderno conhecido por admitir apenas uma certeza – a de que amanhã não pode ser, não deve ser, não será como hoje – significa um ensaio diário de desaparecimento, sumiço, extinção e morte. E assim, indiretamente, um ensaio da não-finalidade da morte, de ressurreições recorrentes e reencarnações perpétuas... (BAUMAN, 2008b, pp. 12-13)

Nas considerações de Bauman (1998), várias são as inquietações que atormentam a condição contemporânea. Dentre elas, é a liberdade a que se tornou exigida e imperiosa, contrapondo-se às da Modernidade – pautadas no controle e na ordem. A contemporaneidade surge com ideias díspares da época anterior – que via na ordem um meio de construir um mundo seguro, limpo, sólido. Um mundo controlável e explicável. Dessa forma, o período anterior depositava na segurança a esperança de um mundo melhor. Todavia, a segurança que se tem na contemporaneidade é muito pequena para dar às pessoas tranquilidade ou esperança e atender a essas expectativas que alimentam com relação ao mundo.

“Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais”, argumenta Bauman (1998, p. 10). Logo, instauram-se, em nosso tempo, a incerteza e a insegurança. E aponta como aspecto marcante em nossas atuais sociedades o visível aumento da sensação de insegurança, principalmente a partir da antepenúltima década do século XX. De acordo com ele, as pessoas na contemporaneidade, buscando uma liberdade individual, abriram mão da segurança. “Trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade” (BAUMAN, 1998, p. 10). Com relação a essas décadas, considera:

[...] foram de fato anos fecundos e decisivos na história do modo como foi moldada e mantida a sociedade “ocidental” – industrial, capitalista, democrática e moderna. É esse modo que determina os nomes que as pessoas tendem a dar a seus medos e angústias, ou às marcas nas quais elas suspeitam residir a ameaça à sua segurança. E esse modo [...] sofreu uma alteração extremamente profunda. (BAUMAN, 1998, pp. 49-50)

A insegurança também afeta os relacionamentos na atualidade. O referido autor (2004) reflete sobre a efemeridade que os envolve. Segundo ele, os laços afrouxaram-se. Não existem mais compromissos sólidos entre as pessoas. As

relações são frágeis e fugazes. Liquefazem-se. Nesse contexto, é possível estabelecer um paralelo dos atuais relacionamentos com os atuais consumidores – imediatistas, impulsivos e compulsivos – que adquirem algo para satisfazer um desejo momentâneo. Tendo em vista isso, de acordo ainda com Bauman (2004), esse comportamento explica os afrouxamentos nos relacionamentos contemporâneos, com vínculos fracos e escorregadios.

Portanto, é propício considerar a ideia de que as pessoas estão mais à procura do prazer, de viver o momento, e compromissos sólidos implicam pensar no amanhã, implicam dedicação e demandam tempo. Contudo, outro argumento aceitável para esse descompromisso e efemeridade dos atuais relacionamentos é o medo de sofrer, ou melhor, o medo de perder o ser amado; daí o desapego. Para Bauman (2004), o medo do amor ou medo de amar pode ser equiparado ao medo que se tem da morte. Em suas palavras: “O amor pode ser, e frequentemente é, tão atemorizante quanto a morte. Só que ele encobre essa verdade com a comoção do desejo e do excitação” (BAUMAN, 2004, p. 12).

Corroborando essa situação a virtualidade que, nessa era, tem ganho relevante espaço nos relacionamentos sociais, o que gera um descomprometimento com o outro – situação que contrasta com o otimismo de Maffesoli. Explicável: o descartar ou deletar o outro torna-se muito mais fácil – virtualmente, tornamo-nos corajosos. Em contrapartida, por meio da virtualidade, muitos relacionamentos têm-se firmado. Essa “coragem” emprestada pelo meio virtual acaba possibilitando o nascimento de diferentes tipos de relacionamentos.

No que se refere às relações familiares contemporâneas, instala-se um paradoxo interessante. Embora, como nunca, pais e filhos estejam unidos geograficamente – ocupando, ao mesmo tempo, o mesmo espaço habitado –, cada membro da família, conectado à internet, isola-se em um canto qualquer da casa. Isso pode ser percebido quando se reúnem, por exemplo, em um restaurante. Fato raro é encontrar um deles – pais ou filhos – não fazendo uso do celular. Todos numa educada e silenciosa harmonia. Os diálogos já não encontram espaço. O mundo virtual é o mundo do silêncio, o mundo do individualismo. As vozes calam-se nas telinhas com a mesma rapidez que são esquecidas, deletadas. Porém, como percebe Maffesoli (2012), são novas formas de estar-junto.

Todavia, mesmo diante desse silêncio e nova maneira de estar-junto envolvendo as famílias, Ferry (2010) atesta que, hoje, o amor dedicado à família é o

maior de todos os tempos. Aponta isso como uma novidade na história. Para ele, é a grande marca que define a contemporaneidade. Ainda a esse respeito, comenta a nova estrutura familiar. O divórcio possibilitou uma grande transformação nesse laço social. As famílias ampliaram-se: hoje uma pessoa – separada e com filho(s) – case-se com outra – também separada e com filho(s) – e juntas têm outro(s) filho(s). Todos vivendo harmoniosamente. Devem ser incluídas nesse novo formato familiar as famílias constituídas por pares do mesmo sexo – cada vez mais frequentes e aceitas na sociedade. Filmes e novelas têm contribuído para a propagação dessa nova composição das famílias.

Contudo, Bauman (2004) contesta esses novos formatos familiares que, segundo ele, são marcados pela individualidade, nos quais os velhos são afetados negativamente, pois não são chamados a participar de qualquer decisão dentro da família.

A liberdade é um outro traço que caracteriza nossa sociedade contemporânea. Para Bauman (2008), as pessoas são a expressão da liberdade sem limites. Visam a conquistar, a qualquer preço, a felicidade. São transformadas pela individualização. Ressalta, assim, a tendência dessas pessoas ao isolamento. Atitude que, indubitavelmente, constitui-se como consequência da liberdade.

Como disserta Sartre (1987), a liberdade vai configurar como o ponto central do existencialismo. Nessa perspectiva filosófica, a existência precede a essência, ou seja, o homem de início não pode ser definido; primeiro ele existe e somente depois de encontrar-se e surgir no mundo é que ele se define. A liberdade existe para que o ser humano possa se fundar. Nesse sentido, cabe a ele fazer o que lhe procede conforme sua liberdade. Dessa forma, o homem será resultado de seu próprio projeto, cabendo neste a responsabilidade do que é. No entanto ele deve se responsabilizar não somente por si, de maneira restrita e egoísta, mas por todos os homens. Quando o homem escolhe, chama para si a responsabilidade por toda a humanidade. Essa escolha é que lhe trará angústia, o desamparo, o desespero. Pois, estando ele engajado, é que se dará conta de quanto é grande sua responsabilidade. No entanto, a angústia impulsionará o homem a agir, possibilitando-lhe múltiplas escolhas. Logo, sente-se desamparado, pois não está escrito em lugar algum o que deve ou não fazer; tudo depende dele.

Para o professor da USP, Franklin Leopoldo e Silva (2013), na atualidade, não existe uma “tábua de valores”, pela qual o homem possa se direcionar, portanto

suas ações não encontram critérios que as respaldem. Sendo assim, não há nada que lhe garanta suas ações livres. Isso será para o homem fator de mal-estar. Pois ele se sente desamparado. Mas como lidar com isso, se não há uma bússola a orientá-lo?

Logo, se não existem mais normas – estamos numa sociedade anomíaca – é o próprio sujeito, em havendo liberdade de escolha, quem deve criar tudo e a partir do nada. Entretanto, o exercício da liberdade exige decisões e, estas, fatalmente, gerarão responsabilidades sobre ele. Diante da diversidade de possibilidades que se lhe apresentam, ele tem que escolher, resultando, muitas vezes, no sentimento de perda.

Tal situação pode ser percebida, no nosso mundo capitalista, na relação entre o agente consumidor e a gama de produtos e bens existentes no mercado. Essa multiplicidade de escolhas acaba levando o indivíduo a uma frustração. Pois escolher requer, também, renunciar, deixar algo para trás.

O ímpeto de consumo, exatamente como o impulso de liberdade, torna a própria satisfação impossível. Precisamos sempre de mais liberdade do que temos – mesmo que a liberdade de que achamos que precisamos seja liberdade para limitar e confinar a liberdade atual. A liberdade é sempre um postulado e expressa-se numa constante reprodução e reaguçamento de sua força postulativa. (BAUMAN, 1998, p.175)

Nesse sentido, a ação é mais importante que a conquista do produto. A ação de consumir constitui um valor social. Como disserta Bauman (2001, p. 103):

A chegada, o fim definitivo de toda escolha, parece muito mais tediosa e consideravelmente mais assustadora do que a perspectiva de que as escolhas de amanhã anulem as de hoje. Só o desejar é desejável – quase nunca uma satisfação.

Tendo em vista as considerações expostas, uma pergunta insere-se nesse contexto: nossas escolhas são mesmo resultado de nosso desejo ou seriam elas construídas e atravessadas pelos paradoxos de nossa condição existencial contemporânea? Construídas pela sociedade de consumo, sociedade midiática e imagética? Uma adequação ante os valores consumistas impostos?

Pode-se inferir, portanto, que o exercício da liberdade esteja intrinsecamente vinculado a uma grande solidão e à sensação de desamparo. Com relação a isso,

Bauman (2001, p. 26) propõe um questionamento: “a liberdade seria benção ou maldição”?

Ainda, no que tange à liberdade, merece nota que, na perspectiva existencialista, nós não temos liberdade, nós somos liberdade (SARTRE, 1987). Empossados dessa liberdade, estamos livres e soltos, flutuamos na sociedade horizontal e, segundo Bauman (2001, p. 8), “sabemos pela prática que quanto mais leves viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos”. Movemo-nos (ou tentamos) à velocidade imposta pelo avanço tecnológico e pela globalização. Esta que, em meio às transformações da contemporaneidade, figura como responsável agente modificador do panorama mundial e da nossa condição humana.

Tendo em vista o avanço tecnológico nos meios de comunicação, Jean Lyotard (1986) aponta a crescente capacidade de transmissão e de acesso aos saberes de naturezas diversas nas sociedades, denominadas por ele de sociedades informatizadas. Entretanto, essa transmissão destitui o sujeito desse saber, uma vez que o conhecimento está armazenado em ferramentas artificiais de memória. Essa artificialidade, com veloz propagação de saberes, constitui mais uma marca da contemporaneidade. Lyotard considera tal produção pautada em uma lógica da serventia, do desempenho e do seu valor de venda, passando, antes, pela mercantilização. Nesse contexto, a produção de conhecimento traduz-se em mercadoria. Esse processo assinala uma transformação cultural nas ditas sociedades. Da mesma forma, mudanças na estrutura de seus vínculos sociais.

Nesse sentido, o futuro apresenta-se como uma incógnita, a própria existência é uma incógnita. Mergulhadas nessa incerteza, as pessoas contemporâneas curvam-se ao encantamento e ao hipnotismo da mídia que dissemina um consumo exacerbado, gerando necessidades artificiais, através de apelos sedutores lançados democraticamente em todas as direções – para que toda a sociedade seja alcançada. Ocorre, entretanto, um distanciamento cada vez maior entre os seduzidos que conseguem satisfazer seus desejos e aqueles que, mesmo seduzidos, não o conseguem. Dessa forma, há, de um lado, os insatisfeitos que conseguem, mas nunca estão saciados, pois as novidades surgem constantemente, então eles passam a almejá-las; e, de outro, os também insatisfeitos por não alcançarem o que desejam. Trata-se de um processo cíclico e interminável.

Tão incutida está a prática de consumo desenfreado na sociedade, que as pessoas, mesmo sabendo que isso é ilusão, veem no consumo de bens e adoção de

costumes condição para alcançar-se a felicidade. A felicidade, entretanto, nas considerações de Ferry (2015), não existe. “Temos momentos de alegria, mas não existe um estado permanente de satisfação”. Depreende-se daí que “a busca pela felicidade plena não faz sentido”.

A ordem, agora, é consumir, é trocar, é descartar. Leandro Karnal (informação verbal)¹², em consonância com a obra de Bauman, salienta que a pós-modernidade é a época do descartável. Época em que se considera, obviamente, mais fácil descartar do que aproveitar, do que consertar. Atualmente é raro quem mande consertar, por exemplo, um celular; compra-se outro, pois no mercado já existem aparelhos mais atuais; o antigo, mas ainda novo, tornou-se obsoleto, face à velocidade com que a tecnologia avança. A obsolescência, nesse contexto, pode ser explicada como uma lógica do capitalismo, que cria necessidades para que se venda mais. Em meio a isso, o indivíduo privilegia o ter em detrimento do ser. A política da vida, agora, é comprar. Comprar e ter o novo para haver aceitação pela sociedade?

As transformações acontecem num ritmo inebriante. Novas tecnologias aparecem a todo instante. Um turbilhão de informações trazidas pela televisão, pelo rádio, pelos jornais e revistas e, principalmente, pela internet infiltram-se na intimidade de nossa casa, de nosso trabalho, de nosso lazer, tomando conta de nossa vida. O mundo inteiro, agora, concentra-se no nosso espaço. Esse é um dos efeitos da globalização ao qual Hall (2006, p. 69) denominou de “compressão espaço-tempo”.

A mídia impõe-nos condutas, modos de vestir, linguagens, gostos. E nós conformamo-nos a essas mudanças. (Des)formamo-nos. Assumimos múltiplas identidades. Já não nos reconhecemos nessa constante fragmentação. Então, buscamos ressemantizações. Estas chegam como consolo às nossas inquietações. O que basta por momentos apenas, porque, logo, somos atropelados, novamente, por outras transformações. A efemeridade permeia nossa existência. Somos tomados paradoxalmente por um sentimento angustiante de finitude.

Embora faça uma leitura bem mais otimista do cenário contemporâneo, Maffesoli (1998) corrobora a ideia da existência de uma identidade multifacetada, fragmentada e temporal na atualidade. Para ele, essa identidade que não é fixa,

¹² Informação fornecida por Leandro Karnal na aula A utopia da melhor idade, em 2012.

transforma-se por meio da com-vivência do sujeito com seu meio social. Nesse ponto, segundo ainda a visão do autor (MAFFESOLI, 2012), somos como um ser andrógono, ou seja, estamos sempre em mutação, dessa forma, nossa identidade fragmenta-se. O indivíduo, na contemporaneidade, não pode mais ser visto como uno; somos pessoas plurais, pois à medida que entramos em contato com diferentes grupos sociais, aos quais ele chama de “tribos”, vamos nos adequando a esses meios, comungando com eles e construindo laços sociais, emocionais. Nessa interação, ficam-nos à disposição diferentes máscaras, das quais nos apropriamos em consonância aos papéis que escolhemos desempenhar nesse palco cotidiano. Disserta que são as redes sociais, a internet as principais facilitadoras dessa interação entre as tribos.

O teórico jamaicano Stuart Hall (2006) faz uma outra leitura com relação à identidade. Essa questão, segundo ele, tem sido bastante discutida na teoria social. O que se constata é que o período anterior era retratado como uma sociedade estável, sólida, proporcionando ao indivíduo social sólidas localizações, dando-lhe a ideia de ter uma identidade integral. No entanto, com as transformações no mundo contemporâneo, essa paisagem social estável começa a sofrer mutações e, junto com ela, entram em declínio as velhas identidades, dando espaço ao surgimento de novas identidades. É importante ressaltar, nesse contexto, o papel da globalização. Seu impacto nas sociedades, alterando significativamente suas paisagens culturais com constantes fragmentações, produzindo, assim, um deslocamento nas identidades culturais. Entretanto, quanto ao papel da globalização nesse processo identitário, pondera que ela, pela sua lógica, não se prestaria ao papel de destruir as identidades nacionais e conclui: “É mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, novas identificações ‘globais’ e novas identificações ‘locais’” (HALL, 2006, p. 78).

Foi, então, de acordo com ele, que os indivíduos se libertaram de sua estabilidade em tradições e estruturas. Esse rompimento acaba desencadeando um descentramento das identidades, transformando as identidades pessoais. Contudo, esse processo pode estar causando uma crise de identidade.

O autor traz à pauta o pensamento psicanalítico para a conceituação de identidade:

[...] em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude. (HALL, 2006, p. 39)

Já no pensamento de Sartre (1987), toda a nossa existência se fundamenta pela ausência de identidade. Essa falta também é apontada por Bauman (1998). Segundo este, tentamos preenchê-la através das ofertas de massificação e de globalização de comportamentos que nos são oferecidos. No entanto, acrescenta, estamos vivendo e sendo direcionados por esses pacotes prontos, organizando nossa vida. Logo, isso não serve à nossa identidade.

A sociedade contemporânea, cada vez mais secularizada, encontra-se sem referência cósmica a conduzi-la. Cortou seu cordão umbilical com o Divino. Os atos do ser humano são, agora, por ele decididos, pelos quais deve assumir toda a responsabilidade. Fardo por demais pesado.

Desse rompimento, ou melhor, dessa mudança na forma de pensar, pode-se depreender o niilismo, o vazio de sentidos em que submerge o período atual. Hoje, embora liberto, o ser flutua na sociedade horizontalizada, na qual seus referentes são multiplicados. Contudo, para Nietzsche (2006), o homem, sabendo que o mundo não tem sentidos, fortalece-se, cria um novo modo de vida, com valores novos e autênticos.

Ferry (2008), contrário ao que dizem sobre vivermos a era do vazio e do desencantamento do mundo, acredita que hoje vivemos a encarnação do sagrado num “novo rosto, o da humanidade”. Isso quer dizer que aqueles valores pelos quais o ser humano se sacrificaria foram preteridos. Hoje, no pensamento do filósofo francês, somente pelo próprio ser humano, este poderia assumir algum risco. Mais ainda se for por uma pessoa que ele ame. Daria até a própria vida.

Entretanto, ouçamos a voz de Maffesoli (2007, p. 37): “o que precisa ser pensado: o profundo significado do não-sentido da vida. Uma significância que não se projeta”.

Agora, a sociedade, livre, carece de modelos a seguir. Espelha-se nos oferecidos pela mídia. As imagens atraem. O mundo das celebridades, dos esportes é mostrado como padrão. Os protagonistas da publicidade e da propaganda são

sempre os mais bem-sucedidos e os que exibem um corpo “perfeito”, sarado, esculpido. Atualmente, as academias abarrotam-se de homens e mulheres fissurados na conquista desse padrão ora estabelecido. Todavia, há de ser levado em conta o fato de que esses modelos produzidos são voláteis. Nesse sentido, o que hoje é considerado bonito, amanhã, já não o é.

Fomento ao assédio imagético são as clínicas estéticas, oferecendo soluções milagrosas e rápidas – enquadrando-se na urgência do indivíduo contemporâneo. Para os privilegiados financeiramente, as cirurgias plásticas abrem caminho para a estética perfeita. Difunde-se a indústria da vaidade. O corpo traduz-se não só como meio para alcançar-se a felicidade, como também objeto de aceitação social. É a cultura da imagem.

Na busca dessa perfeição, o sujeito contemporâneo passa a cultivar o narcisismo, apreço exagerado pela própria imagem (GIKOVATE & RIBEIRO, informação verbal¹³). A ideia de sociedade narcísica pode ser associada à ideia de individualismo, uma vez que o termo primeiro tem sua origem no mito grego, em que Narciso, jovem bonito, apaixona-se pela própria imagem refletida na água. Assim sendo, as atenções são voltadas de si para si.

Quanto ao individualismo, afirma Maffesoli (2010), esta não é uma categoria adequada à atualidade e sim à época anterior – a modernidade. Este é um problema que, critica ele, “obsessiona [...] toda a reflexão contemporânea” (MAFFESOLI, 1998, p. 13). Argumenta que o essencial é analisar as configurações sociais – a massa indefinida, o povo sem identidade, o tribalismo.

Com relação ao narcisismo – visto como uma das marcas da sociedade ocidental atual – de acordo com Gikovate & Ribeiro (informação verbal)¹⁴, equivaleria à vaidade. Demonstrações evidentes dessa vaidade podem ser percebidas frequentemente nas redes sociais. O indivíduo contemporâneo – nesse caso, o internauta – aparenta necessidade de estar em evidência constantemente. Todos os seus atos são postados nas redes sociais: uma viagem, a ida ao shopping, ao cinema, ao teatro, à balada, à casa de amigos, a um restaurante. Ou então são os bens adquiridos, desde uma peça do vestuário, um celular – que, quanto mais sofisticado, maior é o *status* -, um carro ou um imóvel. Enfim, tudo tem que ser

¹³ Informação de Flávio Gikovate e Renato Janine Ribeiro no Café Filosófico *Nossa sorte, nosso norte*, em 2012.

¹⁴ Informação de Flávio Gikovate e Renato Janine Ribeiro no Café Filosófico *Nossa sorte, nosso norte*, em 2012.

compartilhado. Existe, nesse exibicionismo, uma necessidade vital de visibilidade. Para os autores, isso seria pura demonstração de vaidade.

A cultura narcísica alimenta-se dos recursos imagéticos, da difusão de imagens que vão influenciar tanto a produção em massa quanto o consumo de mercadorias. Nesse contexto, cultura e economia aliam-se em prol do mercado consumidor. Logo, temos produtos culturais comercializados (JAMESON, 2001). O modo de produção capitalista, de acordo com Jameson (2001), continua sendo a expressão da sociedade atual. No entanto, nesta, o estético incorpora-se ao próprio modo de produção, encaixando-se na urgência do mercado ampliado.

Nesse bombardeio de imagens, segundo o psicanalista Birman (2001), o indivíduo contemporâneo passa a ser um consumidor daquelas. Ele, seduzido pelo fascínio que elas imprimem, aceita o que lhe é oferecido, sem questionamento.

Tendo em vista essa cultura da imagem que polariza o consumo no corpo, sentimentos de repulsa e aversão à velhice vão sendo produzidos, uma vez que esta fase se traduz exatamente como o oposto da vitalidade e beleza cultuadas em nossa atual sociedade. Nesse contexto, muitas pessoas, atraídas por essa cultura, tentam escapar daquilo que lhes é inerente: o envelhecimento.

De acordo com Debert (2012), essa cultura do consumidor, do cuidado com o corpo e com a saúde tem agora relação com a nova gestão da velhice. As pessoas são chamadas a assumirem a responsabilidade pelo próprio corpo. Ajudadas pela publicidade, manuais de autoajuda, especialistas na área de saúde e beleza, passam a acreditar que

as imperfeições do corpo não são naturais nem imutáveis e que, com esforço e trabalho corporal disciplinado, pode-se conquistar a aparência desejada; as rugas ou a flacidez se transformam em indícios de lassitude moral e devem ser tratadas com a ajuda de cosméticos, da ginástica, das vitaminas, da indústria do lazer. [...] Nesse processo, a juventude perde conexão com um grupo etário específico, deixa de ser um estágio na vida para se transformar em valor, um bem a ser conquistado em qualquer idade, através da adoção de estilos de vida e formas de consumo adequadas. (DEBERT, 2012, pp. 20-21)

Considerados todos os pensamentos expostos, trago a fala de Forbes (2011): “Vivemos numa época de renascimento e temos o privilégio de poder decidir como queremos tecer nossos laços sociais”. E acrescento: dadas tantas possibilidades de escolhas, podemos nelas incluir os velhos em nossa convivência. Entretanto, como

resolver o problema de desamparo diante da incompletude de nossa própria condição contemporânea?

1.2 A VELHICE FRENTE À NOVA EXPECTATIVA DE VIDA NA CONTEMPORANEIDADE

“De todos os fenômenos contemporâneos, o menos contestável, o de marcha mais segura, o mais fácil de ser previsto com grande antecedência e talvez o mais pejado de consequência é o envelhecimento da população”

(SAUVY *apud* BEAUVOIR, 1976)

O mundo mudou. Com as transformações, vieram ganhos, como também perdas. O maior benefício, sem dúvida alguma – que pode chegar a todo ser humano –, é o aumento da expectativa de vida. Todavia, como pautarei mais adiante, trata-se de uma conquista da qual nem toda a população pode beneficiar-se – sobretudo as de baixa renda. Esse presente, do qual as sociedades já tomaram posse, traz consigo, entretanto, uma inquietação: de que maneira os novos idosos irão levar 30 ou 40 anos de vida pela frente? (FORBES, 2012)

Diante da avançada longevidade que atinge o relógio biológico do ser humano, segundo declaração de Renato Veras (2002, p. 10) – Diretor da Universidade Aberta da Terceira Idade/Uerj – :

O desafio que se coloca é o início da delimitação de cenários nos quais os avanços da genética e da biotecnologia permitirão ao ser humano alcançar os 120 a 130 anos de forma independente, livre de doenças, com a expectativa de vida atingindo o limite máximo.

A antropóloga Guitaa G. Debert também discute sobre a longevidade da vida humana. No entanto, pondera:

O prolongamento da vida é, sem dúvida, um ganho coletivo, mas também tem se traduzido em um perigo, um risco, uma ameaça à reprodução da vida social. Os custos da aposentadoria e da cobertura médico-assistencial da velhice são apresentados como indicadores da inviabilidade de um sistema que, em um futuro próximo, não poderá arcar com os gastos de atendimento, mesmo quando a qualidade de serviços é precária como no caso brasileiro. (DEBERT, 2012, pp. 22-23)

Tendo em vista essas declarações, pode-se pensar na longevidade da vida, constituindo-se uma grande questão a ser pensada na atualidade. Mas Papaléo Netto & Ponte chamam a atenção para que se levem em consideração as variantes que envolvem o processo do envelhecimento e a necessidade de planejamentos para que aí sim o desafio possa ser enfrentado. O envelhecimento, nas palavras dos autores:

Visto simplesmente pelo prisma biofisiológico é desconhecer os problemas ambientais, sociais, culturais e econômicos que, seguramente, em maior ou menor extensão, participam do processo do envelhecimento. Há que se ter visão global do envelhecimento enquanto processo, e dos idosos enquanto indivíduos. (PAPALÉO NETTO; PONTE, 2002, p. 3)

Alexandre Kalache (2014) – Presidente do Centro Internacional de Longevidade Brasil (ILC-Br) – diz que estamos diante de uma “Revolução da Longevidade”. Atesta que os dados (World Health Organization – 2012) são alarmantes. E o Brasil está entre os três países com população acima de 50 milhões que mais envelhecerão nas próximas duas décadas. Em 2012, o país somava 23 milhões de idosos – 11% da população total –; em 2050, a população envelhecida atingirá 64 milhões, ou seja, 29% do total. Terá, portanto, quase triplicado o número de idosos brasileiros. Chegaremos, segundo ele, ao mesmo nível do Japão que hoje tem a população mais envelhecida do mundo. No entanto, ao passo que, em países desenvolvidos, o envelhecimento deu-se somente após seu enriquecimento, aqui uma parcela considerável da população vem chegando a essa fase da vida numa situação de pobreza. Esse fato traz preocupações para o Estado e para a sociedade, pois o velho, nessa perspectiva, acaba transformando-se num peso econômico (KALACHE, 2014).

Nesse contexto, destaca a dissonância ocorrida, no Brasil, nas duas últimas décadas, entre os grupos etários: houve uma diminuição de todos os grupos etários com menos de 25 anos e cinco milhões a menos de crianças abaixo de cinco anos. Isso significa que a Taxa de Fecundidade Total (TFT) no país diminuiu consideravelmente, pois em 1975 essa taxa era de 5,8%, passando para 1,8% em 2012. Além disso, essa taxa permanece abaixo do nível de reposição, significando que logo teremos uma diminuição populacional. Esse alerta já fora dado por Debert (2012) – indicado na introdução deste texto – por tratar-se de um fato que pode trazer implicações para a perpetuação da vida humana. Esse quadro aponta para

uma série de desafios que a sociedade, o Estado, a família e o sujeito em questão – o idoso – terão que enfrentar.

Antes de prosseguir com a reflexão, faz-se necessário um esclarecimento. Quem é, de fato, considerado idoso? Essa etapa pode ser demarcada, segundo Camarano e Pasinato (2004a, p. 4), por meio de vários critérios:

O mais comum baseia-se no limite etário, como é o caso, por exemplo, da definição da Política Nacional do Idoso (Lei 8.842, de 4 de janeiro de 1994). O Estatuto do Idoso (Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003) endossa essa definição. Já a Organização Mundial da Saúde (OMS) considera como idosas as pessoas com 60 anos ou mais, se elas residem em países em desenvolvimento, e com 65 anos e mais se residem em países desenvolvidos.

Nesse sentido, pondera a autora, essa classificação leva em conta somente a idade cronológica, ou seja, aqueles que têm 60 – 65 anos ou mais. Seria preciso, no entanto, considerar o ambiente em que os indivíduos vivem, pois as características dessas sociedades são imprescindíveis na formulação desse conceito. Entretanto, Camarano & Pasinato (2004a) dizem que o conceito formulado de idoso tem que ser revisto, tendo em vista o aumento da expectativa de vida e os novos papéis sociais dos idosos na sociedade.

As características biológicas tendem a ser o primeiro referencial para se classificar o idoso. Todavia, também devem ser levados em conta outros aspectos – além do orgânico e físico –, como o fato de o idoso estar inserido em várias esferas sociais: família, trabalho, igreja. Essa classificação, assim concebida, pode gerar problemas. Segundo Camarano e Pasinato (2004a), o objetivo primeiro dessa classificação seria por parte das políticas públicas, de obterem-se as demandas da saúde e de serviço previdenciário. Essa marca também mapeará a situação desses idosos nas várias esferas sociais, como por exemplo, família e mercado de trabalho. Todavia, essa rotulação seria uma forma de segregação social, uma vez que são criadas expectativas em torno do papel social desses idosos, e a sociedade, de forma coerciva, espera que eles entendam. Nesse cenário coercitivo, surgem as aposentadorias compulsórias.

Camarano e Pasinato (2004a) arguem que, embora seja necessária essa demarcação para a aplicação de recursos e elencar os que têm esses direitos, corre-se o risco de abarcar indivíduos que não precisem desses benefícios e deixar de fora outros necessitados.

Cabem, nesse contexto, as considerações de Bobbio (1997, p. 17):

Aqueles que escreveram sobre a velhice, a começar por Cícero, tinham por volta de sessenta anos. Hoje um sexagenário está velho apenas no sentido burocrático, porque chegou à idade em que geralmente tem direito a uma pensão. O octogenário, salvo exceções, era considerado um velho decrépito, de quem não valia a pena se ocupar. Hoje, ao contrário, a velhice, não burocrática, mas fisiológica, começa quando nos aproximamos dos oitenta, que é afinal a idade média de vida [...].

Camarano (2014), Forbes (2012), Kalache (2014) apontam o envelhecimento da população mundial como uma das grandes questões do século XXI. Mas Camarano ressalta: “Viver muito não é um fato novo”. A novidade, elucida ela, é que hoje a longevidade foi democratizada. Tem alcançado grande parte das populações.

Kalache (2014) traz os dados (WHO-2012) de pesquisas que comprovam a “revolução da longevidade”. O Brasil, que na década de 1970, tinha uma expectativa de vida de 53,5 anos, hoje ultrapassa os 75 anos. Nessa “revolução”, aparece a diminuição da taxa de mortalidade, consequência do controle das doenças e também dos nascimentos. Tem-se com isso a determinação do ciclo da vida, possibilitando as pessoas terem maior controle sobre seu destino e o de sua família (CAMARANO, 2014).

Um aspecto a ser ponderado nesse contexto é a redução da mortalidade influenciar diretamente o número de divórcios no país. Em função dessa queda, houve um considerável aumento desses desenlaces. Isso é explicável pelo fato de que, até quatro ou cinco décadas atrás, as pessoas casavam-se com a esperança de viverem juntas 20 anos. Hoje esse tempo dobrou. Sendo assim, dificilmente os relacionamentos conseguem aguentar tanto tempo (CAMARANO, 2014). Esse fato também será responsável pelos novos formatos familiares.

Contudo, alerta Kalache (2014), apesar dessa longevidade ser uma realidade hoje, ainda existe um alto índice de mortalidade entre os idosos a ser vencido no Brasil. Atualmente, 67% do total de óbitos cabem àqueles acima de 60 anos. Isso vem acontecendo, pontua ele, de forma crescente, devido a doenças como a hipertensão e a diabetes. É preciso, portanto, vencer ainda muitas barreiras. Assim considera: “Otimizar as oportunidades de saúde, de educação continuada e de participação na vida social, de modo a alimentar a qualidade de vida significa promover o envelhecimento ativo” (KALACHE, 2014, p. xx).

Esse fenômeno do envelhecimento ocorre no Brasil, de acordo com Camarano & Pasinato (2004b), num momento em que está presente uma crise recessiva e fiscal. Nesse quadro, o processo de proteção social ao idoso e aos demais grupos etários fica prejudicado e sua expansão é dificultada.

Não se trata de nenhuma novidade a heterogeneidade da sociedade brasileira, assim como o problema da distribuição de riqueza, que acaba ficando nas mãos de uma minoria. Essa realidade tem reflexo direto na vida das pessoas idosas. Segundo Veras (1994), são as condições adequadas de vida de cada indivíduo, incluindo uma boa alimentação, que irão capacitar o organismo de armazenar reservas fisiológicas para uma velhice mais saudável.

Destacando a longevidade do ser humano como um marco contemporâneo, pode-se dizer que junto a esse fato vieram as mudanças significativas nas famílias ocidentais. Não somente aquelas aludidas anteriormente por Ferry e Bauman. Zimmerman (2000, p. 68) reflete sobre o aspecto transgeracional, entendido como a “transmissão de valores, crenças e condutas de uma geração para outra”. Segundo ela, hoje, várias gerações compartilham do mesmo espaço geográfico – casa, apartamento –; não raro, até quatro gerações. Mas a autora aborda a questão da convivência, principalmente entre jovens e velhos. Que, de acordo com ela, são grandes; uma vez que ambos não conseguem entender as metamorfoses pelas quais as sociedades passam de uma época para outra e nem se colocar no lugar do outro, acarretando, então, um conflito de gerações. Para Zimmerman (2000), isso se resolveria se houvesse diálogo e convivência entre eles. Compartilhando dessa ideia Leme & Silva (2002, p. 93) acrescentam: “O idoso exige cuidados, tem costumes que se referem a outras épocas, ‘manias’. A abertura, particularmente nos jovens, começa quando se reconhecem as diferenças entre as pessoas e se notam as suas necessidades.”

Zimmerman (2000) diz que, se a família tratar bem seus velhos, os pais acostumarem os filhos desde cedo a visitar os avós e tratar-lhes com carinho, cuidado e consideração, esse conflito entre as gerações nessa família não ocorrerá.

Goldani (2004) aponta a ideia de um emergente conflito intergeracional no Brasil. Segundo ela, a partir da década de 1990, as famílias de idosos têm um aumento de renda com relação às famílias com filhos pequenos, cuja renda, a partir de então, deteriorou-se. Concomitante a isso, os idosos têm sua responsabilidade aumentada, pois passam a ser os provedores econômicos da família, com filhos

adultos e netos. Outro ponto observado pela autora é que os idosos têm tido um favorecimento em relação aos demais grupos etários quanto aos gastos do governo federal com os programas sociais para a redução da pobreza.

Paulo Murad Saad (2004) aborda outro aspecto das relações intergeracionais. De acordo com ele, as idades mais avançadas têm tido sua sobrevivência assegurada graças à reciprocidade de ajuda e troca entre pais e filhos. Informa que tanto no Brasil quanto na América Latina em geral essa troca entre os membros da família tende a se ampliar ao longo de todo o ciclo da vida desse grupo social, sendo estabelecido o papel de cada um em cada etapa do ciclo. No entanto, mostra que, com as mudanças ocorridas no último século, esse panorama sofreu transformações. Paulatinamente, funções antes pertencentes à família foram abarcadas pelo setor público, resultando numa diminuição do papel das famílias. Estas que eram o suporte básico na vida desses idosos. Todavia, na mesma medida em que ocorre o processo de envelhecimento, os filhos adultos têm deixado de transferir ajuda aos pais idosos que são dependentes da família. Essa situação suscita uma inquietação maior ainda em relação aos cuidados desses idosos que, antes, ficavam quase sempre a cargo das mulheres – hoje cada vez mais ativas no mercado de trabalho. E, em se tratando de Brasil, com deficiências nas áreas de Saúde Pública e Seguridade Social, a situação desses velhos se complica, pois volta a ficar centrada na família, sem que esta possa lhe dar o devido apoio. Saad chama a atenção para o fato de estar ocorrendo uma situação inversa, num momento que o país vive uma crise econômica, com aumento do desemprego e da pobreza. Muitos filhos adultos com a família passaram a residir com os pais idosos e destes dependerem. O quadro ganha ainda um agravante se for considerado que a maioria desses idosos recebe uma aposentadoria quase sempre insuficiente para os gastos mínimos necessários.

Minayo & Coimbra Jr (2002, pp. 16-17) também dissertam sobre as transformações demográficas ocorridas nas famílias brasileiras. Observam que

Na medida que diminuem os espaços residenciais e o número dos membros que entram no mercado de trabalho, comparativamente aumentam os que se retiram. Criam-se novas demandas de cuidados, necessidades de adaptação da arquitetura das casas, isolamento dos parentes em asilos, ou maior exigência de dedicação dos mais novos para proporcionar melhor qualidade de vida aos que se tornam dependentes. Sem falar no fato de que não são poucas as dificuldades de convivência entre as várias gerações

que cada vez se distanciam mais culturalmente, numa sociedade em que os padrões de comportamento também têm mudado aceleradamente.

1.3 ENVELHECER...

“Preparativos de viagem

Vários de seus amigos mortos dão hoje nome a ruas e praças.

Ele próprio se sente um pouco póstumo quando conversa com gente jovem.

Dos passeios, raros, a melhor parte é a volta para casa.

As pessoas lhe parecem barulhentas e vulgares. Ele sabe de antemão tudo quanto possam dizer.

Nos sonhos, os dias da infância são cada vez mais nítidos e fatos aparentemente banais de seu passado assumem uma significância que intriga.

O vivido e o sonhado se misturam agora sem causar espécie.

É como se anunciassem um estado de coisas cuja possível iminência não traz susto.

Só curiosidade. E um estranho sentimento de justeza.”

(PAES, 2003, p. 224)

Falar sobre a velhice. Será possível sem experienciá-la, sem experimentá-la? Trata-se de uma fase que acontece de forma ímpar a cada pessoa, tendo em vista suas experiências de vida e suas percepções de mundo – que são absolutamente subjetivas, embora socialmente compartilhadas e influenciadas, quase sempre, por seu meio social: família, trabalho, escola. Então, mais que conceituá-la, considero premente contextualizá-la, olhá-la de perto, por dentro; atentar para os possíveis prazeres e carências que dela advêm e tentar compreender a vida que nela está.

O que define o sentido e o valor da velhice é o sentido atribuído pelos homens à existência, é o seu sistema global de valores. E vice-versa: segundo a maneira pela qual se comporta para com seus velhos, a sociedade desvenda, sem equívocos, a verdade – tantas vezes cuidadosamente mascarada – de seus princípios e de seus fins. (BEAUVOIR, 1976, p. 97).

Velho é sempre o outro. “Antes de desabar sobre nós, a velhice é coisa que só diz respeito aos outros” (BEAUVOIR, 1976, p. 10). Temos dificuldade em aceitar a ideia de que um dia também chegaremos à velhice ou, pior, teremos a imagem que esta nos fornece. Segundo Ecléa Bosi (2004, p. 79), a velhice é vista preconceituosamente pelo outro, que materializa, formula uma imagem:

[...] é uma situação composta de aspectos percebidos pelo outro e, como tal, reificados (um *être-pour-autrui*), que transcendem nossa consciência. Nunca poderei assumir a velhice enquanto exterioridade, nunca poderei assumi-la existencialmente, tal como ela é para o outro, fora de mim. É um irrealizável como a negritude; como pode o negro realizar em sua consciência o que os outros veem nele?

O termo velhice, ao longo dos séculos, assim mostra-nos a literatura, tem-se apropriado de múltiplos significados, a maioria com carga negativa: incapacidade, angústia, fragilidade, morosidade, decadência, decrepitude, intolerância. Estes estereótipos continuam presentes em nossas sociedades, moldando nossas condutas. Ressoam nos meios sociais atitudes discriminatórias e preconceituosas, atestando esses sentidos pejorativos.

Aquele que compartilha dessa visão terá sua ideia reforçada ao ler o primeiro texto consagrado à velhice de que se tem notícia. Segundo Beauvoir (1976, p. 103), “encontra-se no Egito e foi escrito 2.500 anos antes de Cristo por Ptah-hotep, filósofo e poeta”:

Quão penoso é o fim de um ancião! Vai dia a dia enfraquecendo: a vista baixa, as orelhas se tornam surdas; a força declina; o corpo não encontra repouso; a boca se torna silenciosa e já não fala. Suas faculdades intelectuais se reduzem e torna-se-lhe impossível recordar hoje o que foi ontem. Doem-lhe todos os ossos. As ocupações a que outrora se entregava com prazer só as realiza agora com dificuldade e desaparece o sentido do gosto. A velhice é a pior desgraça que pode acometer um homem. O nariz se obstrui e nada mais se pode cheirar. (BEAUVOIR, 1976, p. 103)

De acordo com essa autora, “Muitas sociedades respeitam as pessoas de idade enquanto estas se mantêm lúcidas e robustas, desembaraçando-se delas quando se tornam decrépitas e caducas” (BEAUVOIR, 1976, p. 57). O que, incontestavelmente, ocorre em nossa sociedade contemporânea.

Assistimos, muitas vezes, a esse desenlace sem nada fazermos. Participamos dele. Esquecemo-nos do quão importantes foram e ainda o são em nossa vida, do quanto contribuíram e se empenharam à nossa formação como ser humano. Por certo, não nos lembramos do amor incondicional a nós dedicado. É preciso, pois, que levemos isso em consideração. Necessitamos ainda desse amor, e eles, por sua vez, dependem de nosso olhar compreensivo e tolerante. Busquemos, então, entender seu universo.

Nessa fase da existência, o ser humano necessita, talvez mais do que em outras, da presença da família, de sua amizade e dedicação. Contudo, é justamente na velhice que, muitas vezes, isso lhe falta.

Nesse contexto, as considerações de Camarano e Pasinato (2004a) sobre duas visões que os diversos discursos sobre envelhecimento apontam são pertinentes. Uma é negativa, colocando o idoso como pessoa dependente, vulnerável e incapaz para o trabalho. Nessa perspectiva, essa fase implica perdas, não só do ponto de vista econômico, mas também social e físico. No entanto, essa forma pessimista de enxergar a população idosa trará alguns ganhos, como – o mais importante deles – a universalização da aposentadoria.

Os desenvolvimentos tecnológicos na medicina que possibilitaram a descoberta da cura de várias doenças, o avanço da medicina estética e a nova cultura da saúde – que visa aos cuidados do corpo – têm propiciado uma nova visão direcionada aos idosos. Tem-se, sob essa ótica, um indivíduo que não representa mais a decadência, a dependência. Esse novo olhar é percebido não só nos países desenvolvidos como também em alguns na América Latina, por exemplo, no Brasil. Neles, os idosos têm sido alvo da indústria do consumo, desde a década de 80, que viu neles grande potencial para comprar, uma vez que, nessa fase, existe mais disponibilidade para isso. Certa de um retorno, a indústria, o comércio, prestadores de serviços e bancos têm investido bastante no idoso (CAMARANO; PASINATO, 2004a).

Elias (2001) denuncia a falta de literatura sobre a experiência do envelhecimento e da morte que, segundo ele, seria importante tanto para o tratamento dos que já são velhos como para aqueles que um dia o serão. Essa discussão também confere importância ao tratamento médico. Atribui nossa rejeição e falta de identificação com os velhos e os moribundos à dificuldade de nos vermos como tais, imaginando nosso corpo perdendo o vigor natural. Tal identificação é ainda mais difícil a outros grupos etários que, da mesma forma, afastam de si a ideia do envelhecimento e da morte. “Agora que estou velho sei, por assim dizer, pelo outro lado, quão difícil é para as pessoas jovens ou de meia idade entender a situação e a experiência dos velhos” (ELIAS, 2001, p. 81), declara.

Ainda de acordo com o autor, há uma certa aspereza, zombaria no tratamento àqueles que envelhecem e apresentam uma diminuição de sua força potencial. Mas, segundo ele, essa perda pode variar bastante de uma pessoa para outra; dependerá

tanto do curso de vida de cada uma como também de sua personalidade. Todavia, lembra ele, atitudes estranhas observadas em alguns velhos estão associadas ao medo de perderem o vigor e a independência, mais ainda: o controle de si mesmos. Em virtude disso, adverte:

[...] a experiência das pessoas que envelhecem não pode ser entendida a menos que percebamos que o processo de envelhecer produz uma mudança fundamental na posição de uma pessoa na sociedade, e, portanto, em todas as suas relações com os outros. (ELIAS, 2001, p. 83)

1.4 VELHICE E MORTE

“Houve um tempo em que o nosso poder perante a morte era muito pequeno. E por isso os homens e mulheres dedicavam-se a ouvir a sua voz e podiam tornar-se sábios na arte de viver. Hoje, o nosso poder aumentou, a Morte foi definida como inimiga a ser derrotada, fomos possuídos pela fantasia onipotente de que nos livramos de seu toque. Com isso, nós nos tornamos surdos às lições que ela pode nos ensinar. E nos encontramos diante do perigo de que, quanto mais poderosos fomos diante ela (inutilmente, porque só podemos adiar...) mais tolos nos tornamos na arte de viver. E, quando isso acontece, Morte que podia ser conselheira sábia, transforma-se em inimiga que nos devora por detrás. Acho que para recuperarmos um pouco a sabedoria de viver seria preciso que nos tornássemos discípulos e não inimigos da Morte. Mas para isso seria preciso abrir espaço em nossas vidas para ouvir a sua voz. Seria preciso que voltássemos a ouvir os poetas.”

(ALVES, 2014)

O que nos faz temer a morte? É por concebê-la como um fato certo, inexorável? Ou quem sabe por imaginarmos que possa haver um depois? E que a respeito só há suposições, crenças? Será o grande buraco negro do universo? Na busca de alguma resposta – haverá? – ou elucidação, lanço-me no rastro de alguns pensadores que ousaram investigá-la. Percepções díspares, outras convergentes... Contudo, todos tentando desvelar o grande mistério que parece ser maior ainda que o da própria vida.

Bauman (2008b) diz que tudo que aprendemos durante a vida é anulado pela morte; ninguém a conhece e, por mais que tenhamos nos preparado para recebê-la, ainda assim ela nos encontrará despreparados. Assim ele a define:

Irreparável... Irremediável... Irreversível... Irrevogável... Impossível de cancelar ou de curar... O ponto sem retorno... O final... O derradeiro... *O fim de tudo*. Há um e apenas um evento ao qual se podem atribuir todos esses qualificativos na íntegra e sem exceção. Um evento que torna metafóricas todas as outras aplicações desses conceitos. O evento que lhes confere significado primordial – prístino, sem adulteração nem diluição. Esse evento é a morte (BAUMAN, 2008b, p. 44).

Forbes (informação verbal)¹⁵ atesta que, na contemporaneidade, uma das inquietações fundamentais das pessoas é saber o nome da morte. E, normalmente, associamos o nome da morte com velho. Essa é uma ideia que já está enraizada em nosso meio social. No entanto, diz que devemos banir essa associação, pois a morte pode vir a qualquer momento a qualquer um. Deve ser sempre uma surpresa, tanto à criança, ao jovem ou a um velho de 80, 90 anos. Chama-nos, então, à reflexão. Temos que parar de associar velhice à morte e começar a associá-la à vida. Pois a ideia de que os velhos estão próximos da morte cada vez mais distancia-se da verdade.

Se não morrermos antes, inelutavelmente, chegaremos à velhice. Esta, por sua vez, aproxima-nos da morte. Como disserta Bobbio (1997, p.45), se considerarmos a vida como um processo cíclico, a velhice é o momento em que finda esse ciclo. É o fim.

A velhice, como aludi anteriormente, tem sido associada constantemente à decrepitude, à decadência. Se isso sugere um declínio, junto com este, o fim. A morte. Simone de Beauvoir (1976, p. 40) declarou: “A velhice termina sempre com a morte. Mas é raro que ela sozinha a acarrete, por si mesma e sem a intervenção de algum elemento patológico.”

Ninguém quer morrer. Salvo aquele que esteja passando por forte depressão ou, ainda, aquele acometido de dores insuportáveis causadas por uma doença em fase terminal. Em ambos os casos, chegam a preferir ou buscar a própria morte. Esta que foi chamada por Bandeira de “A indesejada das gentes”¹⁶.

“Para um amante da justiça, a morte é a coisa mais mal distribuída deste mundo. Não posso entender qual seja o critério com que a distribuição se dá. Mas, há um critério? A sorte joga os dados e ao resultado chamamos destino”, argui

¹⁵ Informação fornecida por Forbes no Café Filosófico *Velhice, pra que te quero?*, em 12 de agosto de 2012.

¹⁶ Expressão encontrada no Poema de Manuel Bandeira: “Consoada”. Disponível em: <<http://www.casadobruzo.com.br/poesia/m/consoada.htm>>. Acesso em 09 de agosto de 2015.

Bobbio (1997, p. 121). Quem merece morrer? E quem não merece morrer? Merecendo ou não; justo ou não, todos, um dia, iremos morrer.

No entanto, as pessoas, de maneira consciente ou inconsciente, segundo declara Elias (2001, p.80), “resistem à ideia de seu próprio envelhecimento e morte tanto quanto possível.”

Já, segundo Bobbio (1997, p.25), para muitos velhos “[...] a idade avançada tornou-se [...] uma longa, e não raro impaciente, espera pela morte. Nem tanto um continuar a viver, mas um não poder morrer.”

Como pontua Karnal (2012), o declínio perante a vida, de acordo com a tradição judaico-cristã, tem início no Éden. A partir do instante em que o homem pecou, começa seu processo de envelhecimento, de perdas, de morte. Dentro dessa concepção religiosa, o pecado envelhece as pessoas.

O homem sabe de sua condição de mortal. Contudo, é incapaz de encarar a morte. Confirmando essa ideia, Marton (informação verbal)¹⁷ traz-nos o pensamento de La Rochefoucauld¹⁸: “Não se pode olhar de frente nem o sol nem a morte”. Logo, conclui a autora: “vida e morte são inconciliáveis”. Dessa forma, argumenta que, como uma maneira de o homem fugir dessa condição, busca os mais variados subterfúgios para entreter-se.

Para a filosofia, o homem é um ser finito. Isso significa que ele e os que ele ama morrerão. Muitos, por não suportarem essa ideia, recorrem às promessas de salvação oferecidas pelas religiões (FERRY, 2010).

Na contemporaneidade, a morte tem sido reprimida. Tem sido vista como um fato extraordinário. Ou seja, como o vazio, o que está fora da ordem. No entanto, alude Marton (informação verbal)¹⁹:

O homem, desde que surgiu, sempre lutou contra a morte, levado pelo desejo de imortalidade. Mas o homem se tornou cada vez mais humano com a descoberta progressiva da morte, ou seja, nós nos tornamos mais humanos quando percebemos que vamos morrer, porque aí nos diferenciamos de todas as outras espécies animais. Nós passamos a ter consciência da nossa própria condição de seres finitos.

¹⁷ Informação de Scarlett Marton no Café Filosófico *A morte como instante de vida*, em 2009.

¹⁸ François, Duque de La Rochefoucauld, (1613-1680), foi moralista francês, príncipe de Marcillac, e mais tarde Duque.

¹⁹ Informação de Scarlett Marton no Café Filosófico *A morte como instante de vida*, em 2009.

Com a perspectiva, na atualidade, de uma vida bem mais longa, as pessoas têm procurado manter-se jovens, pelo menos com a aparência física destes. E isso tem-se tornado uma obsessão: a busca da eterna juventude. Nesse ponto, Bobbio (1997, p. 18) afirma: “Das crises de velhice psicológica podemos nos recuperar. Mais difícil é nos recuperarmos do envelhecimento biológico, mesmo que hoje a medicina e a cirurgia façam milagres”.

Temos que afugentar esse medo de morte que nos acompanha. Pensar, antes de tudo, na vida. Como disse o pensador britânico Benjamin Disraeli ([200-?]): “A vida é muito curta para ser pequena”.

De acordo com Elias (2001), nos últimos séculos o conhecimento na área do envelhecimento e da morte avançou bastante, mas não a ponto de os seres humanos terem o controle sobre esses processos, pois isso pertence ao universo natural que tem os próprios limites.

Segundo o professor de medicina e diretor do Institute for Ageing and Healthcare da Newcastle University da Inglaterra, Thomas Kirkwood (2010), dar um prolongamento indefinido à vida humana não é o objetivo da pesquisa gerontológica, mas sim buscar que as pessoas possam gozar uma boa saúde no final da vida. E acrescenta:

Usar a ciência do envelhecimento para melhorar o fim da vida é um desafio, talvez o maior ainda a ser encarado pela ciência médica. As soluções não virão facilmente, apesar dos argumentos usados pelos mercadores da imortalidade, para quem a restrição calórica ou os suplementos alimentares como o resveratrol podem permitir viver mais. A mais alta engenhosidade humana será necessária para superar esse desafio. Acredito que podemos e iremos desenvolver tratamentos para facilitar nossos últimos anos. Mas, quando o fim chegar, cada um de nós, sozinho, terá de se entender com nossa mortalidade. Ainda mais razão para se concentrar em viver – em aproveitar ao máximo o tempo que vivemos, porque nenhum elixir mágico nos salvará. (KIRKWOOD, 2010)

É indispensável, portanto, que todas as pessoas – nesse caso os velhos – tenham uma vida boa. Mas, o que consiste “ter uma vida boa”? Empresto as palavras de Mário Sérgio Cortella (2015, p. 11) para elucidar esta ideia:

Não é vida com ostentação. É uma vida abundante, na qual haja trabalho digno, moradia saudável, amorosidade acolhedora, sexualidade livre, religiosidade não alienante, isto é, uma vida sem carências.

2 OLHARES POÉTICOS CONTEMPORÂNEOS SOBRE A VELHICE

“A poesia é ainda nossa melhor parceira para exprimir o outro e representar o mundo. Ela o faz aliando num só lance verbal sentimento e memória, figura e som.”

(BOSI, A., 2010, p. 271)

“A poesia recompõe cada vez mais arduamente o universo mágico que os novos tempos renegam” (BOSI, A., 2010, p. 174) uma vez que, como profere Alfredo Bosi (2010, p. 163), “o poeta é o doador de sentido”. Considerando que as obras poéticas rearticulam pela palavra os sentidos que a sociedade atribui ao mundo – ou seja, às coisas, às pessoas, aos fatos, enfim, a tudo que nele há –, valho-me delas como um instrumento para investigar a velhice, pois os ecos do pensamento de Aristóteles audíveis na contemporaneidade nos permitem perceber que a realidade engloba ideias apreendidas pelos acontecimentos e pelos verossímeis criados pela imaginação. O poético nos permite uma visão além da primeira. Do que está posto. Propicia-nos uma viagem desbravadora. Possibilita-nos entender as simplicidades do cotidiano do idoso e seus mistérios.

Nessa busca de investigar-se o mundo, de percebê-lo, as obras poéticas surgem como caminho de chegada. Pois, “[...] os versos não são sentimentos, são experiências. Para escrever um único verso, é preciso ter visto muitas cidades, muitos homens e coisas[...]” (BLANCHOT, 1987, p. 85). Além disso, como infere Bosi (2010, p. 142), “O poeta é o primeiro a dar, pela própria composição do seu texto, um significado histórico às suas representações e expressões”.

Os sentidos que são atribuídos aos velhos, demarcados pelas diferenças de épocas e de sociedades, podem revelar conflitos vividos pelo indivíduo quando este se defronta com o próprio envelhecimento, juntamente com práticas de discriminações que tem que suportar. Mostram, também, aquele que, em se reconhecendo velho, aceita as próprias limitações e consegue fazer o percurso dessa fase com serenidade, desfrutando daquilo que a vida ainda pode reservar-lhe de bom.

O tema é circulante nos textos poéticos, tanto nos clássicos da Antiguidade quanto nos contemporâneos. Os poetas captam a realidade e reinventam-na liricamente, versando sobre a velhice de maneiras várias. Por meio desses escritos,

podemos conceber imagens da velhice, fixadas pela palavra, em versos de Mário Quintana, Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles.

2.1 PERCEPÇÕES SOBRE A VELHICE

A percepção dos múltiplos significados do termo velhice, dos estereótipos negativos relativos às visões dessa etapa da vida, associados às doenças, fraquezas e fragilidades nos estimulam para a percepção de variantes, a partir da discussão do mito da “eterna juventude”, fortemente veiculado pelas mídias que retratam os velhos como excluídos socialmente (SCORTEGAGNA, 2001).

A imagem que cada um de nós tem de velho, de acordo com Guite I. Zimerman (2000) – coordenadora de equipes multidisciplinares de atendimento a velhos e familiares no Rio Grande do Sul –, foi construída a partir daquilo que observamos, vivemos e recebemos de nosso meio familiar e da sociedade. Acrescenta, ainda, como já declarei na introdução, que não considera de forma alguma o termo “velho” depreciativo. “Pelo contrário, depreciativo é substituir a palavra velho por eufemismos, como se ser velho fosse um defeito que devesse ser escondido” (ZIMERMAN, 2000, p. X), conclui ela. E assim ela conceitua o velho:

Velho é aquele que tem diversas idades: a idade do seu corpo, da sua história genética, de sua parte psicológica e de sua ligação com sua sociedade. É a mesma pessoa que sempre foi. Se foi um batalhador, vai continuar batalhando; se foi uma pessoa alegre, vai continuar alegrando; se foi uma pessoa insatisfeita, vai continuar insatisfeita; se foi ranzinza, vai continuar ranzinza. (ZIMERMAN, 2000, p. 19)

Considerando essa conceituação de Zimerman como base, esses estereótipos negativos da velhice devem ser rechaçados, tendo em vista que o velho é uma continuidade, ou seja, ele apenas entrou em uma outra fase. Assim sendo, também ao jovem, ao adulto, podem ser atribuídas marcas negativas. Ou melhor, também ao velho podem ser atribuídas marcas positivas.

Platão e Aristóteles, concebendo a velhice sob pontos de vista opostos, são citados por Simone de Beauvoir, em seu livro “A Velhice” (1976), dentre uma lista de pensadores que refletiram sobre essa última fase da vida.

De acordo com a concepção platônica, o corpo é somente aparência, o que significa que não é dada importância à sua degradação, uma vez que a verdade do

homem – possuía apenas depois de alcançada a maturidade, após os 50 anos – localiza-se na alma imortal; logo, o que realmente importa, o que tem real valor são as ideias. Assim, chegar à velhice constitui-se num ganho que traz vantagens sobre os jovens, devendo estes obedecer aos comandos dos mais velhos.

No pensamento aristotélico, corpo e alma estão intimamente ligados; a existência do homem se dá pela união de ambos. Sendo assim, qualquer mal que atinja o corpo afetará todo o indivíduo. Nessa concepção, quando o físico adocece, ou melhor, quando vem a velhice, o homem entra em declínio. Fato este iniciado a partir dos 50 anos. Pela lógica aristotélica "[...] a experiência constitui um fator de involução e não de progresso" (BEAUVOIR, 1976, p. 124).

Tal como na visão de Aristóteles, a velhice tem sido associada constantemente à decadência e ao declínio de suas capacidades física e mental. Isso sugere uma aproximação com o fim, ou seja, com a morte. Busquemos, então, como as representações poéticas de Drummond, Cecília Meireles e Mário Quintana fixaram em versos imagens da velhice.

2.2 A VELHICE EM VERSOS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, CECÍLIA MEIRELES E MARIO QUINTANA

Na poesia, circulam imagens que o velho tem recebido ao longo das civilizações. Poetas contemporâneos, como Mário Quintana, Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles, exploram insistentemente o tema.

Representações estereotipadas da velhice pela sociedade da cosmetização e do culto ao corpo são formuladas e amplamente divulgadas. A velhice opõe-se ao que a atualidade concebe como belo; logo, não só é rechaçada como temida. Segundo o psicanalista Flávio Gikovate (informação verbal)²⁰, nesta sociedade contemporânea, parece vigorar a lei: não só é feio envelhecer como também é proibido. Diante disso, as pessoas tentam escapar daquilo que lhes é inerente: o envelhecimento.

As transformações e as limitações do corpo enfrentadas na fase da velhice são fixadas metaforicamente, com uma dose de humor, por Drummond nos versos a seguir, de “O amor bate na aorta”:

²⁰ Informação fornecida por Flávio Gikovate no Café Filosófico *Amor em Tempos Longevos*, em 24 de novembro de 2006.

Entre uvas meio verdes,
 meu amor, não te atormentes.
 Certos ácidos adoçam
 a boca murcha dos velhos
 e quando os dentes não mordem
 e quando os braços não prendem
 o amor faz uma cócega
 o amor desenha uma curva
 propõe uma geometria (ANDRADE, 2004, p. 144)

Uma desconstrução sinestésica nestas linhas do poema é proposta por Drummond, demonstrando que quimicamente ocorrem transformações corporais na velhice, porém o corpo reage e cria novas possibilidades de sentir: “[...] e quando os braços não prendem/ o amor faz uma cócega/ o amor desenha uma curva/ [...]”.

Essa metamorfose – rejeitada pela sociedade da cosmetização – é verificada nos versos que seguem. Cecília Meireles, em “Retrato”, apresenta a figura de um eu lírico que, de repente, vê-se velho, percebe-se velho e, melancolicamente, mas com serenidade, reflete sobre a própria imagem projetada no espelho:

Eu não tinha este rosto de hoje,
 assim calmo, assim triste, assim magro,
 nem estes olhos tão vazios,
 nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
 tão paradas e frias e mortas;
 eu não tinha este coração
 que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
 tão simples, tão certa, tão fácil:
 - Em que espelho ficou perdida
 a minha face? (MEIRELES, 1996, p. 26)

A solidão a que o indivíduo está fadado, bem como a falta de sentido da existência e a fugacidade do tempo, sinalizando a efemeridade da vida – marcas constantes na obra de Cecília Meireles – ressoam nos versos deste texto poético. O tom nostálgico nele imprimido é percebido nas comparações feitas entre o antes e o agora.

Drummond, em “Versos à boca da noite”, faz a mesma constatação do peso dos anos sobre nós. A percepção das transformações físicas, a insatisfação consigo mesmo e mais “o medo de novas descobertas” de que é tomado o eu lírico, por aquilo que ainda está por vir, estão nos versos a seguir:

Sinto que o tempo sobre mim abate
 Sua mão pesada. Rugas, dentes, calva
 Uma aceitação maior que tudo,
 E o medo de novas descobertas. (ANDRADE, 2004, p. 30)

Neste mesmo poema, mais adiante, a condição de estar velho amargura o eu lírico; sente a solidão e sofre ante a impossibilidade de reviver momentos do passado. O gozo e a força de sua vida ficaram para trás. Angustia-se, pois “Nenhum menino salta/ de minha vida para restaurá-la...”:

Há muito suspeitei o velho em mim.
 Ainda criança, já me atormentava.
 Hoje estou só. Nenhum menino salta
 de minha vida, para restaurá-la. (ANDRADE, 2004, p. 30)

A angústia, a solidão e a nostalgia invadem esse eu lírico. Quer voltar ao tempo, recomeçar... Quer ter novamente a força, a fome de vida de outrora. Sentir de novo. Insatisfeito com aquele que é hoje, busca consolo na memória:

Mas se eu pudesse recomeçar o dia!
 Usar de novo minha adoração,
 meu grito, minha fome... Vejo tudo
 Impossível e nítido, no espaço.

[...]

Mas vêm o tempo e a idéia de passado
 visitar-te na curva de um jardim.
 Vem a recordação, e te penetra
 dentro de um cinema, subitamente.

E as memórias escorrem do pescoço,
 do paletó, da guerra, do arco-íris;
 enroscam-se no sono e te perseguem,
 à busca de pupila que as reflita.

E depois das memórias vem o tempo
 trazer novo sortimento de memórias,
 até que, fatigado, te recuses
 e já não saibas se a vida é ou foi. (ANDRADE, 2004, p. 30)

Tem-se uma explicação para esse retorno constante do eu lírico versado por Drummond nas palavras de Bobbio (1997, p. 54):

[...] o mundo do passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçar-nos sobre nós mesmos e nele reconstruirmos nossa identidade; um mundo que se formou e se revelou na série ininterrupta de nossos atos durante a vida, encadeados uns aos outros, um mundo que nos julgou, nos absolveu e nos

condenou para depois, uma vez cumprido o percurso de nossa vida, tentarmos fazer um balanço final.

A solidão e o silêncio apresentam-se como companheiros constantes nessa fase. Ideia que vem ratificada no poema “Envelhecer”, no qual Quintana entrega-nos um extrato da velhice:

[...] Antes todos os caminhos iam.
Agora todos os caminhos vêm.
A casa é acolhedora, os livros poucos.
E eu mesmo preparo o chá para os fantasmas (QUINTANA, 2005, p. 115)

Os caminhos assinalados neste poema são metáforas da existência, da passagem do tempo, ou melhor, da juventude e da velhice. A juventude sempre indo, buscando, desbravando. Na contramão, a velhice. Vendo todos passarem, mas não tendo forças para seguir em frente. Resta-lhe o desvio – inevitável – que a levará ao isolamento. Tem-se, todavia, nesse texto, um eu lírico conformado, resignado, que passa com serenidade por essa fase. No entanto, a expressão “[...] os livros poucos” marca rótulos que ao idoso são impressos: a pouca visão e a morosidade. Pode-se inferir ainda, no último verso, a solidão desse sujeito lírico que, não tendo companhia, visitas, alimenta seus fantasmas, ou seja, as lembranças de um tempo que ficou distante. Em contrapartida, é ressaltado o aconchego, o acolhimento da casa.

As palavras de Gaston Bachelard (1978, p. 200) reforçam essa ideia: “Pois a casa é nosso canto do mundo. Ela é [...] nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos”. Assim, é pertinente trazer à reflexão mais considerações desse filósofo sobre a importância da casa para o ser humano, uma vez que o sujeito aqui tratado – o velho – passa a maior parte de seus dias dentro da casa: “A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma.” (BACHELARD, 1978, p. 201).

Entretanto, num outro poema de Quintana – “Do mal da velhice” –, já no título, a velhice é estampada como uma doença. Nesses versos, o eu lírico – um velho – é alguém que rejeita a velhice, tem dificuldade em aceitá-la. Ainda assim, agarra-se à vida, pois sabe que essa fase – a última – representa proximidade com a morte do corpo:

[...] Chega a velhice um dia... E a gente ainda pensa
 Que vive... E adora ainda mais a vida!
 Como o enfermo que em vez de dar combate à doença
 Busca torná-la ainda mais comprida... (QUINTANA, 2007, p. 52)

Beauvoir (1976, p. 9) endossa a postura desse velho representado: “Chegada a hora, e mesmo quando dela nos vamos aproximando, em geral preferimos a velhice à morte”.

Uma celebração à vida por um eu lírico já na última fase da existência, vê-se em “Inscrição para uma lareira”:

[...] A vida é um incêndio: nela dançamos, salamandras mágicas
 Que importa restarem cinzas se a chama foi bela e alta?
 Em meios aos toros que desabam, cantemos a canção das chamas!
 Cantemos a canção da vida, na própria luz consumida...
 (QUINTANA, 2005, p. 101)

Nessas linhas, uma proposta de celebrar a vida é feita pelo eu-lírico. Mesmo considerando que esta já esteja no fim, pois agradáveis e belos momentos foram vividos. Nesse contexto, a velhice ganha um colorido, não deve ser vista como uma fase triste ou ruim. Quintana, em seus versos, diferencia o conceito de velhice, uma abstração das vivências deste estágio da vida, que deixam de ter a significação de resto, mas assumem a dimensão de totalidade, ou seja, metonimicamente, a velhice, a última etapa da vida, é ressignificada como “vida”.

A velhice, contudo, implacavelmente, traz uma proximidade – maior que os outros períodos da vida – com a morte física. Mas, mesmo na era da incerteza, a morte continua a ser uma certeza. Uma verdade por demais pesada a nós. Com isso, tentamos fugir dela. O tempo, de forma inegociável, leva-nos para perto dela. É o nosso algoz. Os versos de Quintana ecoam essa realidade: “Esse tic-tac dos relógios/ é a máquina de costura do tempo a fabricar mortalhas” (QUINTANA, [200-?]).

A ideia de que existe uma associação em nossa sociedade entre vida e morte é fortemente reforçada em “Cadeira de Balanço”. Quintana narra, nesses versos, o dia a dia solitário das avozinhas – marcado pela ociosidade e pelo descompromisso, uma vez que seu único dever é a “hora da sesta” (QUINTANA, 2005, p. 448). A falta de perspectiva e a existência sem sentido para elas levam-nas a sonharem “o sonho vão do mundo”. Entretanto, “elas se acordam” e “[...] um susto do mundo/ que está deste lado”. Um mundo solitário que se restringe a uma velha cadeira de balanço –

“que a morte as embala” – em uma também solitária sala e a um relógio que “marca a nenhuma hora”. Neste verso, como diz Bachelard (1978, p. 203), “[...] o espaço é tudo, porque o tempo não mais anima a memória. A memória – coisa estranha! – não registra a duração concreta [...]”. Assim,

[...]Os pensamentos delas
já não têm sentido.

A morte as embala,
as avozinhas dormem
na deserta sala
onde o relógio marca
a nenhuma hora

enquanto suas almas
vêm sonhar no tempo
o sonho vão do mundo...
e depois se acordam
na sala de sempre

na velha cadeira
em que a morte as embala...
(QUINTANA, 2005, p. 448)

Essa última fase da vida, invariavelmente, rouba do velho os momentos de afeto e de partilha social. A solidão leva-o a uma outra dimensão: ao mundo dos fantasmas do passado. À infância, à casa dos pais, aos namoros e aventuras da juventude, à antiga morada, ao seu trabalho, às pessoas que já se foram... Sua memória: sua companheira, sua nau. Pois, como sinaliza Bobbio (1997, p. 53),

O tempo do velho (...) é o passado. E o passado revive na memória. O grande patrimônio do velho está no mundo maravilhoso da memória, fonte inesgotável de reflexões sobre nós mesmos, sobre o universo em que vivemos, sobre as pessoas e os acontecimentos que, ao longo do caminho, atraíram nossa atenção.

Todavia, de acordo com Bakker Filho (2000), como não se pode fazer o tempo voltar, pois ele é irreversível, os fatos não podem ser revividos, apenas revisitados pela memória – onde estão registrados – causando, então, ansiedade.

Refugiado nesse tempo longínquo, hora ou outra, o velho volta à realidade como sinaliza a sua representação no poema “Cadeira de Balanço”, de Quintana. Sobram-lhe um ‘bom dia’, ‘boa tarde’, ‘já tomou seu remédio?’ Economia de palavras. Economia de amor. As manhãs surgem-lhe preguiçosas, sombrias, sem o viço de outrora, sem a luz da esperança; as tardes correm-lhe melancólicas,

solitárias; as noites (ah, as noites!), intermináveis! Seguem ao lento compasso do velho relógio; noites frias, impiedosas, mensageiras dos medos. Não somente a solidão é companheira da velhice. Somada àquela, vem a degradação física que, de acordo com Beauvoir (1976), nos seres humanos é a mais visível entre todos os animais.

Em nossa sociedade contemporânea, o que constantemente, aparece ligada à velhice é a ideia de morte. E a ideia de doença, da mesma forma, como se fosse algo inerente a esta etapa da vida. Ideias que encontram reforço no fato de, como aponta Bakker Filho (2000), nessa última fase da existência, o organismo humano encontrar-se mais fragilizado e suscetível a enfermidades. Para o autor:

A velhice em si não é doença, mas quando se instala já não se responde mais com a mesma presteza diante das adversidades como se fazia na juventude. Com o passar dos anos, o mal se cronifica, consumindo todas as disponibilidades de defesa, sinalizando que a morte pode vir. (BAKKER FILHO, 2000, p. 26)

No fragmento que segue, do poema “Os velhos” de Drummond, mais uma vez as representações que selam o velho são negativas: doença, solidão e vítima de descaso, falta de visibilidade e de atenção.

[...]
Assim conversarão
comigo sobre coisas
seladas em cofre de subentendidos
a conversa infindável
de monossílabos, resmungos,
tosse conclusiva.
[...] (ANDRADE, 1987 p. 100)

No poema, a seguir, “Da experiência”, a imagem que se tem do velho é a de um doente em fase terminal. Quintana, num tom sarcástico, estabelece uma ponte entre o moribundo e o médico experiente. Debalde todo conhecimento ante o que é irreversível. Pode ser feita uma analogia com o tratamento que a sociedade contemporânea ocidental tem dado ao idoso.

A experiência de nada serve à gente
É um médico tardio, distraído:
Põe-se a forjar receitas quando o doente
Já está perdido... (QUINTANA, 2007, p. 5)

O velho, tendo suas capacidades reduzidas, perde a utilidade. Pois, de acordo com Ecléa Bosi (2004, p. 78), “quando se vive o primado da mercadoria sobre o homem, a idade engendra desvalorização”. Nessa perspectiva, o velho tem sido tratado como algo descartável, que não é valorizado na nossa sociedade. Não importa tudo quanto ele tenha realizado, construído ao longo de sua vida. De seu posto, é destituído. Sem poder escolher, é afastado de sua casa, de sua morada. Muitas vezes, encaminhado a uma instituição – é a lei dos novos tempos, época em que ninguém tem tempo para o outro. Já não é mais senhor da própria vida. Os filhos decidem por ele. Tiram-lhe a autonomia e negam-lhe a liberdade. Passam a tratá-lo como criança. Contudo, sem o cuidado, a tolerância e o amor a esta despendidos. A carência e a nostalgia que tomam conta desse velho solitário estão expressas nos seguintes versos de Quintana (2005, p. 25):

Estrada afora após segui... Mas, ai,
Embora idade e senso eu aparente,
Não vos iluda o velho que aqui vai:
Eu quero os meus brinquedos novamente!
Sou um pobre menino... acreditai...
Que envelheceu, um dia, de repente...

Em tom reivindicatório, desses versos saltam a dependência e a carência do eu lírico – um velho que reconhece sua condição de velho, no entanto carrega as necessidades de menino. Nessas linhas, contudo, as palavras denotam o olhar obtuso sobre o velho, a não percepção que a vida se alimenta de sonhos e que eles estão presentes como forças propulsoras não só nas etapas iniciais como também na etapa final.

No poema “Os ombros suportam o mundo”, a solidão é companheira da velhice. O eu lírico – alguém que já muito viveu – está cansado. É uma pessoa que não tem mais ilusões na vida. Sabe que esse tempo de realizações, de sonhos e de emoções ficou para trás, passou. Ao compasso do relógio. Entretanto, é por já ter vivido bastante, sofrido bastante que não se importa com o que há de vir pela frente. Já suportou bastante. Agora, tudo será mais simples, mais leve. Então, que “venha a velhice”, pois “teus ombros suportam o mundo”:

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.
Tempo de absoluta depuração.
Tempo em que não se diz mais: meu amor.
Porque o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.

E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco.

Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.
Ficaste sozinho, a luz apagou-se,
mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.
És todo certeza, já não sabes sofrer.
E nada esperas de teus amigos.

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?
Teus ombros suportam o mundo
e ele não pesa mais que a mão de uma criança
[...] (ANDRADE, 2004, p. 137)

Em muitas representações, a velhice tem a “cara” da morte. Logo, se esta finitude faz parte da vida, deve ser concebida e encarada como um processo natural. Cecília Meireles, em “Cântico VI”, nos diz que não devemos temer a morte, pois ela nos chega todos os dias. Dessa forma, o perder torna-se corriqueiro, algo com que devemos nos conformar. Vivemos pequenos lutos diariamente. No entanto, da mesma forma, ganhamos todos os dias. Pois a vida se constitui num processo de viver e morrer, cíclico; e, assim, renovamo-nos:

Tu Tens um Medo
Acabar.
Não vês que acabas todo o dia.
Que morres no amor.
Na tristeza.
Na dúvida.
No desejo.
Que te renovas todo dia.
No amor.
Na tristeza
Na dúvida.
No desejo.
Que és sempre outro.
Que és sempre o mesmo.
Que morrerás por idades imensas.
Até não teres medo de morrer.

E então serás eterno (MEIRELES, 1982, p. 19)

Drummond, no poema “Os últimos dias”, estampa-nos um eu lírico velho que aceita a morte; todavia, espera que ela não venha agora: “Que a terra há de comer. / Mas não coma já”. Que haja tempo, ainda, de sentir:

Sinta frio, calor, cansaço:
pare um momento; continue.

Descubra em seu movimento
forças não sabidas, contatos.

O prazer de estender-se;
o de enrolar-se, ficar inerte.

Prazer de balanço, prazer de voo
(ANDRADE, 2004, p. 35).

Mais adiante, neste mesmo texto poético, declara o receio da vinda daquela:

E que a hora esperada não seja vil, manchada de medo, submissão ou cálculo. Bem sei, um elemento de dor rói sua base. Será rígida, sinistra, deserta, mas não a quero negando as outras horas nem as palavras ditas antes com voz firme, os pensamentos maduramente pensados, os atos que atrás de si deixaram situações. Que riso sem boca não a aterrorize e a sombra da cama calcária não a encha de súplicas, dedos torcidos, lívido suor de remorso. (ANDRADE, 2004, p. 35)

Essa preocupação do eu lírico quanto ao sofrimento na hora da morte encontra justificativa na seguinte fala de Elias (2001, pp. 20-21): “Nem mesmo hoje a arte da medicina avançou o suficiente para assegurar a todos uma morte sem dor. Mas avançou o suficiente para permitir um fim mais pacífico para muitas pessoas que outrora teriam morrido em terrível agonia”.

E a morte continua ganhando destaque em poemas. Na trova abaixo, Quintana aflora a figura de um eu lírico que tem consciência da morte. Mesmo assim, não lamenta e nem fica pensando nela, pois é à vida que ele atribui importância. Assim, o que lamenta é deixar de viver:

Um dia... pronto!
Me acabo.
Pois seja o que tem de ser.
Morrer: Que me importa?
O diabo é deixar de viver (QUINTANA, 2007, p. 61).

Em “Canção de Outono”, morte e velhice retornam lado a lado. Neste poema, a estação do outono é inscrita como uma metáfora da velhice. Percebe-se, nestes versos, a complexidade da velhice envolta em sentimentos antagônicos. A mesmice ilustra os dias do eu lírico que, “sob a vidraça descida...”, vê a vida passar. Quintana traz novamente a imagem de um velho envolto em solidão, nostalgia. Um eu lírico que receia a hora da morte, pois sabe que seus caminhos levam a lugar nenhum, representam o fim.

O outono toca realejo
No pátio da minha vida.
Velha canção, sempre a mesma,

Sob a vidraça descida...

Tristeza? Encanto? Desejo?
 Como é possível sabê-lo?
 Um gozo incerto e dorido
 De carícia a contrapelo...

Partir, ó alma, que dizes?
 Colher as horas, em suma...
 Mas os caminhos do Outono
 Vão dar em parte nenhuma! (QUINTANA, 2007, p. 151)

Quintana registra em seus versos a cadência da vida, a dor do enfrentamento do tempo e de suas oscilações rítmicas, bem como sua implacável força que imprime marcas: no rosto, no corpo, na alma. Entretanto, apesar das quedas, como declara Cecília Meireles, no fragmento a seguir de “Tempo Viajado”, é possível recompor-se e seguir cantando:

Dos meus retratos rasgados
 me levanto.
 E acho-me toda em pedaços,
 e assim mesmo vou cantando (MEIRELES, 1996, p. 48)

Assim como nesses versos de Cecília Meireles, Drummond, no poema “Consolo na Praia”, apresenta-nos um eu lírico que, a despeito de todas as desilusões e sofrimentos com as perdas vindas com o passar do tempo, ainda consegue resignar-se, conformar-se. Pois “a vida não se perdeu”. Eis o consolo: tudo passou, “Mas o coração continua”. Isso pode ser conferido nos fragmentos a seguir:

Vamos, não chores...
 A infância está perdida.
 A mocidade está perdida.
 Mas a vida não se perdeu.

O primeiro amor passou.
 O segundo amor passou.
 O terceiro amor passou.
 Mas o coração continua. (ANDRADE, 2004, p. 26)

Como exposto, os textos literários nos exibem muitas representações sobre a velhice. Ora positivas, ora negativas. Logo, esses olhares nos levam a percebê-la como uma etapa da existência em que há ganhos, mas também perdas. Dessa

forma, quase sempre, teme-se passar por ela. No entanto, ela será o destino de todos que viverem, ou melhor, de todos aqueles que chegarem lá. Basta sabermos de que maneira iremos atravessá-la. A vida é muito curta para que a desperdicemos. Cada instante de nossa existência é irrecuperável, irresgatável.

As vozes poéticas recortadas – de Drummond, Cecília Meireles e Quintana – reafirmam a gradação contínua entre vida e morte, que inevitavelmente se acelera na velhice. Como alude Quintana, envelhecer é continuar sendo “o mesmo menino teimoso de sempre”, sem jamais deixar de sonhar.

Os poemas aqui selecionados, ao abordarem a velhice, reescrevem as fases da existência humana não como fragmentos isolados, mas sim como etapas de transformação do corpo e das percepções de mundo. Cecília Meireles, em “Tempo Viajado”, projeta um eu diante de uma vida fragmentada, mas possível: “/E acho-me toda em pedaços,/ e assim mesmo vou cantando//” (MEIRELES, 1996, p. 48). As representações da velhice são (re)criadas poeticamente de um modo sinestésico, mesclando sentidos, suscitando outros, pois viver é reagir às pulsões do corpo, e tais pulsões não estão adstritas a determinados momentos, pois quando há pulsão vital os sentidos se manifestam. Para Quintana, em “Canção de Outono”, expressar os sentimentos, as sensações é navegar no incerto: /Tristeza? Encanto? Desejo? /Como é possível sabê-lo? /Um gozo incerto e dorido/De carícia a contrapelo.../.

3 A CASA – VIVÊNCIAS DE TEMPO E ESPAÇO: HISTÓRIAS REGISTRADAS

“Quando era jovem, julgava que tinha uma vida à minha frente, mas uma vida nunca está à frente nem atrás, não é algo que se tenha, é uma coisa que passa...”

(Simone de Beauvoir, informação verbal²¹)

Figura 1: Lar do Idoso Betânia



Fonte: http://www.diocesejoinville.com.br/adipros-textos.php?id_tex=26

Do outro lado dos muros e dos portões, um grupo de idosos compartilha o espaço. Lar do Idoso Betânia! Lugar de aconchego e proteção? De alegrias? De socialização? De tristezas? De solidão? Como sabê-lo sem romper os portões e participar de seu cotidiano? Participar de seus sonhos? Sentir junto o tempo que passa, que volta, que para... Dividir os seus segredos... Perder-se em seus devaneios... Refugiar-se em seus cantos... Ouvir os seus ecos... Escutar as suas histórias...

A casa... Para o pensador (BACHELARD, 1978, p. 201), “A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma”. Ah, filósofo! Então é isso! Minhas lembranças levam-me outra vez à infância. Tantos foram os dias e as noites de tempestade no céu; mas, estando em casa, sentia-me acolhida, protegida, apesar do temor causado pelo barulho dos trovões. Ontem e hoje, meu refúgio

²¹ Informação de Simone de Beauvoir no documentário *Simone de Beauvoir, uma mulher atual*, de Dominique Gros.

também diante das tempestades na terra: os problemas existenciais! Minha cama, meu quarto, minha casa!

Considerando, ainda, as palavras de Bachelard (1978, p. 201), a casa “abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz” (p. 201). Nela nos protegemos do mundo lá fora e nos fortalecemos, nela também mostramos nossas fraquezas, nos despimos e somos nós mesmos. Ela tem o poder de acolher, de proteger, de abraçar.

Os velhos narradores ou narradores velhos estão ali. Cada um com experiências diferentes, vindo de um lugar diferente; agora, compartilhando o mesmo espaço, a mesma rotina, as mesmas normas. Precisamos ouvir suas vozes, perscrutar suas sensibilidades. Aprender com eles, com suas histórias.

Tal situação faz-me viajar pelo túnel do tempo. Leva-me a dias longínquos, em que eu e meus irmãos, ansiosos, aguardávamos, o dia de visitar nossa avó paterna. Já acomodados, todos reunidos ao seu redor ouvíamos atentamente suas histórias. Recordo-me também de algumas daquelas narrativas envolvendo seres fantásticos. Vovó cria na existência destes e nós embarcávamos nesse seu mundo imaginário. Filha de fazendeiro, ela nascera e fora criada na zona rural. Dessa forma, lá era o celeiro dessas narrativas que aconteciam sempre na sede da fazenda. Contava-nos fatos de sua infância, situações de perigo que vivera. E por ter passado por isso, ela sempre conseguia tirar um ensinamento que acabava resultando em conselhos a nós. No entanto, o que mais me marcou desses momentos foi estar ali junto com a própria protagonista de todas aquelas histórias. Mesmo sendo eu leitora assídua, o fato de estar ao lado do narrador-personagem, percebendo sua emoção na alteração de voz, no brilho dos olhos, no gesticular das mãos que tentavam dizer mais que as palavras, era experiência mais interessante e significativa que qualquer narrador de obra literária me passara até então.

Transcorridos tantos anos, estou eu novamente na expectativa de ouvir histórias. A mesma ansiedade e curiosidade de menina parecem tomar conta de meu ser. Ao mesmo tempo, um receio apodera-se de mim. “Serei capaz de compreendê-los?”

Penso novamente nas palavras de Bachelard. Haverá muitos armários, muitas gavetas nessa casa? Quantos segredos estarão guardados nesses objetos? Se, como concluiu esse pensador, “a memória é um armário” (BACHELARD, 1978, pp. 248-249), nela tudo está disposto e organizado de acordo com a relação que seu

dono tem com o mundo e com os objetos. Segundo o autor, “O armário e suas prateleiras, a escrivaninha e suas gavetas, o cofre e seu fundo falso são verdadeiros órgãos da vida psicológica secreta”.

Como alude Henry Bergson (1999), Os objetos que nos cercam irão espelhar ações que recebem de nosso corpo. Funcionariam como um refletor daquilo que fazemos. Assim sendo, de acordo com o pensamento do autor, nossas relações com o mundo, bem como os objetos são construídos subjetivamente com nosso corpo. Toda forma de relação que estabelecemos com o mundo, com pessoas e objetos seriam a fonte de todos os fatos que permeiam nossa existência. Sendo assim, essas imagens constituem nossa memória. Imagem – vem informar o estudioso – é memória.

Na visão do referido autor, é por meio dessas imagens – denominadas por ele de imagens-lembrança – que os objetos mantêm conosco uma relação de comunicabilidade. Reconhecendo-as, extraímos delas sua utilidade para nosso presente. Assim, atraindo referenciais de fatos pretéritos, conseguimos guardar o passado como memória.

Há também, segundo Bergson (1999), o segundo tipo de memória: a que repete, a qual nomeou de imagens-ação. Estas são responsáveis pelas nossas ações diárias. Buscamos com essas imagens, em reconhecendo por hábito atividades passadas de nossa vida, recriar nosso passado no presente. Logo, são as imagens-ação o dispositivo propulsor de nossas ações diárias.

Alicerçada pela ideia de casa, dissertada por Bachelard (1978), a pesquisa entra em seu terceiro estágio: as entrevistas. Antes, porém, fez-se necessário conhecer um pouco da história desse ancianato e seu funcionamento.

Em 2003, fruto de um projeto que tinha como objetivo acolher “pessoas idosas em situação de vulnerabilidade”, nasce o Lar do Idoso Betânia. O prédio, construído em dois andares – além do térreo – é composto por apartamentos individuais ou duplos. Dispõe de sala de estar (onde os idosos se reúnem para um bate-papo ou ver tevê), de refeitório coletivo, de área social, de área externa rodeada por jardim, e de pátio em frente à entrada – outro lugar em que, não raro, encontram-se internos sentados à sombra de uma árvore conversando. Hoje, dividem o mesmo espaço idosos pagantes e não pagantes. Sem fazer acepção entre os internos, a casa destina 40% de suas vagas a pessoas em situação socioeconômica precária, 10% àquelas que recebem até um salário mínimo. A outra

metade é preenchida por idosos pagantes, contribuindo, em parte, para a manutenção e sustento do ancianato. Mas a casa conta ainda com a solidariedade de moradores pagantes, contribuições da comunidade e a responsabilidade social da Prefeitura do Município de Joinville, que compartilham da mesma visão daquela: dar assistência necessária para proporcionar aos internos um ambiente de respeito e dignidade, garantindo-lhes, assim, a preservação de sua identidade.

Situado próximo ao centro da cidade de Joinville, na rua Dr. Plácido Olímpio de Oliveira, 565, no bairro Bucarein, em meio às buzinas, ao cheiro de fumaça e aos passos apressados dos cidadãos que por ali trabalham, o Lar Betânia aquece hoje, dignamente, 41 corações: 15 homens e 27 mulheres. Ao burburinho urbano, o Lar se mistura e se iguala: se colore e se alegra. Contudo, diferencia-se pelo sossego e tranquilidade reinante. Eis a atual morada desses idosos. Todos sendo atenciosamente atendidos por religiosas e profissionais, como assistente social, terapeuta ocupacional, enfermeiros e nutricionista. Além disso – pude perceber em minhas visitas – o carinho e respeito de cozinheiras, zelador e serviços gerais.

Como toda casa, o Lar Betânia tem seus momentos de agitação. Aqui, os moradores são constantemente presenteados com a participação de voluntários de diversos seguimentos da sociedade. Ora é uma equipe da saúde, ora da educação física, ora de artesãos. A música e o teatro também ilustram muitas tardes no Lar. Um domingo por mês é movimentado pelo bingo que acontece no refeitório da casa. Uma brincadeira – da qual participei – recheada por lembrancinhas, muitas risadas e gritos, quando estão “na boa”. Momentos de euforia que reúnem funcionários, idosos e familiares – pois domingo é o dia preferido das visitas. Eis aí, nesses momentos, a tristeza desbancada – um fantasma que acompanha a imagem da velhice.

Regido por um cronograma semanal de atividades, o Betânia segue rigorosamente o programa; sem impor, contudo, a participação a qualquer interno. Por ser uma entidade religiosa, administrada pela igreja Católica, missa e momento do terço acontecem todos os dias, aos quais todos estão convidados. Também jogos, aulas de dança, trabalhos manuais, sessão de cinema, contação de histórias compõem esse calendário. Quinzenalmente, às terças-feiras, ocorre o Ciclo de Palestras, com temas variados. Assim, ficam à disposição dos idosos diversas atividades.

Tendo estudado um pouco de sua história e de seu cronograma, parto para um conhecimento mais além, que se consistia em entrevistar alguns idosos,

conhecê-los em profundidade, observando atenta e cuidadosamente suas reações e comportamentos. Para isso, conviver com eles, participar de seu dia a dia.

As entrevistas realizar-se-iam sob um critério lógico: todos os idosos selecionados deveriam ser lúcidos para a garantia do sucesso da pesquisa. Dentre uma lista de nomes sugeridos pela direção da casa e pela recepcionista, tal foi minha surpresa ao constatar que a maioria somava mais de 80 anos; ainda um com 92 e outro com 100 anos. Cada qual recebeu o convite e tive a satisfação de ouvir um sim de todos.

Figura 2: Lar do Idoso Betânia



Fonte: http://www.diocesejoinville.com.br/adipros-textos.php?id_tex=26

Dessa forma, comecei as visitas ao Lar. Oito idosos internos, todos lúcidos – como dito –, foram convidados para a pesquisa. Dentre eles, dois homens e seis mulheres, estas se mostraram mais receptivas e entusiasmadas com a proposta. A cada um foi informado o conteúdo das perguntas, os objetivos do trabalho, a importância de seus relatos, de suas memórias para a pesquisa e que, apesar de haver algumas perguntas, elas não eram fechadas, sendo assim, poderiam falar à vontade, lembrar o passado, falar do presente, do lugar, das pessoas, de sentimentos, aconselhar, pedir, reclamar... Conversariam comigo individualmente e o número de visitas seria por eles e elas demarcado. Porém, sabe-se que para que os entrevistados se sintam à vontade e possam falar de si sem inibições é preciso estabelecer-se um vínculo de confiança e até de afetividade entre entrevistador e entrevistado. Foi o que se procurou fazer. Iniciei, portanto, minhas entrevistas. Com as mulheres, as conversas aconteceram em seus quartos; com os dois homens, no pátio do prédio.

3.1 OITO ENTREVISTADOS – OITO VIDAS, VÁRIAS NARRATIVAS: SUAS PERCEPÇÕES E SENSIBILIDADES

3.1.1. Dona Helena

Figura 3: Dona Helena



Fonte: http://www.diocesejoinville.com.br/adipros-textos.php?id_tex=26

A primeira da fila, por candidatar-se a começar logo, foi a simpática, sorridente e falante Dona Helena. Sempre falando alto e gesticulando bastante, com seu sotaque gaúcho vibrante, era o centro das atenções ali no pátio durante nossas conversas. A imagem acima mostra Dona Helena durante um passeio externo organizado pelo ancianato. Retrato de uma idosa que também gostava de produzir-se.

Após a morte do marido, morara um tempo com o filho e depois fora para o ancianato. Quando lhe é perguntado sobre a antiga morada e com que frequência essas lembranças voltavam, fala da casa dos pais:

Eu também não sou muito recordista. Interessante né? Não é egoísmo nem nada, eu quero esquecer o passado. E do tempo dos velhos, eu me lembro que nós tínhamos uma casa de madeira muito grande, que éramos em 9 filhos né? Então, o terreno era bem comprido, nós fazíamos canteiro lá

embaixo. Alface, cebola, seja o que for. Então a gente vivia lá trabalhando com a minha mãe, ajudando. E meu pai soltava lá nos trilhos, ele vinha até ali com a máquina, e soltava uns dormentos, aqueles dormentos que colocam nos trilhos, e nós fazíamos lenha pra cozinhar. Primeiro serrava, fazia um cavalete, a gente colocava a madeira no meio, depois pau. Ah, isso aí eu me lembro, isso eu gosto. De lavar roupa, aqueles tanques de roupa. Éramos em nove filhos, né. Depois que tava tudo seco a gente recolhia num cesto, um fazia uma coisa outro outra. Catarina que ia passar, minha irmã. E de manhã meu pai me chamava: 'Nena', não era Helena, era Nena. 'Nena, venha ver uma coisa ligeiro', eu fui lá ver, a desgranida da cachorra, pestiada com sarna, dormindo no cesto da roupa, limpinha, limpinha. Deu vontade de morrer. Aí tive que fazer tudo de novo. Aí eu peguei um tonel que meu pai trouxe da oficina também, aqueles tonel de ferro. Eu coloquei água ali e coloquei fogo embaixo. Quando a água tava quase fervendo, eu comecei a mergulhar aquela roupa ali. Depois eu deixava esfriar, tirava dali e já colocava no gramado. Nós tínhamos um campinho muito bom no pátio.

“Eu quero esquecer o passado”. Mas este passado é relativo à própria vida! Há como esquecê-lo? Segundo Bobbio (1997, p. 140), “Na velhice aglomeram-se as sombras do passado, tanto mais evidentes quanto distantes do tempo”. “[...] Somos seus guardiões inconscientes”.

O modo de vida relatado por ela mostra como muita coisa mudou nos dias atuais. O trabalho doméstico – antes atribuição da mulher –, o fazer com as mãos, hoje suprimido pela tecnologia. A composição familiar e sua hierarquia; os diferentes papéis de gênero: o homem como provedor; a mulher como procriadora, doméstica e responsável pela criação dos filhos – estes em grande quantidade (9).

Sua fala denota uma vida rural simples, com poucos recursos, contudo, satisfatória, sem ambições: “E essa era a vida. Coisa boa viu? A gente não ambicionava como hoje”. Conformada, acrescenta: “Eu não ambiciono porque eu não posso” e justifica:

Porque quem me sustenta é meu filho. Eu tenho minha aposentadoria, mas é pequeninha. Só tenho um pila, dois pra corar o cabelo, o resto eu deixo pra eles. Pra quê? Se eu tenho tudo. Desde o modes que eu uso; eles me traz tudo pra mim. Eu tô feliz. Uma felicidade sufocada, como diz o outro. Porque não dá quase pra ver meus irmãos. Estão em Porto Alegre. E eu não gosto de viajar, de caminhar nem nada.

Entretanto sua falta de ambição e a baixa aposentadoria não lhe tiram a vaidade: “Só tenho um pila, dois pra corar o cabelo, o resto eu deixo pra eles”. Essa expressão – “corar o cabelo” – provavelmente ela trouxe de uma época passada; hoje, um arcadismo.

Sustentada pelo filho, dona Helena encaixa-se na previsão anunciada por Debert (2012, p. 94) para o grupo de idosos mais idosos: dependência e

pauperização. Segundo denuncia a antropóloga, “[...] a precariedade das políticas públicas a ele destinadas faz com que o peso de sua situação recaia nos ombros dos filhos e parentes”.

A felicidade “sufocada” a que se refere a gaúcha pode ser explicada por sua falta de mobilidade e por receber poucas visitas. Isto porque nem ela nem os parentes têm uma boa condição financeira. E ela também diz quase não sair. O que a limitou foi um problema na perna. Mesmo assim, declara:

Tá bom, tá bom ainda, eu tô satisfeita com a vida que levo. Não sou de querer coisas a mais. Você só pode querer possuir o que puder ter. Só com a ilusão do eu quero ter, mas não posso comprar, não posso ter... então espera, quando dá vai indo.

Vendo-a ali, com um braço engessado, fazendo tricô, emocionei-me ao ouvir suas palavras (Quem disse que é necessário manter uma postura de distanciamento com o entrevistado? Como não ser tocada por tal testemunho?):

Olha, eu sempre desejei fazer muito tricô pra essas crianças pobres. E agora que eu quebrei a femoral, e tava com o braço engessado... bá, e eu pensava, pensava, pensava. E a turma me dando lâ. Deixa, vai me trazendo, pode trazer. Agora me desmancho fazendo. Faço as roupinhas, casaquinhos, tudo. Coberta, cobertinha pros carrinhos. E sou feliz por servir os outros.

Dona Helena teria escutado Ecléa Bosi? Pois, para mim, novamente são pertinentes as palavras da socióloga (BOSI, E., 2004, p. 80): “Durante a velhice deveríamos estar engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos”.

Comunicativa e risonha, no entanto preferia isolar-se do restante dos internos. As diversas vezes que estive no Lar, encontrei-a sozinha, sentada a uma mesa, no pátio interno, às voltas com seu crochê:

Mas não adianta, eu quero viver sozinha. Eu me sinto melhor, tu vê, eu não fico lá no meio, eu venho sentar aqui. Se tem muita gente aqui, eu vou lá pra outra peça. Eu não gosto de tá em junção. E assim eu vivo.

Gostava do Lar; segundo ela, o ambiente calmo dali lhe fazia bem. Sentia-se ouvida e valorizada. E não sentia falta da antiga casa, apesar da vida boa que tinha naquela morada. Desta não havia trazido nada, esqueceu. Quanto a isso, justificou brincando: “Já é um fator de esclarecimento da velhice”.

Planejava ir a Porto Alegre no final de 2015. Mas aquela alegria toda foi embora. Dona Helena deixou esse mundo, aos 83 anos, em janeiro de 2016. Um vazio no ancianato.

3.1.2 Senhor Norberto

Seguindo as entrevistas: senhor Norberto. Foram duas visitas, duas conversas com o homem mais velho do Lar: 100 anos! Magro, alto, distinto. Rosto marcante e olhar sempre perdido. A esposa, um ano mais velha, residia ali junto a ele, porém não era mais lúcida. Os dois estavam sempre acompanhados por uma cuidadora particular. Conversas difíceis, devido a um sério problema de audição dele. Também janeiro deste ano, o senhor Norberto nos deixou. Deixou também declarações tristes, de uma velhice solitária e sem sentido. A surdez provavelmente lhe aumentava a solidão.

Perguntado a ele sobre sua relação com a atual morada: “É muito isolada. Leva quase tristeza pra pessoa. Sente muito só.” E sobre lembranças de épocas passadas: “Não traz muita lembrança, porque a gente tá muito sozinho, a lembrança fica no esquecimento. A pessoa sozinho tem aquela tristeza dentro”. Realmente, a tristeza estava estampada em suas feições e fala.

Depois de outras perguntas das quais as respostas foram evasivas, ao falar-se sobre a casa dos pais, o rosto do senhor Norberto se ilumina: “Da casa dos pais? Isso me lembro bem.” A essa lembrança, Bachelard (1978, pp. 206-207) justifica:

Mas, além das lembranças, a casa natal está fisicamente inscrita em nós. Ela é um abrigo de hábitos orgânicos. A cada vinte anos, apesar de todas as escadas anônimas, reencontraríamos os reflexos da “primeira escada”, não teimaríamos em permanecer num degrau um pouco alto. Todo o ser da casa se desdobraria fiel a nosso ser.

Continuamos a falar sobre a casa dos pais. Enquanto isso, percebia-se seu olhar distante, parecendo pousar em outras paragens. O que buscava capturar? Retorna à casa dos pais:

Aquela sinto saudades, eu não sei o que meu pai fez, se vendeu, ou demoliu. Não sei. Eu vim pra Joinville, e a família ficou toda lá. Uma zona de mar. A costa era mar, tinha que pegar uma canoa pra ir a São Francisco. Tinha aquela parte da canoa. Passava perto dos navios grandes. [...] Às vezes eu lembro com certa saudade de diversos pontos do bairro. Caçava

passarinho, pequeno, grande, fazia arapuça, fazia armação pra pegar animais de galho.

Dessas lembranças que sobreviveram aos seus tantos anos já vividos, vêm-lhe também iluminar o olhar as imagens das caçadas a passarinhos, brincadeiras dos meninos daquele tempo.

Na segunda e última vez que o vi, pareceu-me mais distante ainda. Reclamou novamente da solidão e da falta de visitas. Já estava se despedindo... Talvez ele estivesse pressentindo sua partida. Também, como dona Helena, deixou-nos em janeiro de 2016.

3.1.3 Dona Hadwiga

Figura 4: Dona Hadwiga



Fonte: http://www.diocesejoinville.com.br/adipros-textos.php?id_tex=26

Dona Hadwiga, 73 anos, moradora antiga do Lar Betânia; desde 2004 está na instituição. É protagonista de uma história sofrida, porém de superação e resignação. Vítima de um atropelamento, quando ainda jovem, ficou com sérias sequelas, principalmente em uma das pernas. Conta que foi um pouco difícil aceitar a vinda para cá. Tinha sua casa toda arrumadinha, com cômodos separados e, quando chegou ali, um quartinho só:

Um pouquinho foi difícil, porque eu tinha minha casinha, tudo separadinho. Aqui vim para um quarto, onde tá a cama, no começo foi um choque bastante difícil pra mim. Porque lá a cama era só pra dormir. Tinha a salinha, tinha os objetos da sala, o quarto, a cozinha, tudo separadinho. E custou assim no início, mas trabalhei comigo mesma, não tinha condições de morar mais sozinha.

Sentiu a mudança no início, mas aos poucos foi se adaptando. Gosta do silêncio, e assim permanece quase o dia todo sozinha no quarto, sentada na cama. As imagens de santos que tem nas paredes são suas companhias, com quem conversa. Distrai-se um pouco fazendo chinelos de crochê; deles é que vem um dinheirinho extra para complementar o salário mínimo que recebe. Uma ajuda para os remédios, pois alega que o SUS (Sistema Único de Saúde) dá somente os mais baratos. Com o sério problema na perna – osteomielite – que dificulta seu caminhar, isola-se. Quanto a isso, declara:

E de relacionamento assim, com as pessoas, como eu digo, não gosto de estar muito em grupo, não gosto de fofoca, não gosto de palavrões, não gosto de... aquela risada. Gosto do silêncio. Isso desde casa, desde... a gente ficou assim sozinha, trabalhava sozinha. E sempre o silêncio. Eu me retiro, eu gosto do silêncio. Eu me sinto bem.

Tal qual Dona Helena, afasta-se dos grupos. Prefere estar sozinha. Fica só porque se isola, não porque é isolada pelo grupo. Recolhe-se em seu canto na companhia de imagens de santos e de Jesus trazidas de sua casa. E, ali em seu canto, sente-se bem. Como observa o pensador:

O canto nega o palácio, a poeira nega o mármore, os objetos usados negam o esplendor e o luxo. O sonhador, no seu canto, pautou o mundo num devaneio minucioso que destrói um a um todos os objetos do mundo. O canto transforma-se num armário de recordações. (BACHELARD, 1978, p. 290)

Não trouxe objetos, nada de outras casas onde morou, diz guardá-los no subconsciente:

Objetos assim não, que da outra moradia eu não trouxe nada, só a foto do meu pai, que mesmo tá no meu coração. Imagens sempre tive dos santos, já tinha em casa. Mas não trouxe quase nada, pois como disse, eu me acidentei, fui pra Curitiba, minha mãe ficou sozinha. Meu irmão teve que voltar de Curitiba, casado, deixar a família lá para ficar com minha mãe. E tinha duas irmãs de criação, então foi ali que assumiu. E a gente era pobre, pobre mesmo. De não ter o que comer. Mas tamos aqui.

Contudo, em meio a esse sofrimento, algo positivo vem trazer compensação:

Passamos fome, mas tivemos educação. A educação a gente trouxe até hoje, do braço da mãe. Lutadora, que lutou pra nos criar, viveu até 36 anos, morreu faz 28 anos. E a gente tá aqui. Eu me sinto bem porque eu tô num ambiente sozinha no quarto, onde eu posso meditar, eu posso conversar sozinha lá fora, eu medito, tenho tempo pra ler, tenho tempo pra pensar, tenho tempo pra trabalhar, e pensar coisas boas, positivo. [...] Cresci com os livros. Gosto de ler... o consciente, o subconsciente. Abriu muito a mente. Aprendi muito com as leituras, que o estudo foi pouco. Do estudo, só lembranças de ir pra aula e chamarem a gente de polaco sem bandeira, porque diziam que polaco não tinha bandeira. Na época já tinha... Mas a gente sempre lutou.

A filha de imigrantes poloneses relata as dificuldades, os preconceitos sofridos na infância. Fala da situação de miserabilidade e das dificuldades enfrentadas para frequentar a escola distante:

A gente queria ficar com a mamãe, mas como tinha que ir pra aula, e não tinha escola perto. Então a gente foi 'praquela' família, bem distante, que eu chorava direto. E ia fazer oito anos. Lembro, o professor pegava a gente, botava de castigo. Que era pra aprender. Eu fui com oito anos, aí estudei aquele ano naquela escola, naquele lugar. Depois vim embora. Daí fomos pra aula 6km distante. Caminhando. A estrada de Guaratuba. Hoje em dia a segunda via vai passar por Palmital, que não tá aberto ainda, é no Palmital que a gente ia na aula. E onde meu irmão mora, no mesmo terreno que a gente veio morar ali, quando sai da segunda via, pega um terreno dele, é terra do meu irmão, daí onde a gente morava, pela estrada velha, era 5 km. Não tinha casaco, não tinha chinelo, depois saiu as alpargata, mas não tinha dinheiro pra comprar, e a gente ia a pé, coberto com uns trapinhos no braço, assim, tudo pé no chão. Então foi muito difícil isso tudo, depois então a mãe ficou doente, não ia num dia, (???) minha irmã chorava muito. Aí não tinha como estudar. Então a gente estudou até o segundo ano. Depois minha mãe, tinha que ficar as duas cuidando dela, daí desistimos. Então foi pouco estudo, hoje a gente lembra que estudou e aprendeu muita coisa, e a gente aprendeu com as leituras e com a televisão. Se esforçar a ler, a falar, pronunciar, porque era (?) com sotaque polonês. Do interesse da gente né. Tem muitas coisas, hoje em dia, eu gosto de assistir tudo quanto é coisa, então é uma escola. Eu procuro ginástica, pela televisão. Eu procuro fazer. Como eu tô na cama, o que eu posso fazer então eu faço. E tem muita coisa que a gente aprendeu. Pra entender melhor a coisa. Então tem muito que aprendemos pela televisão.

Fala de outros tempos, de um passado que era bom; “mais puro”, segundo ela. Lembranças de sofrimento e de alegrias que marcaram seu passado; mas que, como reconhece, um tempo que ficou para trás. Um passado que deixou saudades.

Muita coisa a gente tem lembrança e saudade que era coisa mais pura, mais sadia. Mas não dá pra parar no tempo, tem que caminhar. Todos nós

caminhamos. Eu tenho que fechar a boca mais também. A gente lembra coisas maravilhosas. Coisas sofridas, mas também das alegrias.

Apesar da dificuldade para locomover-se, dona Hadwiga, não se acomoda. Empenha-se em ajudar as pessoas. Fala de sua rotina, de seu hábito de acordar muito cedo, adquirido quando morava na zona rural:

No sítio eu trabalhava fora pra ganhar dinheiro pra comprar as coisas que faltava. O horário de acordar era 4h porque tinha que caminhar 4, 5 km pra ir trabalhar por dia. No horário aqui, acordo 4h, todo dia. Continuo com a mesma rotina. Esses 45 anos de acidente, chega aquele horário, eu acordo. Claro que nem sempre posso levantar e andar. Isso já ficou paralisando, paralisou várias vezes. Esse horário é o horário de acordar, então vou ao banheiro, me lavo. Venho, faço minha oração. Me arrumo e desço às 5:30 pra abrir o portão pros funcionários. Eu não sou obrigada, eu faço isso porque eu vejo que os enfermeiros da noite estão dando banho, trocando. E aí chega quinze pras seis, aí fica na cama... como eles vão colocar a gente pra cuidar dos velhos pra abrir o portão? E aí ficavam lá, e no inverno que é perigoso. Aí me agoniava, então eu pensei vou começar a descer abrir o portão pras pessoas. Eu pego o controle e vão. Fico sentada abrindo. Então eu acordo, vou lá pego o controle e vou pra capela. Na capela, arrumo as coisas, arrumo lá e a irmã carrega, pra não fazer muita caminhada. Aí eu sento lá, faço minhas orações. Às sete horas é a missa. Agora quarta-feira (?), então não tem aqui. Aí eu não caminho. Pra evitar muita caminhada, aí eu não vou lá. E assisto minha televisão. Rezo terço, faço minhas orações. Até 17:30. Às 16:30 tem o terço. Não gosto de sentar muito baixo, se fosse na capela eu gostaria. Mas fazem na sala... eu acho que... não sei, é baixo, as poltronas. Muita gente, puxa cama pra lá, bota pra cá. Então fico um pouquinho, mas quando tem muito eu me retiro. Depois eu desço, vou lá fechar a capela e pego meu copinho de café, um pedacinho de pão e venho pra cá.

Mesmo estando quase o tempo todo no quarto, dona Hadwiga tem uma velhice bastante ativa. É metódica e, com isso, consegue administrar bem suas tantas tarefas diárias. Segundo ela, aprende muito com a televisão, mantendo-se constantemente atualizada. E é através da tevê que aprende e faz sua ginástica diária, ali mesmo em seu quarto.

Todo o sofrimento passado deixou-lhe cicatrizes no corpo; no entanto, fortaleceu sua alma. Hoje, a religiosa descendente de imigrantes poloneses tem uma vida tranquila e bem cuidada. Não se deixou abater pelas adversidades que a vida lhe impôs.

3.1.4 Dona Adélia

Figura 5: Dona Adélia



Fonte: Da autora.

A qualquer hora do dia, quem quer que bata à porta de dona Adélia vai encontrá-la bem arrumada, maquiada, com colar e brincos, além de um sorriso de boas-vindas. Talentosa, aos 79 anos conserva o amor incondicional pela música. Dona de um dom musical invejável, continua a encantar as pessoas com sua voz e instrumentos por ela tocados. Conta como foi parar no Lar Betânia:

Bom, eu não vim morar aqui por acaso. Eu estou morando aqui porque eu morava sozinha, tinha minha casa, meu apartamentozinho montado, do meu gosto, todo reformado, quando comprei, aqui em Joinville, aqui perto, até. Todo reformadinho. Minha filha falou que ficou uma casinha de boneca, do meu gosto mesmo. Me sentia muito feliz dentro da minha casa. Mas aconteceu que apareceu um câncer de mama, e eu fiquei muito doente. É uma situação muito difícil. Muito difícil pra gente enfrentar. Mas eu sou uma pessoa muito religiosa e muita corajosa, então eu sou uma pessoa que enfrenta a vida até com uma certa facilidade. Que apareceu a doença, faz uns três anos. E eu ainda faço quimioterapia, de manhã e à noite. E foi retirada a mama e mais uns sete nódulos debaixo do braço. Eu fui desenganada. Eu tenho dois irmãos, mas eles não moram aqui, em Joinville, em SC, eles moram no Paraná. Então o meu irmão veio ao meu socorro, viu a situação que eu estava, então ele me fez a pergunta: Você não pode mais ficar sozinha. Você vai ter que renunciar aqui Adélia e procurar um lar pra você viver. Você aceita? Se você aceitar eu saio daqui e já vou à procura. E foi isso que ele fez. Eu falei que eu aceitava, que eu não

tinha outro recurso a não ser aceitar, eu sabia a gravidade da minha situação. Aí ele fez isso e eu vim morar aqui.

Fez do Betânia sua nova casa, onde se sente, diz ela, muito bem. Declara a admiração que tem às pessoas que cuidam dos idosos dali. Sente-se feliz com o tratamento recebido, respeitada e valorizada.

Agora, a respeito do lar. Eu me sinto aqui como se isso aqui fosse um pedacinho do céu na terra. As irmãs que cuidam aqui, todas elas, cada uma tem o seu setor, a diretora, a administradora, a outra irmã que ela tá em todo lugar, qualquer coisinha ela tá chamando alguém, é muito ativa, e é uma senhora de uma certa idade, mas muito ativa; enfim, o padre que também ajuda a administrar, que é o Padre Ivan, um santo homem também, um grande administrador, uma pessoa muito humana e muito inteligente, eu o admiro demais. Então, essa equipe maravilhosa que tem, junto aos funcionários que, a impressão que a gente tem é que são pessoas selecionadas, escolhidas, compreende? E essas pessoas, como você viu o exemplo agora, essas pessoas são anjos que caem na vida da gente, não é por descuido nem nada, é por graça de Deus. E essas pessoas nos cuidam com muito amor, com muito carinho, com muita dedicação, muita atenção, e acima de tudo respeito pelos velhinhos. Então aqui a gente se sente valorizada.

O câncer não lhe tirou a vontade e alegria de viver. Não para. Mesmo recolhida em seu quarto, o tempo todo, quando não está tocando algum instrumento musical, está pintando uma tela, fazendo uma bijuteria, inventando algo para se ocupar:

Eu sou muito ativa, modéstia à parte, quando eu não tô fazendo crochê eu faço tricô, quando eu não faço tricô eu costuro, eu desmancho, eu vou limpar meu quartinho, eu vou fazer uma limpeza no meu guarda-roupa, eu gosto muito de música e toco vários instrumentos, então eu vou tocar. Eu toco na missa todos os dias. Eu toco órgão, eu toco violino, eu toco gaita de boca, gaita de mão, flauta doce, então eu vivo sempre muito muito movimentada, na minha cabeça não cabe mais coisa. Porque já tô num certo limite, eu tenho 78 anos. Mas 78 anos, com a graça de Deus, apesar dos problemas que tive na minha vida, mas vivi a vida. Vivi essa vida que Deus me deu. E vivo. Eu tenho muita vida dentro da minha alma, do meu corpo, do meu coração. Compreende? Eu não sinto tristeza, apesar do problema grave que eu tenho de saúde, mas parece que não me sinto doente, eu tenho impressão que não tenho essa doença. Compreende? Assim eu falo pras pessoas. E todo mundo aqui sabe a minha situação. Mas ninguém me olha com olhos de doença. “Coitada dessa mulher”, ninguém fala isso pra mim. Pelo contrário. Tô sempre produzida, todos os dias tenho uma roupa diferente, uma maquiagem diferente, um cabelo diferente. Sempre bem perfumadinha, quando alguém reclama do perfume, eu saio de perto, digo que tô fedida. Elas começam a rir. Com brinco, colar, com tudo. Combinando. Desse jeito, eu sou vaidosa. Enfim, o meu quarto como você viu, só tem coisas bonitas, que eu mesmo faço. Esse trabalho que você está vendo lá na parede, oh, as figuras de Nossa Senhora, do Sagrado Coração, dos Santos, que são pessoas que viveram aqui na terra. O amor de Deus imenso. E fora os quadros que eu não consigo trazer pra cá, porque meu

quarto é pequeno. E eu sou meio exagerada, eu pinto também. Pinto tela. Então aqui não dá pra meter todas as minhas coisas que eu quero.

Declara-se não apegada às coisas materiais, mas quer seus instrumentos musicais:

E a respeito do desligamento e do aconchego com as coisas materiais, eu sinceramente te confesso: não me apego a nada. Nada. A única coisa que eu quero são os meus instrumentos, porque eu amo de paixão a música. Se me tirarem tudo aqui do quarto, não me tirando os instrumentos, eu sou feliz do mesmo jeito. Todos os dias eu tô ali na frente, ali que eu estudo.

Deixar tudo para trás e não se importar... Dona Adélia que tinha tudo que é necessário para viver deixou. Construiu, ali, seu novo lar:

Eu tinha tudo dentro da minha casa, o que é necessário pra viver. Máquina de lavar roupa, meu jogo de sala, como eu te disse eu gosto de fazer muito tricô, crochê, então eu tinha pilhas de toalhas, uma mais linda que a outra. E eu faço tudo por revista, cortinas, tudo. Eu tinha tudo isso. Tinha não, tenho. Ficou tudo pra trás. Eu não me apego a isso. Eu deixei meu apartamento. Entreguei a chave pro meu sobrinho e disse, “filho, cuida”. Eu chamo ele de filho porque ajudei a criá-lo desde recém-nascido. “Filho, cuida do apartamento da tia, faz o que você quiser. Quer alugar, aluga, não quer, não aluga. Deixa tuas coisas lá, enfim, faz o que você quiser. “Então, ele que administra pra mim. Ele que paga as coisinhas, imposto, essas coisarada, luz, água, etc. E eu estou muito feliz aqui, muito mesmo.

Testemunha a felicidade de estar morando no Betânia. Com isso, quer que outras pessoas saibam disso e acredita poder ajudá-las a se decidirem:

Até essa entrevista que você tá fazendo aqui é um orgulho, uma maravilha. Eu poder dizer alguma coisa, que vivo, que sinto, que sou feliz. Talvez eu vá ajudar outras pessoas. Às vezes a pessoa pode estar pensando “ah se eu pudesse morar num lar, mas tenho pena de deixar meus filhos, meus netos” A pessoa tem que pensar também um pouco nela. Se vale a pena um sacrifício tão grande. Não sei, tem que pensar bastante.

Quando questionada sobre as lembranças, como sua memória trabalha ali nesse novo lar, dona Adélia afirma lembrar-se somente dos pais e da vida com eles, pois as coisas materiais, como dito, deixou tudo para trás. Lembra com saudade daquele tempo gostoso. Fala da religiosidade dos pais – herança herdada por ela – da beleza e bondade da mãe:

Meus pais eram pessoas muito religiosas, né. E olha, pra você ter uma ideia, a minha mãe fazia comida com o rosário ilhado no pulso. Naquela época não tinha fogão a gás, só a lenha, então na hora que dava uma folga,

ela colocava um monte de lenha, sentava numa cadeira, numa banquetinha, e ia lá rezar o terço, enquanto a carne assava, enquanto o feijão cozinhava, enfim. Colocava tudo ali no fogo, e enquanto ela tomava conta da comida ia lá e rezava o terço. É um exemplo muito grande que minha mãe me deixou. Essa luz é uma coisa linda. É muito bonito de lembrar. Outra coisa, minha mãe era uma mulher muito linda, por isso que eu sou vaidosa. E ela era costureira profissional, então ela fazia roupas muito bonitas pra gente, pra ela. Quando tava velhinha ela desmanchava tudo, virava do avesso, colocava uma renda, um botão, ela era muito criativa. Meu pai, outro santo. Não tenho o que falar dele de probleminhas, isso existe em toda família. Mas nós temos que falar da grandeza de espíritos dessa gente. De pessoas que passaram pelo mundo fazendo o bem. Minha mãe era uma mulher muito caridosa. (...) minha mãe era mãe de 12 filhos.

Mais uma vez a mulher no papel de dona de casa, mãe de muitos filhos e responsável por sua criação. Retrato que a contemporaneidade empoeirou.

Hoje, vivendo no ancianato, dona Adélia depende da ajuda financeira dos irmãos que, para ela, é motivo de agradecimento:

Agora eu moro aqui, mas sou ajudada pelos meus irmãos. Há a necessidade disso. Aqui tem despesa também, a gente entende as coisas né. Então eu ajudo um pouquinho do que eu ganho e meus irmãos completam. E eu só tenho a agradecer.

A memória retorna ao passado; ao tempo de criança, quando vivia em uma chácara. Relata as dificuldades do pai em sustentar a família que crescia em número e por isso teve que abandonar o magistério e buscar uma carreira mais rentável.

Ela e a família moravam na zona rural e aquilo que consumiam era plantado e colhido ali. As imagens das frutas colhidas no pé eram descritas por dona Adélia. Quanta fartura! Algumas daquelas frutas, nunca mais vistas por ela, como a banana da Áustria, roxa, enorme – que eu nem conheço. Fala dos costumes diferentes, do poço, pois não tinham água encanada. De um rio que cortava a propriedade de ponta a ponta. Da liberdade e da abundância de água.

E, daquela época, dona Adélia se lembra bem: na religiosa família, a ordem, segundo ela, era rezar, estudar e trabalhar.

Antes de falarmos em tecnologia, observei que ali em seu quarto, como no de dona Hadwiga, não havia um computador ou um aparelho qualquer que denotasse alguma tecnologia mais avançada, atual. Somente um pequeno televisor e o celular, um aparelho bem simples que usava apenas para, às vezes, comunicar-se com a família. E não era usuária porque não gostava:

Não gosto. Mas não atrapalho ninguém. Admiro as pessoas que trabalham. E admiro a tecnologia. E muito. Olha você gravando num gravador quase do tamanho de um macinho de cigarro. Você vê. Então eu admiro, admiro em

todos os sentidos, compreende? Mas não sou ligada. Porque se eu puser um computador dentro do meu quarto, eu não saio mais dessa porta pra fora. E eu sou uma pessoa muito comunicativa. Eu gosto de ver o rosto das pessoas, olhando assim

Levando-se em conta que ela quase não sai do quarto, provavelmente, como ela alega, o uso de um computador e de um celular, por exemplo, com internet, prenderiam-na mais ainda dentro do quarto; ela que já não gosta muito de sair.

São muitas as histórias que dona Adélia narrou. Todas gravadas e bem documentadas. Sempre com aquele entusiasmo contagiante. Seriam folhas e folhas de transcrição. Alguns pontos da entrevista, contudo, devem ser evidenciados. Sua religiosidade, sua fé, sem dúvida, a têm sustentado nos momentos difíceis e dado-lhe energia para manter seu espírito jovem e fazer com que a velhice seja uma travessia tranquila e ainda dessa estrada da vida colher frutos. Sua criação familiar, o respeito, o trabalho, e, acima de tudo, o amor entre eles sustentaram-na na caminhada e ainda a têm sustentado. A música a tornou uma apaixonada pela vida e pelas pessoas. Seu entusiasmo, dona Adélia, contagia; sua música, extasia.

3.1.5 Senhor Pedro

Seu Pedro é um novato na casa. Homem de pouca conversa, aceitou participar da entrevista, mas preferiu não ser fotografado; não naquele dia, disse ele. Porém, em uma outra visita, ele ali, cuidando de seu cachorrinho, consentiu-me fotografá-lo.

Sua história é marcada pelo abandono, pobreza e solidão. Antes de ir para o ancianato, morava de favores em um quartinho de uma marmoraria. Agora, com problemas nas pernas, impossibilitado de trabalhar foi parar no Lar. Levou para o Betânia apenas seu grande companheiro: um cachorrinho. Para que ficasse no Lar, fez uma exigência: seu fiel cachorrinho teria que acompanhá-lo. Com este já está há sete anos e com o qual divide o mísero salário para comprar-lhe ração.

Figura 6: Senhor Pedro



Fonte: Da autora.

Gosta do ancianato. Diz que ali tudo é muito bom. “Tá maravilhoso aqui” – fala. Mas, aos 70 anos, já sente bastante o peso da idade. Sente a passagem do tempo e se entristece: “Era feliz, agora só esperando a morte. O recurso da gente é esperar a morte”.

Seu Pedro constantemente traz lembranças do passado, no entanto essas recordações lhe causam desconforto: “Ah, fico pensando com solidão, aborrecido, com saudade do passado que não volta mais”. Sua memória leva-o a um passado longínquo, traz imagens da família: “Do passado distante tem bastante, né, de quando morreu meus pais, meus irmãos. Já morreram tudo, eu não tenho ninguém mais, só tem eu no mundo”.

De acordo com Bobbio (1997, p. 31), “Quando percorremos uma vez mais os lugares da memória, os mortos perfilam-se em torno de nós em número cada vez maior. A maior parte dos que nos acompanharam já nos abandonou”.

Tendo uma vida inteira dedicada ao trabalho, declara: “É, eu cumpri o meu dever, trabalhei a vida inteira. Só trabalhando, só trabalhando”. E se ainda pudesse: “Até agora, se tivesse bom, já tava plantando aí”.

Entregue às próprias limitações físicas, sente que o tempo de realizações ficou para trás: “Eu já tive muito doente, tudo quanto é coisa me deu. Tudo. Agora não consigo caminhar. Só um pouquinho, e só com o andador”.

Seu Pedro percebe as diferenças entre sua época de criança e jovem para os dias atuais. Sente essas transformações: “Ah, eu sinto bastante, quem que não sente, né?”. [...] “Tudo mudou”.

Com relação às mudanças ocorridas no mundo ao redor do velho, este, segundo Bobbio (1997), já sem ânimo para compreendê-lo, inclina-se a construir uma ideia negativa sobre as novidades que aparecem.

3.1.6 Dona Alice

Exemplo não muito comum é o de dona Alice. Pois, normalmente, os idosos vão para o ancianato e registram-no como seu derradeiro lar. No entanto, seus caminhos tinham um retorno. Nascida em 1928, filha de alemães, denotava lucidez em sua fala e postura coerentes. Recém-operada da vista, permanecia quieta, sentada na sala de tevê. Assinou com dificuldade sua autorização para a entrevista. Fora para o ancianato depois que o filho mais velho, com quem morava, falecera. Ficara sozinha e pouco depois teve que vender sua casa, toda tomada por cupim. Agora residia no Betânia, contudo, apesar de não reclamar do tratamento recebido ali e da convivência com os outros idosos, sonhava em um dia voltar para casa, com o dia em que um filho viesse buscá-la. Compreendia porque estava ali, mas achava injusta a situação dos idosos atualmente, sendo que os filhos, pela correria com o trabalho, não têm tempo para dos pais cuidarem. Pouco tempo depois de ter dado a entrevista, eu soube, um filho levou-a para casa.

Morou na capital paulistana por 50 anos, de onde veio e está em Joinville há quase 30 anos. A funcionária pública aposentada reclama dos proventos da aposentadoria. Segundo ela, insuficientes para cobrir seus gastos com a mensalidade do ancianato e com os medicamentos de que necessita.

Foi solícita ao conceder-me a entrevista. Falava baixo e fazia algumas pausas. Antes de começarmos a gravação, conversamos bastante. No entanto, sua fala deixa dúvidas quanto a seu sentimento em relação ao Lar. Assim declarou:

Eu me sinto em casa. A gente faz amizade com todo mundo, e obedecendo às normas da casa, fazendo certinho. Eu fiquei dois anos aqui, dez anos atrás. Fiquei dois anos aqui, aí voltei pra minha casa. Porque os cupins comeram todo o forro da casa, precisava de um telhado novo.

[...]

Chega no domingo, se não fazem aqui um joguinho, um bingo, a gente não tem nada. Só televisão, televisão. Quer dizer, cada um tem sua televisão no quarto, mas a gente sente aqui com todo mundo. Essa é a vida da gente. Eles saem também pra passear, mas no momento eu tô impossibilitada de ir junto. Eles vão andar, eu não posso. Pra entrar na kombi, no carro, é difícil. Então eu fico aqui. Então a gente paga pra alguém levar a gente pra algum lugar. Aí tem a minha filha mais nova, ela vem aqui. Vem me pegar, vou passar o fim de semana na casa dela. Gosto de ficar lá. Mas também não quero ficar lá com ela, porque a gente atrapalha a vida do casal. Agora ela tem duas netinhas. Ela tá muito ocupada com as netinhas dela. Muito feliz com as netinhas. Eu não posso estar ali no meio, uma velha, toda hora precisa tomar remédio.

A ideia de que o velho pode ser um estorvo parece apossar-se de dona Alice. Ela não quer atrapalhar. As limitações físicas, o fato de ter que tomar medicamentos constantemente, para ela, são motivos para afastar-se da convivência domiciliar de alguns parentes. Entretanto, estando ali, também não se sente totalmente em casa e imagens do aconchego da antiga casa afloram:

[...] aqui eu não estou em casa. Aqui é pra ser a casa da gente, mas a gente não está em casa. Lá era mais, porque eu me sentia em casa, tava na minha casa, a casa era minha. Eu sentava na área, tomava um solzinho nas minhas pernas... E a prefeitura era na frente, e os trabalhadores iam entrando e saindo da prefeitura. Tinha banco na prefeitura, foi assaltado, tiraram o banco de lá.

Como observa o pensador (BACHELARD, 1978, p. 243): “Toda grande imagem é reveladora de um estado de alma. A casa, mais ainda que a paisagem, é “um estado de alma”. Mesmo reproduzida em seu aspecto exterior, fala de uma intimidade”.

A casa da avó! Esta era a identidade de seu lar. Lugar de aconchego, lugar para receber, para servir. Lugar também onde a família queria estar:

[...]

Uma coisa que eu lembro muito, meu filho, quando era dia das crianças em SP, ele falava assim, “olha, dou cinco minutos pra vocês ficarem prontos, eu vou pra Joinville em cinco minutos”. Eles corriam pra pegar a mochila pra

chegar no carro, porque quando eles chegavam, já estava fechando o carro. E ligava “olha mãe, nós tamos chegando a tal hora”. Eu já fazia a comida. E quando ele encostava, nossa, era aquela festa. Meus netos descendo do carro, pra almoçar. Aí eu falava “o que vocês querem almoçar hoje?” “o macarrão da oma”. Arrancavam o boné, a mochila, jogavam em cima da cama, todo mundo ia lavar as mãos, e era aquela mesa só de netos.

Bachelard (1978, p. 200) diz que “todo espaço verdadeiramente habitado traz a noção de essência de casa”. Considerando as palavras do pensador: qual dos espaços, então, traria essa noção para dona Alice?

O Lar Betânia, segundo ela, também é um lugar de algumas desavenças:

Eu sinto, ao meu ver, eu fui inspetora de aluno, então eu acho que aqui tinha que ter um inspetor, pra inspecionar tudo que acontece. Tem muita gente que mora aqui e quer mandar nos outros, não é assim. Acho que a gente se sente mandado pelos outros aqui. Todo mundo quer mandar na gente.

Informa serem os próprios internos protagonistas dessas discórdias. Reclama que eles, por estarem há mais tempo lá, acham-se com direitos:

Ah, já que estamos há mais tempo aí se dão o direito de gritar com a gente, e eu não aceito isso. Desde que eu vim pra cá eu achava que aqui precisava ter um bom inspetor, que inspeciona tudo e anota pras irmãs. É muito trabalho pras irmãs. Também tem que nascer uma pessoa... se a pessoa não é dotada disso, não dá. Tem muita coisa que acontece, e a gente pensando assim, gostaria de pôr em dia, mas não dá né. A gente vai aceitando como é as coisas. Eu por exemplo, eu não sou católica, eu sou luterana. Mas eu vou quase todo dia na missa. Sou filha de alemães. Eu vou na igreja, na missa. E respeito o lugar. Acho muito bacana. A irmã vai me chamar toda manhã.

Debert, em seu livro *Reinvenção da Velhice*, denuncia esse comportamento não muito amistoso no cotidiano dos asilos:

Surpreende, nos asilos, a quantidade de conflitos, brigas e desentendimentos entre os residentes e deles com o pessoal técnico e administrativo. Literalmente, os residentes fazem, uns aos outros, perder o controle, ter insônia, entrar em palpitação. Os conflitos e desavenças são percebidos, pelo pessoal técnico e administrativo e pelos próprios residentes, como uma disfunção que deve ser corrigida e sanada. (DEBERT, 2012, p. 100)

Dona Alice gosta de animais. Na antiga casa, tinha um cachorrinho e um gato. Porém, no Betânia, não se pode ter animais. Por isso lamenta a falta destes animaizinhos de estimação em sua convivência. Restando-lhe, assim, o convívio

com as pessoas que, por sua vez, não acontece como gostaria, pois recebe poucas visitas dos familiares. Nesse sentido, manifesta-se:

Aqui a gente não tem animal, não tem nada. Aqui tem que ser com as pessoas. Mas eu recebo pouca visita dos meus filhos. Minha filha fez um programa que cada domingo um tem que vim visitar ou me levar pra casa deles, almoçar lá, passar o dia com eles. Então vamos ver se funciona a partir de domingo.

Nesse momento, os olhos da ex- governanta e austera inspetora de alunos vestem-se de tristeza. Com eles lacrimejantes, mas com a voz firme reclama:

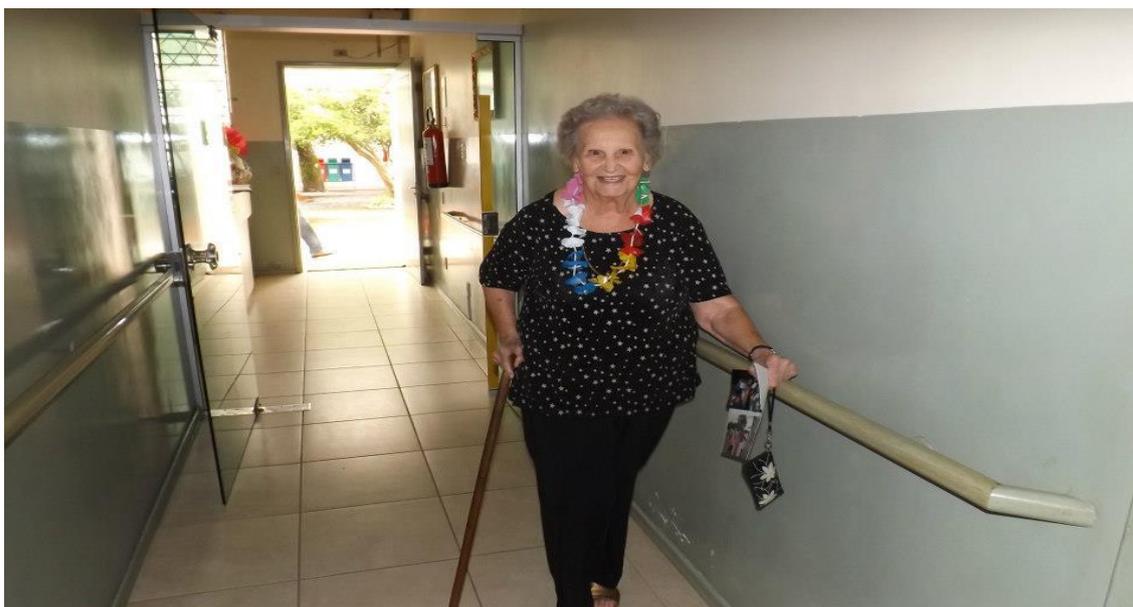
Eles acham ruim vir aqui. Então ela falou, ou vocês ficam com a mamãe lá, passam o domingo com a mamãe lá, ou leva na tua casa. Tem que ficar um pouco com ela. É que é assim, os filhos põe a gente pro asilo, e ali se fica. Quer o que mais? Tem banho quente, tem comida quente, tem tudo, não precisa nada, tem médico, não precisa nada. Os filhos pensam errado. Eles põem os pais aqui, têm que vir também. Continuar a ver eles. A gente criou eles com tanto carinho, depois põem a gente aqui, esquecem da gente. Não é assim. Então é isso que eu acho ruim, deixam os pais aqui no asilo e acontecem essas coisas.

Dona Alice sente-se abandonada. Queixa-se da falta de convívio com os filhos. Relativo a isso, Bobbio (1997, p. 140) já aludira; “O mundo do velho [...] é um mundo onde contam mais os afetos que os conceitos”. Talvez esteja aí a explicação da aparente tristeza em seu semblante. Sentia falta da família.

3.1.7 Dona Sigrid

Se alguém que já tenha construído uma imagem estereotipada de decadência e perdas da velhice, ao conhecer dona Sigrid, em poucos minutos de conversa, terá desconstruído essa imagem. A primeira conversa aconteceu em seu quarto, bem organizado, onde se viam sobre a bonita e antiga cama de ferro – a qual pertencera à sua família – um exemplar da revista ISTO É e outro de um jornal local.

Figura 6: Dona Sigrid



Fonte: http://www.diocesejoinville.com.br/adipros-textos.php?id_tex=26

Assim a entrevista inicia, ao perguntar-lhe que relação ela estabelecia com o Lar:

A relação é muito boa, eu me sinto muito bem, muito bem com o espaço, gosto muito do meu quatinho e tudo. E por sinal, às vezes é para ir pra fora com minha sobrinha, eu prefiro ficar aqui, eu me sinto muito bem. O resto da casa também é a mesma coisa. Tanto a alimentação, a limpeza, o tratamento que a gente tem aqui, não pode ser melhor. Já vai fazer aqui, dia primeiro de março, eu entrei dia primeiro, mas já tava pagando por conta, entrei dia 26 de abril. Vai fazer sete anos, eu vim direto de Porto Alegre pra cá. Fiquei uns dias na casa da minha sobrinha, fiquei aqui no lar. E eu gosto muito, não tenho nada de botar defeito, me sinto muito bem

Num outro dia de entrevista, torna a declarar: “Eu me sinto muito bem... olha já vai pra oito anos que eu tô aqui. Eu me sinto muito bem, eu tenho uma vida boa. Coisa que eu não tinha e talvez minha mãe não teve”.

A ideia de morar em um asilo é antiga para ela. Não gostando de incomodar, como acontece com muitos velhos, um lugar assim seria a solução para quando a velhice chegasse. Ali sente-se bem e, apesar dos tantos anos já percorridos não esmorece. Sempre ativa, participa dos momentos religiosos do Lar, bem como dos eventos festivos. Gosta também de caminhar:

Sim, caminho, todo dia de manhã, me levanto, faço a higiene, faço a cama, tudo, e desço pra ir na missa. Porque sempre queria num momento que a mãe faltasse, eu ia morar num asilo. Porque não deu de ir pro asilo, que

agora não é pra dizer mais, é lar. Mas eu sempre queria ir pro lar. E aí na casa de sobrinhos eu não queria, não queria incomodar ninguém. E aí eu vim pra cá e queria sempre, mas aonde tivesse religiosos. Então de manhã sempre desço, vou na missa, depois bebo café, e depois do café eu faço minha caminhada. E depois subo e tomo banho, e aí eu leio o jornal. Antes do almoço eu ainda faço o meu crochê.

Tendo observado a revista e o jornal em sua cama, pergunto-lhe qual sua relação com a leitura:

Sim, leio, leio, mas agora eu não tenho lido porque eu acho assim, eu tenho o compromisso, não compromisso, mas o presente que eu vou dar pras sobrinhas. Então nem leio, nem pego romance nenhum pra não me atrasar no trabalho.

Gosta do Lar Betânia. Sente-se bem no local. Mesmo assim, questiono-a sobre a relação que há, para ela, entre a antiga casa, a última morada e a atual, – o Lar. São-lhe as duas sinônimos de aconchego, de proteção?

Não acho, eu morei lá, depois que a mãe faleceu; eu tinha sobrinhas, amigas, mas não acho diferença. Eu tenho saudade de Porto Alegre, da minha terra. Em Porto Alegre eu ando por aquelas ruas em pensamento, recordo, mas não é assim aquela loucura de saudade, de querer voltar.

Falando de memórias... Dona Sigrid é depositária de muitas histórias. Pergunto-lhe sobre seu passado, seu tempo de criança, de juventude; se ela costuma perder-se em lembranças. Então sua memória retorna no tempo, traz fatos vividos que ajudaram a construir sua identidade:

A minha avó era muito querida, Cristina o nome dela, ela nos ajudou a criar, com a mãe, que a mãe ficou viúva aos 27 anos, e ela foi morar junto. Então ela era a mandona, mas sempre muito querida, uma pessoa muito espirituosa, que vendo ela assim, com aquele vestido preto comprido, reto, e com lenço amarrado, preto, mas era muito espirituosa e muito inteligente pra nos contar uma história. Ela lia e nos contava o romance que ela leu. Inteligente. Ela era costureira. E a mãe também aprendeu a costurar com ela. E as duas começaram a nos criar através da costura. E quando a gente ficou mais adulta, eu com 15 e meu irmão com 17, aí fomos começar a trabalhar pra ajudar na manutenção da casa. Erámos em 4, três irmãos e eu. E essa tia que depois casou.

[...]

Eu tenho lembranças de Carazinho, porque com 13 pra 14 anos, nós fomos pra Carazinho, morávamos em Lajeado. Eu me lembro, foi uma vida de trabalho, mas foi uma vida boa. Foi aí que eu fui nos bailes, tive um namorado, mas não deu em nada. E agora tem uma senhora que é de Carazinho, aqui, mas ela é mais nova, tem 76, 77 anos. Quer dizer que ela

não é do meu tempo. Mas aquilo me traz... eu gosto dela, uma afinidade maior. Teresinha Amaral.

O fato de ter ali uma conterrânea lhe dá a sensação de pertencimento, é um reforço à sua identidade. Imagens pretéritas surgem. Sente saudades. Imagens da casa grande com as muitas janelas, do rio que por lá passava, das peraltices da infância:

Me lembro sim, lá de Lageado. Sempre estou me lembrando. De Lageado, porque nós tínhamos uma casa grande, primeiro se morava mais pro interior. Depois meu pai fez a troca do lado de um armazém que ele tinha. Passava o rio, era grande. A casa era grande, boa, de muitas janelas. A gente via os navios passar, vapor mais, tinha navio, mas não esses grandes. A gente pra ir pra Porto Alegre, bom eu fui só quando eu tinha 11, 12 anos, daí eu fui de gasolina. Tinha de gasolina e a vapor, era desse tamanho, aí a gente ia pra Porto Alegre. Aí se chegava de madrugada, mas o navio não podia encostar, ele tinha que ficar ao lado pra chegar no cais do porto.

[...]

Lajeado, eu me lembro muito bem de tudo, daquele rio que nós íamos nas 4 horas. A mãe nos levava pra tomar banho do rio. Antes não, que meu irmão mais velho era muito sabido, nós tínhamos um relógio grande, daqueles antigos, e ele adiantava o relógio. E a mãe vinha com os 4, então descíamos, os dois mais velhos nadavam. E era um rio... o Cachoeira pra mim é um arroio, perto daquele rio. Aí meu irmão atravessava lá, e minha mãe gritando. Aí os marinheiros, porque tava cheio de barco. Mas barco assim desses que levavam as mercadorias pra Porto Alegre, diziam: Ih, a viúva tá com os filhos dela berrando. Lembro muito daquela descida, daquelas pedras, disso eu tenho saudade. Mas não assim de ficar triste.

Pergunto-lhe sobre a casa onde morava antes de ir para o Lar. Se imagens dessa morada costumam vir com frequência:

Vem às vezes. Do apartamento que eu tinha... Bem arrumadinho. Isso eu... se eu ganhasse melhor, talvez eu ainda estaria no apartamento. Eu não podia ficar sozinha, daí tinha que ter dinheiro pra chamar uma pessoa, uma cuidadora. E isso não dava. Porque todos os sobrinhos também lutam, sabe, tanto esse de lá, como daqui, tão bem, essa é aposentada, mas também não tem de sobra. Aí o apartamento era meu. Eu e meu irmão que compramos. Lá em Porto Alegre. Daí eu vendi ele e com isso tenho me mantido aqui. Porque eu ganho muito pouco. Então agora com esse salário, 880, eu tô com 860 a menos no salário, não sei se vem aumento agora, então aquilo foi sempre tirando né. E não foi tanto assim que valeu aquele apartamento, e isso tem me preocupado agora.

A situação financeira de dona Sigrid é de fato preocupante. Acabando o dinheiro da venda de seu apartamento, o salário mínimo que recebe não será suficiente para lhe cobrir todos os gastos. Gastos com a mensalidade do ancianato e

com medicamentos, sendo que o SUS – Sistema Único de Saúde – fornece gratuitamente só os mais baratos, conforme denúncia de dona Hadwiga.

Dona Sigrid é uma dessas pessoas muito idosas que receiam ficar doentes e inativas, dando trabalho. Ali mesmo, no ancianato, presencia casos de idosos totalmente dependentes e que não têm mais controle sobre si. Usam fraldas, não se alimentam sozinhos e nem tomam banho sozinhos. Esse estado que se traduz em sofrimento, estado de degradação física e mental é bastante temido por idosos. E ela teme passar por isso:

Eu vou fazer 92. Agora, a mãe também tinha a cabeça boa. E as pernas. Que nem vem esses alunos entrevistar a gente, e perguntam “Qual o maior sonho da senhora?” Imaginam que a gente tem sonho. Eu disse ‘o maior sonho é não precisar usar fralda nem cadeira de andar.’ Eu já usei fralda. Antes de vir pra cá eu fiquei muito doente. Era horrível. Eu tinha uma cuidadora. Ai, era horrível. Eu vejo eles aqui, tem muitos.

De acordo com Bobbio (1997) Aqueles que, como dona Sigrid, convivem diariamente com pessoas de idade bem avançada testemunham o sofrimento de uma longa e sôfrega espera pela morte. Dessa maneira, explica o autor, a extensão da vida que se dá graças aos avanços na área da medicina, para esses anciãos, significaria não deixá-los morrer. O que implica, nesses casos, um grande martírio.

Nesse sentido, a senhorinha gaúcha descreve sua atual situação e justifica suas ausências nas saídas com as sobrinhas:

Assim... eu acho que eu tô inteirinha, não dou trabalho. Eu tomo banho mesmo... eu não sei como eu seria se eu fosse como... mas eu sei que são muito bem tratados. Mas eu sempre penso assim, que as gurias querem sempre que eu vá pra lá, no natal, no ano novo. Porque quando eu vim pra cá, agora fazem dois anos que eu to nessa coisa de não querer ir. Mas eu ia toda sexta e voltava domingo ou segunda. Nas sobrinhas. Mas aí eu penso assim, eles sempre me carregando. Esses sobrinhos são muito queridos pra mim, não tenho queixa nenhuma. Mas eles tão sempre... ela tem que me levar, remédio tudo, isso me constrange. Eu acho que elas não têm obrigação com isso, quem tem obrigação é os filhos.

O tempo passa e passa depressa. Essa fugacidade chega a assustá-la:

Passa muito ligeiro. Eu digo, ih, cada vez mais se aproximando. Porque meu irmão, pai dessas moças aí, ele morreu, e ele tinha cinco anos menos que eu. Eu penso como é que eu fiquei? E foram todos os seis irmãos.

[...]

Passa rápido. Meu Deus, a semana começa segunda, já logo é sexta, sábado. Então cada vez a gente tá mais perto da eternidade. E assim, eu sempre penso, como é que eu vou morrer?

São várias narrativas que dona Sigrid deixou gravadas. Ela que viveu no tempo dos carros à manivela, dos famosos armazéns, do cinema mudo... Ela que nasceu e foi criada na era da razão, da certeza. Moldou seus pensamentos aos novos tempos e não estranha as tamanhas transformações ocorridas. Gostaria sim é de ter um computador, pois sabe que com ele, por meio da *internet*, poderia comunicar-se com os parentes distantes.

Nascida no início do século XX, foi testemunha de inúmeros fatos históricos e protagonista de muitas histórias. Hoje, aos 92 anos, completamente lúcida, só tem a agradecer pela vida. E nós, pelo prazer de conhecê-la!

3.1.8 Dona Percides

Figura 7: Dona Percides



Fonte: Da autora

Dona Percides, a última a ser entrevistada. 85 anos, lúcida, mas pouco enxerga. Declara gostar do Lar, onde, segundo ela, está há oito anos. No entanto sonha voltar para casa, morar com o filho.

Falando de lembranças, recorda-se da última casa, em Jacarezinho, no Paraná:

Às vezes eu lembro sim da casa que eu comprei lá, que eu comprei uma casa lá. Logo que o Osvaldo morreu, que eu fiquei com o Evaldo, eu fui pra lá né? E apareceu um negócio bom lá, eu tava com o dinheiro e comprei a casa. Eu tenho saudade dessa casa.

Velhice para ela não é sinônimo de tristeza. Significa solidão, estar só, quieta. É um tempo que favorece voltar ao passado:

A gente sabe que morar sozinho é estar mais quieto, momentos mais de solidão, não precisa necessariamente ser tristeza, mas solidão, assim, só. E esses momentos de estar só faz às vezes com que a gente pense mais no passado.

Sabe também que traz consigo algumas perdas:

Nossa! Eu escrevia, tinha tanto correspondente quando era moça. [...] Eu saía numa revista da Igreja, Cruz de Malta, e lá saía os correspondentes. E agora eu dizer que não posso escrever, é duro, né?

Gosta do Lar, do ambiente alegre e acolhedor, onde já está há vários anos. Declara não ter divergência com ninguém; prova disso é que nunca atritou-se com alguém. Mantém com todos os internos e funcionários uma relação de cordialidade.

Pela manhã, sua rotina é parecida com a de vários velhos dali:

Levanto cedo, dou uma arrumadinha aqui, vou pra baixo tomar café. Tomo café, volto aqui, o que tiver de fazer ainda, eu termino. Daí vou dar uma andada em volta do prédio. Pra caminhar um pouco [...], sozinha porque aqui dentro não passa condução, na rua as irmãs não deixam sair.

Procura participar da maioria das atividades que acontecem no ancianato. Abstém-se, às vezes, dos momentos de oração:

Às vezes tem uma brincadeira ali fora também. Às vezes tem uma festa de pastel lá fora, por exemplo, aí vem gente de fora.[...] Participo. Quase tudo que eles fazem eu participo. Menos na reza, eu quase não vou.

Mesmo gostando do espaço e dizer ser bem tratada, não se sente em casa. Após todos esses anos ali, ainda não conseguiu se adaptar totalmente:

Não, eu tenho sempre vontade de ir embora. [...] Ah... saudades. É diferente o viver da gente. Muito diferente. Muito diferente mesmo.

Às vezes se recorda com saudades de sua mocidade; das amigas, das brincadeiras. No entanto, logo espanta essas lembranças, pois lhe trazem nostalgia. Saudades também da casa em Jacarezinho:

Às vezes eu lembro sim da casa que eu comprei lá, que eu comprei uma casa lá. Logo que o Osvaldo morreu, que eu fiquei com o Evaldo, eu fui pra lá né? E apareceu um negócio bom lá, eu tava com o dinheiro e comprei a casa. Eu tenho saudade dessa casa. [...] Lá em Jacarezinho. [...] Casa boa. Cuidei dela bastante, deixei bonitinha, trocamos o piso.

Dona Percides, no início da entrevista, dissera que solidão não significava tristeza. Todavia, depois, ao falar sobre sua velhice:

Acho que ficar com idade é muito triste. Ainda aqui eu tô num ambiente com gente mais ou menos da minha idade. Mas que é triste, é. Por exemplo, eu deixo todo mundo lá depois da janta e venho aqui ficar sozinha. Sem ter com quem falar. Ninguém vem aqui depois da janta. [...]

Vê, contudo, o mundo piorando. E sente que cada dia que passa fica mais difícil viver nele:

Mas quanto mais passar, pior. O mundo vai ficando cada vez pior pra viver. Não tá melhorando, tá piorando. [...] As pessoas são mais grossas, não tem muito amor. Não existe muito amor mais. Até nos casais não existe. E como eu tive muito, isso aí dói. Ele gostava bastante de mim e eu gostava bastante dele. Tinha que gostar mesmo né.

O tratamento ao idoso nos dias atuais:

Depende o lugar, que eles tão, como tratam. Aqui é razoável. Eu sempre fui tratada bem, tanto as enfermeiras quando as irmãs, não tenho queixas. Não gosto muito da comida, porque é muito diferente da gente.

A passagem do tempo é vagarosa para ela. Sem ter muito o que fazer, os dias alongam-se:

Ah, eu acho que tá demorando. É porque agora já não tem mais o que a gente tinha de distração, de passear, de sair. Então tem que curtir aqui. Tem dias que eu fico aqui sem saber o que fazer. Aí eu já fecho aqui, desço e vou lá embaixo. Pronto, sumiu um pouco. Aí assisto televisão também, passa um pouco o tempo.

A morte parece não amedrontá-la. Certa de que a vida não vale a pena, não teme a chegada daquela:

Da morte? Não, peço a Deus o quanto mais antes. Porque aqui não vale a pena viver não. O mundo tá cada vez pior. E é o mundo que nós estamos.

Dona Percides, em todas as suas respostas, foi rápida e objetiva. Sua fala difere um pouco dos demais por parecer fechar-se nelas, evitando assim que suas verdadeiras sensibilidades pudessem vazar. No entanto, sua aparente apatia diante da vida e da ideia de morte podem, sim, revelar amargura e sofrimento.

CONSIDERAÇÕES

“Quando a sociedade esvazia seu tempo de experiências significativas, empurrando-o para a margem, a lembrança de tempos melhores se converte num sucedâneo da vida. E a vida atual só parece significar se ela recolher de outra época alento. O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância.”

(BOSI, E., 2004, p. 82)

Na busca de seguir o alvo desse estudo que se firmou em perceber a velhice na sociedade contemporânea, buscando-se perscrutar suas sensibilidades suscitadas a partir de sua condição como interno, fez-se, primeiramente, uma incursão numa bibliografia interdisciplinar para que o objeto de estudo pudesse ser enxergado de várias direções. Nessa trajetória, observou-se um panorama social em constantes mutações que tem produzido mudanças na vida dos idosos bem como lhes atribuído novos papéis sociais. Com a perspectiva de uma vida bem mais longa, problemas têm surgido e surgirão, como indicam pesquisas, apontando para novos desafios que todos deveremos enfrentar juntos: sociedade, família dos idosos, o Estado e o próprio sujeito em questão.

Com este estudo, foi possível captar a presença de duas visões que tanto a sociedade quanto pensadores têm formulado da velhice. Uma é a de tratar-se de uma fase abarcada por perdas, em que o sujeito é caracterizado pela decadência física, pela fragilidade e perda de papéis sociais; um sujeito dependente e excluído socialmente. A segunda concebe essa etapa da existência como período em que o sujeito idoso pode somar ganhos; uma fase propícia à realização de alguns projetos esquecidos, fase em que se pode pensar em buscar o prazer, novas conquistas, aproveitar para o lazer e a satisfação pessoal.

Nesse percurso, soou latente um discurso contemporâneo impregnado pela ideia da eterna juventude, do consumo e da beleza. Um discurso que leva à estratificação social, atraindo em maior volume os idosos para a exclusão. No entanto, percebeu-se, entre os velhos entrevistados, não haver muita preocupação com a imagem física. Com isso, não se importam em estar fora dos padrões de beleza inspirados na juventude. Em compensação, todos associaram a velhice a

uma fase de perdas, de limitações físicas e mental. Esse descaminho intensifica-se à medida que o tempo transcorre. O temor de entrar em um período de debilidade, de dependência e alienação foi observado em todas as falas. Receio que ganha maior proporção por estarem convivendo diariamente com outros velhos que se encontram nesse estado. Testemunham, ali, as transformações – dia a dia mais visíveis e acentuadas – pelas quais passam os outros internos. Logo, a morte passa a ser uma solução para se evitar todo esse sofrimento.

Os estudos apontam para a compreensão de que a velhice não chega, não acontece da mesma forma a todos. Ela será o produto de experiências pessoais de cada indivíduo; experiências marcadas e significadas por influências socioambientais, ressemantizadas de forma diferenciada por cada um.

Quando a pesquisa tem como objeto o ser humano, são necessárias investigações mais amplas, valendo-se de diferentes instrumentos, dada a complexidade da existência humana. Nesse contexto, a obra poética vem ampliar nossa visão da velhice, sedimentando-a como uma etapa singular. Poeticamente significada por diferentes autores, a velhice pode ser melhor compreendida e vista de maneira mais humana, uma vez que a obra poética abarca-nos de sensibilidade.

Ao imergirmos na vida cotidiana, tentando olhar de fora suas cores e ouvir suas vozes, as nuances empalidecem, e as vozes são cortadas por rumores. Para melhor entender, perceber seu pulsar, é preciso respirar junto, pisar junto, olhar no olhar do outro, colocar-se no lugar do outro. É necessário que passemos pela vida, não de forma contemplativa, mas que nela mergulhemos de maneira participativa, ativa.

Viver uma velhice saudável é, antes de tudo, aceitar que a vida tem um curso natural e que, durante esse processo, vamos perdendo nossas forças, mas que, ainda assim, temos vida. Portanto, apesar da correnteza que nos leva a algum lugar ou a nenhum lugar – rumo ao desconhecido – por isso temido –, nossas braçadas não devem cessar; enquanto há no peito um coração que pulsa.

A sociedade tem criado estereótipos nos quais temos acreditado e conformado nossas atitudes. Com esta pesquisa, a velhice passou a ter outro significado para mim. Não entrei limpa nela. Iniciei-a com respingos de preconceitos que a sociedade lança sobre os velhos. Mas à medida que mergulhava em seu cotidiano, à medida que aumentava meu contato com os velhos e ouvia seus relatos, suas histórias, fui, aos poucos, despindo-me de pré-conceitos. Fico com o conselho

de Jorge Forbes (informação verbal)²²: “Vamos manter as perguntas ao invés da tranquilidade das respostas”.

Esta pesquisa oportunizou-me acompanhar trajetos e memórias desses narradores. Conhecer melhor o ser humano e constatar a incompletude de nossa existência.

O contato aproximado com os velhos propiciou-me horas de alegria, mas também de tristeza. Alegrei-me nos vários momentos em que era presenteada com depoimentos reais de luta pela vida e de superação. Não desistir, eis a ordem! Entretanto, enchi-me de tristeza ao ouvir histórias de perdas, sofrimento e abandono. Estar lá no Lar com os idosos, participar de sua rotina, mostrou-me que para entender um pouco de nossa complexa existência há, necessariamente, que frequentar a vida!

²² Informação de Jorge Forbes no Café Filosófico *Velhice, pra que te quero?*, em 2012.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Se eu pudesse viver minha vida novamente...: textos selecionados**. Raíssa Castro (Org.). Campinas, SP: Verus, 2014.
- ANDRADE, Carlos D. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- _____. Carlos Drummond de Andrade: **Poesia e Prosa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992.
- _____. **Boitempo II**. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Edipro, 2011.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Joaquim José Moura Ramos. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BAKKER FILHO, João P. de. *A velhice institucionalizada*. In: **É Permitido Colher Flores? Reflexões sobre o envelhecer/** João P. de Bakker Filho (Org.). Curitiba: Champagnat, 2000.
- BANDEIRA, Manuel. **Consoada**. Disponível em: <<http://www.casadobruzo.com.br/poesia/m/consoada.htm>> Acesso em: 09 ago. 2015.
- BARROS FILHO, Clóvis; LOPES, Felipe; CARRASCOZA, Jorão. **Identidade e consumo na pós-modernidade: crise e revolução no marketing**. Revista FAMECOS. Porto Alegre. nº 31. dez. 2006. pp. 102-116.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulações**. Lisboa: Relógio d'água, 1991.
- BAUMAN, Zigmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zorge Zahar Editor, 2004.
- _____. **Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008a.
- _____. **Medo líquido**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BEAUVOIR, Simone de. **A velhice: a realidade incômoda**. São Paulo e Rio de Janeiro: DIFEL, 1976.

BENJAMIN, Walter. *O Narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* In: **Textos Escolhidos**. Tradução de José Lino Grünewald [et al.]. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BERGSON, Henry. **Matéria e Memória**. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BLANCHOT, Maurice. **O Espaço Literário**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BOBBIO, Norberto. **O tempo da Memória**. De Senectute e outros escritos autobiográficos. Tradução de Daniela Versiane. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BOSI, Alfredo. **O Ser e o Tempo da Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. 11 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BRANDÃO, Vera M. A. T.; MERCADANTE, Elizabeth F. *Envelhecimento ou Longevidade?* In: **Coleção Questões Fundamentais do Ser Humano, 8**. São Paulo: Paulus, 2009.

CAMARANO, Ana Amélia. **Café Filosófico: Vivendo mais ficamos mais tempo velhos ou jovens?** 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8_dw_TncGjI> Acesso em: 02 set. 2015.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange; MELLO, Juliana Leitão e. **Quão além dos 60 poderão viver os idosos brasileiros?** In: Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60? Ana Amélia Camarano (Org.). Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CAMARANO, Ana Amélia; MENDONÇA, Jurilza. **IPEA – A Situação dos Idosos no Brasil, 2011**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PGoOb3_8A-E> Acesso em: 02 set. 2015.

CAMARANO, Ana Amélia; PASINATO, Maria Tereza. *Introdução*. In: **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Ana Amélia Camarano (Org.). Rio de Janeiro: IPEA, 2004a.

_____. *O Envelhecimento Populacional na Agenda das Políticas Públicas*. In: **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Ana Amélia Camarano (Org.). Rio de Janeiro: IPEA, 2004b.

CARVALHO; FERNANDEZ. *Depressão no Idoso*. In: **Gerontologia**. São Paulo: Editora Atheneu, 2002.

DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da Velhice**. São Paulo: Edusp: Fapesp, 2012

DISRAELI, Benjamin. **Quem disse?:** A vida é muito curta para ser pequena. Disponível em: <<http://quemdisse.com.br/frase/a-vida-e-muito-curta-para-ser-pequena/96865/>> Acesso em: 15 out. 2015.

DOMINIQUE, Gros. **Simone de Beauvoir, uma mulher atual.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gPYllsnu950>> Acesso em: 17 maio 2015.

ELIAS, Norbert. **A Solidão dos Moribundos**, seguido de, Envelhecer e morrer. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FERRY, Luc. **Entrevista com Luc Ferry.** 2008. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/comportamento/entrevista-com-luc-ferry>> Acesso em: 21 mar. 2015.

_____. **Aprender a Viver.** Filosofia para novos tempos. Tradução de Vera Lucia dos Reis. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2010.

_____. **Entrevista: Como alcançar serenidade na sociedade do medo?** 2015. Disponível em: www.fronteiras.com/entrevistas/luc-ferry. Acesso em: 21 jul. 2015.

FERRY, Luc; FORBES, Jorge. **Café Filosófico: as transformações do mundo contemporâneo.** 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=U-E2MSeXoSs>> Acesso em: 11 jun. 2015.

FORBES, Jorge. **Café Filosófico: Velhice, pra que te quero?** 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=U51jRqgWFYc>> Acesso em: 12 jun. 2015.

FREUD, Sigmund. *"Thoughts for the time of war and death"* In: **Freud, Civilization, Society and Religion** / Albert Dickson (Org.) Penguin, 1991, pp. 77-85.

GIKOVATE, Flávio. **Café Filosófico: Amor em Tempos Longevos.** 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9puGTP9QXR0>> Acesso em 26 ago. 2015.

GIKOVATE, Flávio; RIBEIRO, Renato Janine. **Café Filosófico: Nossa sorte, nosso norte.** 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1kl8YiqFCsc>> Acesso em: 11 jun. 2015.

GOLDANI, Ana Maria. *Relações Intergeracionais e Reconstrução do Estado de Bem-Estar. Por que se deve repensar essa relação para o Brasil?* In: **Os novos idosos brasileiros – Muito além dos 60?.** Ana Amélia Camarano (Org.). Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JAMESON, Fredric. **A cultura do dinheiro:** ensaios sobre a globalização. 3 ed. Tradução de Maria Elisa Cevasco e Marcos César de Paula Soares. Petrópolis: Vozes, 2001.

KALACHE, Alexandre. **Café Filosófico: E você, está se preparando para a velhice ou vai se deixar surpreender?**, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xE9KUtB-UoA>> Acesso em: 06 de junho de 2014.

_____. **Fórum da Saúde, Folha de São Paulo**. 2014. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha> Acesso em: set 2016.

KARNAL, Leandro. **A utopia da melhor idade**. Campinas, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_uBpH6jEAbU> Acesso em: 17 de maio de 2015.

_____. **Tempo, historiografia e mundo líquido**. Uberlândia, 2015. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=cqYpFwki1CA>> Acesso em: 06 jun. 2015.

_____. **Pensador**. Disponível em: <https://pensador.uol.com.br/autor/leandro_karnal/> Acesso em: 05 nov. 2016

KIRKWOOD, Thomas. **Por que não vivemos para sempre?** Set. de 2010. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/ladem/2010/09/21/por-que-nao-vivemos-para-sempre-artigo-de-thomas-kirkwood/>> Acesso em:

LEME, Luiz Eugênio Garcez; SILVA, Paulo Sérgio Carvalho Pereira da. *O Idoso e a Família*. In: **Gerontologia**. São Paulo, Atheneu, 2002.

LEOPOLDO e SILVA, Franklin. **Entre a singularidade e a homogeneização**. In: Portal Ciência & Vida. 2013. Disponível em: <<http://psiquecienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/17/imprime69946.asp>> Acesso em: 20 set. 2015.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. O declínio do individualismo na sociedades de massa. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

_____. **A parte do diabo**: resumo da subversão pós-moderna. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. **O ritmo da vida**: variações sobre o imaginário pós-moderno. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. **A República dos Bons Sentimentos**. Tradução de Ana Goldberger. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 2009.

_____. **Saturação**. Tradução de Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, Itaú Cultural, 2010.

_____. **O tempo retorna**: formas elementares do pós-modernidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MARTON, Scarlett. **Café Filosófico: A morte como instante de vida**. 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A46dfe8B5Us>>. Acesso em 12 de maio de 2015.

MEIRELES, Cecília. **Cânticos**. São Paulo: Editora Moderna, 1982.

_____. **Cecília Meireles: poesia**. Coleção Nossos Clássicos/ por Darcy Damasceno. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR., Carlos E. A. [Org.] **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

MORAES, Vinicius de. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960.

NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora (M/A)**. Tradução de Paulo C. Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

_____. **Crepúsculo dos Ídolos, ou, Como se filosofa com o martelo**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

OLIVEIRA, R.C.S. **Velhice: teorias, conceitos e preconceitos**. A Terceira Idade, São Paulo, v. 12, n. 25, 2002.

PAES, José Paulo. **Os Melhores Poemas de José Paulo Paes / Seleção Davi Arrigucci Jr.** 5 ed. São Paulo: Global, 2003.

PAPALÉO NETTO, Matheus. *Envelhecimento: Desafio na Transição do Século*. In: **Gerontologia**. São Paulo: Editora Atheneu, 2002.

PONDÉ, Luiz Felipe. **A Pós-Modernidade (Zygmunt Bauman)**. 2006. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=qx-tRVyMphk>>. Acesso em: 15 set. 2015.

PORTELLI, Alessandro. "What makes oral history different" In: **The death of Luigi Trastulli and other stories: form and meaning in oral history**. Albany: State University of New York Press, 1991.

QUINTANA, Mário. **A cor do invisível**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1997.

_____. **Nariz de vidro**. São Paulo: Moderna, 2003.

_____. **Melhores Poemas, Mario Quintana/ Seleção de Fausto Cunha**. 17 ed. São Paulo: Global, 2005.

_____. **Mario Quintana: Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

_____. **Nova Antologia Poética**. 12 ed. São Paulo: Globo, 2007.

_____. **Os 10 melhores poemas de Mário Quintana**. Disponível em: <<http://www.revistabula.com/2329-os-10-melhores-poemas-de-mario-quintana/>>

Acesso em: 11 jun. 2016.

SAAD, Paulo Murad. *Transferência de Apoio Intergeracional no Brasil e na América Latina. In: Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60?* Ana Amélia Camarano Org.). Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

SARTRE, Jean Paul. O existencialismo é um humanismo. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte, Bento Prado Júnior. 3 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SCORTEGAGNA, Helenice de M. **Vivendo e aprendendo para um envelhecer saudável.** Passo Fundo: UPF, 2001.

VANDRÉ, Geraldo. **Pra não dizer que não falei das flores.** São Paulo: Discos RGE - Fermata, p. 1979. 1LP.

VERAS, R.P. **País Jovem de Cabelos Brancos:** a saúde do idoso no Brasil. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

VERAS, Renato. *Prefácio. In: Antropologia, saúde e envelhecimento.* Maria Cecília de Souza Minayo e Carlos E. A. Coimbra Jr (Org.). Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

ZIMERMAN, Guite I. **Velhice – aspectos biopsicossociais.** Porto Alegre: ArtMed, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – (TCLE)

O(A) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar livremente da pesquisa intitulada “**A EXPERIÊNCIA DE TEMPO E ESPAÇO DA VELHICE NO LAR DO IDOSO BETÂNIA DE JOINVILLE**”, sob a responsabilidade da pesquisadora Mara Falcão Palhares Barbosa, aluna do Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, com a orientação da Prof^a. Dr^a. Taiza Mara Rauen de Moraes Esta pesquisa tem como objetivo trazer elementos que mostrem como vive o idoso em ancianato, e como faz de sua memória ferramenta de sobrevivência e afirmação de sua identidade. A pesquisadora acredita que, a partir dos resultados desta pesquisa, muitos olhares da sociedade deverão se voltar para os idosos, trazendo benefícios a estes. Assim sendo, o(a) senhor(a) autoriza a utilização de sua voz e imagem ao conceder depoimentos orais que serão coletados através de entrevistas semiestruturadas, sendo todas as entrevistas, previamente marcadas por telefone, nos dias em que, a critério da direção da instituição, não houver algum evento com seus/suas internos(as); bem como autoriza o uso do seu nome e dados, sabendo que não há pagamento de cachê e que a utilização dessas informações será para fins institucionais. E também, o(a) senhor(a) está ciente de que a pesquisadora responsável prestará esclarecimentos sobre os procedimentos a serem realizados e que esta pesquisa não trará risco à sua integridade física e moral, sendo os demais riscos mínimos. As informações obtidas neste estudo serão úteis cientificamente, especialmente para as áreas de Literatura, Ciências Humanas e Ciências Sociais aplicadas, no que se refere à Memória, à Identidade e ao Patrimônio Cultural de natureza Material e Imaterial, e poderão ser divulgadas em publicações e congressos. Em qualquer fase do estudo, o(a) senhor(a) terá livre acesso aos resultados da pesquisa e garantido esclarecimento sobre a mesma, antes e durante as entrevistas, podendo também se recusar a responder a quaisquer das perguntas, independentemente de justificativas. Sua participação é, portanto, voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem qualquer ônus ou consequência para o(a) senhor(a). Será garantido sigilo quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa e poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo.

Este documento está redigido em duas vias, uma pertence à pesquisadora responsável e a outra ao pesquisado (a), como comprovação documental de participação. Para quaisquer esclarecimentos ou reclamações, entrar em contato com **Mara Falcão Palhares Barbosa**, pelo telefone celular **(47) 9795-7082** ou pelo e-mail **marafpbarbosa@gmail.com**.

ATENÇÃO: Em caso de dúvida quanto aos seus direitos, escreva para: Comitê de Ética em Pesquisa da Univille. Endereço: Rua Paulo Malschitzki, 10. Campus Universitário – Zona Industrial. Caixa postal 246. CEP: 89219-710 Joinville/sc. Ou entre em contato pelo telefone:(47) 3461-9235.

Pesquisador responsável: Nome: **Mara Falcão Palhares Barbosa**

Assinatura:

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DO PESQUISADO (A)

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar do presente estudo como sujeito e declaro que fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Local e data: _____

Assinatura do Sujeito ou Responsável legal: _____

Telefone para contato: _____

APÊNDICE B - AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, _____

abaixo assinado(a), autorizo nos termos da Constituição da República Federativa do Brasil, no seu capítulo X, art. 5, à Fundação Educacional da Região de Joinville – FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, a utilizar minha imagem e/ou voz, diante da aprovação do material apresentado, em qualquer mídia eletrônica, falada ou impressa, bem como autorizar o uso de nome, estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização dessas imagens será para fins da pesquisa **“A EXPERIÊNCIA DE TEMPO E ESPAÇO DA VELHICE NO LAR DO IDOSO BETÂNIA DE JOINVILLE”**, cujo objetivo é trazer elementos que mostrem como vive o idoso em ancianato, e como faz de sua memória ferramenta de sobrevivência e afirmação de sua identidade.

Assinatura: _____

Joinville, _____ de _____ de 2016.

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO

Através deste questionário, por meio de entrevistas semiestruturadas, com perguntas abertas – que deverão acontecer nos meses de maio e junho, sempre no período da tarde, envolvendo um total de oito internos (as) respondentes -, nas quais os mesmos sentir-se-ão mais livres para responder, a pesquisadora pretende ter uma aproximação maior com esses entrevistados.

Além dos aspectos, elencados a seguir, que serão considerados nas entrevistas, deverá ser preenchida uma ficha de identificação (em anexo).

Aspectos a serem tratados

- Que relação o(a) senhor(a) estabelece com o espaço onde ora vive?
- De que forma a atual morada é percebida como um lugar de acolhimento, de aconchego, de proteção?
- Que objetos remetem a lembranças significativas, marcantes da antiga casa e qual a ligação com esses objetos?
- Com que frequência lembranças de fatos vividos na(s) antiga(s) morada(s) voltam à memória e o impacto daquelas em sua vida?

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ENTREVISTADO(A)

1.1 Nome: _____

1.2 Sexo: () Masculino () Feminino

1.3 Data de Nascimento: ____/____/____.

1.4 Local de Nascimento:

município: _____ estado: _____ país: _____

1.5 Filiação: pai _____

mãe _____

1.6 Profissão: _____

1.7 Escolaridade:

() ensino fundamental

() mestrado

() ensino médio

() doutorado

() graduação

() pós-doutorado

() especialização

1.8 Área de formação:

() Ciências Agrárias

() Ciências Humanas

() Ciências Biológicas

() Ciências Sociais aplicadas

() Ciências da Saúde

() Engenharias

() Ciências Exatas e da Terra

() Linguística, Letras e Artes

1.9 Estado civil:

() solteiro(a)

() divorciado(a)

() casado(a)

() viúvo(a)

() separado(a)

1.10 Endereço (instituição):

rua: _____ nº _____

bairro: _____ cidade: _____

APÊNDICE D - DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO CO-PARTICIPANTE

Declaramos para os devidos fins que concordamos com os itens citados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que será assinado pelos sujeitos de pesquisa participantes de nossa empresa. Assim, autorizamos o(a) Prof^a Mara Falcão Palhares Barbosa. , aluno do Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville- UNIVILLE, a realizar a pesquisa com o título : **“A experiência de tempo e de espaço da velhice no Lar de Idoso de Joinville”**.

Cumpriremos o que determina a Resolução 466/12– CONEP/MS e contribuiremos com a pesquisa mencionada sempre que necessário, fornecendo informações.

Sabemos que nossa instituição poderá a qualquer fase dessa pesquisa retirar esse consentimento. Também foi, pela pesquisadora acima mencionada, garantido o sigilo e assegurada a privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa.

Concordamos que os resultados deste estudo poderão ser apresentados por escrito ou oralmente em congressos e revistas científicas, totalmente anônimos.

Colocamo-nos à disposição para qualquer esclarecimento que se faça necessário.

Atenciosamente

Diretor

Empresa

ANEXOS

ANEXO A - LAR BETÂNIA

A Associação Diocesana de Promoção Social (ADIPROS) em 10 de dezembro de 2003 iniciou a implementação de um projeto voltado para as pessoas idosas em situação de vulnerabilidade ou risco social. Foi criado assim o Lar do Idoso Betânia.

A entidade é de Longa Permanência e está de acordo com as normas dos órgãos reguladores do município, devidamente registrada nos Conselhos Municipais do Idoso, da Assistência Social e de Segurança Alimentar e Nutricional.

O Lar do Idoso Betânia tem como missão atender pessoas (com idade de 60 anos para mulheres e 65 anos para homens) preferencialmente residentes no município de Joinville. As vagas existentes são divididas da seguinte forma: 40% destinadas as pessoas em situação socioeconômica precária, encaminhada pelo órgão Gestor, 10% destinados a idosos que recebem até um salário mínimo e 50% destinadas a pagantes.

A princípio adotou-se como procedimento realizar visita domiciliar e atendimento médico e social na entidade, visando avaliar e conhecer o idoso no aspecto físico, emocional e social, além de conscientizar a família sobre suas responsabilidades e direitos. Esta ação é realizada pela equipe multidisciplinar do Lar do Idoso Betânia.

Como forma legal e de organização, o Lar conta com um Regimento Interno que é o instrumento seguido pelos moradores, familiares e funcionários da entidade. Atualmente estão institucionalizados 41 idosos, sendo destes, 15 homens e 27 mulheres, que recebem toda assistência necessária, visando à preservação da sua identidade em um ambiente de respeito e dignidade. (Lei nº. 10.741, de 1º de outubro de 2003).

No quadro profissional, a entidade conta com quatro religiosas, com uma equipe multidisciplinar (administrador, assistente social, terapeuta ocupacional, enfermagem e nutricionista), com auxiliar administrativo, cozinheiras, zelador e serviços gerais.

Para auxiliar no desenvolvimento dos trabalhos, os voluntários se fazem presente nas diversas áreas como saúde, educação física, artesanato, serviços gerais, entretenimento, dentre outras atividades desenvolvidas, que proporcionam o bem-estar físico e emocional dos idosos que residem no Lar.

O custeio da entidade é realizado por meio de convênio com a Prefeitura do Município de Joinville, firmado no ano de 2005, com as mensalidades dos moradores pagantes e doações realizadas pela comunidade.

Desta forma, o Lar do Idoso Betânia, em consonância com o Estatuto do idoso, promove a preservação da saúde física e mental dos idosos e o seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de dignidade, buscando preservar os vínculos familiares e comunitários.